

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Educação**  
**Programa de pós-graduação em educação: conhecimento e inclusão social**

Reinaldo Wadeyuna Luiz Rocha

***AAKENE TÖWECCHOJO JE YE'KWANA NIJUMMAANÄ FAJEEDA AI***  
***WOOWANOOMANÄ?***  
**O QUE QUEREM OS YE'KWANA COM A ESCOLA?**

Belo Horizonte  
2022

Reinaldo Wadeyuna Luiz Rocha

***AAKENE TÖWECCHOJO JE YE'KWANA NIJUMMAANÄ FAJEEDA AI  
WOOWANOOMANÄ?***  
**O QUE QUEREM OS YE'KWANA COM A ESCOLA?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Maria Rabelo Gomes

Co-orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Karenina Vieira Andrade

Co-orientador: Prof. Dr. Pablo de Castro Albernaz

Belo Horizonte  
2022

R672a  
T

Rocha, Reinaldo Wadeyuna Luiz, 1969-  
Aakene töwecchojo je ye'kwana nijummaanä fajeeda ai woowanoomanä?  
[manuscrito] = o que querem os ye'kwana com a escola? / Reinaldo Wadeyuna  
Luiz Rocha. -- Belo Horizonte, 2022.  
104 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Educação.

Orientadora: Ana Maria Rabelo Gomes.  
Coorientadora: Karenina Vieira Andrade.  
Coorientador: Pablo de Castro Albernaz.  
Bibliografia: f. 103-104.

1. Educação -- Teses. 2. Índios -- Educação -- Teses. 3. Índios Ye'kwana --  
Educação -- Teses. 4. Índios Ye'kwana -- Ensino médio -- Teses. 5. Índios  
Ye'kwana -- Etnologia -- Teses. 6. Escolas indígenas -- Índios Ye'kwana -- História  
-- Teses. 7. Sociologia educacional -- Teses. 8. Etnologia -- Educação -- Teses.  
9. Comunidades Tradicionais -- Teses.

I. Título. II. Gomes , Ana Maria Rabelo. III. Andrade, Karenina Vieira, 1979-  
IV. Albernaz, Pablo de Castro. V. Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Educação.

CDD- 371.9798

**Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



## ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO REINALDO WADEYUNA LUIZ ROCHA

Realizou-se, no dia 31 de março de 2022, às 09:00 horas, em plataforma virtual devido a pandemia COVID-19, a 1470ª defesa de dissertação, intitulada *ĀNE'KĀTOOJO KA YE'KWANA NJUMMAANĀ WOOWANOOMATOOJO? O que querem os Ye'kwana com a escola?* apresentada por REINALDO WADEYUNA LUIZ ROCHA, número de registro 2019659950, graduado no curso de LICENCIATURA INTERCULTURAL, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Ana Maria Rabelo Gomes - Orientador (UFMG), Prof(a). Shirley Aparecida de Miranda (UFMG), Prof(a). Majoi Favero Gongora (CEStA/USP).

A comissão considerou a dissertação: aprovada, ressaltando a originalidade da pesquisa desenvolvida pelo mestrando através de uma auto-etnografia que espelha o engajamento e partilha coletiva sobre o tema da educação escolar entre os Ye'kwana. A banca ressalta as contribuições da pesquisa para o enfrentamento dos problemas atuais da educação escolar indígena. A banca sugere modificações para a versão final da dissertação.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.  
Belo Horizonte, 31 de março de 2022.

Prof(a). Ana Maria Rabelo Gomes ( Doutora )

Ana Maria R  
Gomes

Digitally signed by Ana Maria R Gomes  
DN: cn=Ana Maria R Gomes, o=UFMG,  
ou=Faculdade de Educação,  
c=br, email=ana.gomes@ufmg.br, c=BR  
Date: 2022.04.01 18:42:54 -0700

Prof(a). Shirley Aparecida de Miranda ( Doutora )



Documento assinado digitalmente  
SHIRLEY APARECIDA DE MIRANDA  
Data: 10/04/2022 21:20:46 -0300  
Verifique em https://verificador.jf.br

Prof(a). Majoi Favero Gongora ( Doutora )

*Majoi Favero Gongora*



## AGRADECIMENTOS

### *ÄWIISHICHAATO AI ÄDHAAMO WWÄ WÄ'DÖJÄ'NÄ*

À *Wanaadi*, por ter dado a minha vida e do meu conhecimento.

Ao *Kooko Yaamä'jä Umö'jödö*, por ter contribuído muito da sua sabedoria.

À professora Ana Gomes, pelo esforço de me orientar incansavelmente.

Ao meu co-orientador do Professor Pablo, que contribuiu de forma fundamental durante o processo de escrita do texto.

Ao senhor Júlio, presidente da Associação *Wanasseduume Ye'kwana* – SEDUUME.

Ao senhor Enilton André da Silva, coordenador geral da Organização de Professores Indígenas do Estado de Roraima – OPIRR.

Ao prof. Martim, responsável da E.E. *Mötaaku Ye'kwana* que confiou da minha trajetória do curso.

À professora Jandyra Dominoni, por ter me incentivado desde princípio da escolarização.

Ao professor Tomé Luiz Rocha, que me alfabetizou desde o início do meu aprendizado.

Ao professor colega Daniel, por ter apoiado muito em relação à moradia e à alimentação em Belo Horizonte.

Agradeço as lideranças das comunidades e os professores com quem consegui dialogar.

Agradeço aos guardiões importantes dos nossos *ädeaja* e do ambiente onde moramos.

Agradeço muito às minhas irmãs, principalmente Márcia que sempre acreditou no meu esforço.

Agradeço às equipes da saúde que fazem atendimentos em nossas comunidades.

Agradeço aos meus filhos e filhos dos meus filhos, dentre outras pessoas.

## **Resumo**

Essa dissertação retoma a história da escola entre os Ye'kwana e apresenta os diferentes momentos de sua construção. Relata as tensões atuais com as mudanças que ocorrem no modo de vida das comunidades e dos jovens, a partir das reflexões dos sábios, dos professores e dos próprios jovens. A partir dessa trajetória, procura indicar os caminhos a serem seguidos no momento atual em que está sendo discutida e encaminhada a proposta de Ensino Médio Ye'kwana. A abordagem da pesquisa é em grande parte autoetnográfica, pois se baseia na direta participação do autor em todos os momentos relatados e analisados.

Palavras-chave: escola Ye'kwana; ensino médio Ye'kwana; educação escolar indígena; educação diferenciada

## **Resumo em Ye'kwana**

### ***Tujunna'komomma ekammadö***

*Edä tö'ta'jäätödö ömmennädö naadö aka nätäakammajä'a, mädä fajeeda ai mudeeshi'chä Ye'kwana sejjetaato'komo ajäntä'jödö jäkä yeichö töjaatawä. Eduuwa wennhä na änejjana che däjja, fenaadä wenhä nä'jannö je'da. Määdäje kanno inchonkomo wwänhe yäanedö na, mädä woowanoomanä ajäntäjäätö'jödö jonno yeichö . Yääje yeijäkä yaawä chö'tammeköödö mmaane mädä, äwiishichaato chääma'tädö edantädö jäkä yeichö. Mädä awa'deeto jejaato sejjetaatojo (Ensino Médio) ajäntä'se wennhä naadö. Töweiye mmaane na chö'tamme'jätö'jödö imennaajä, mädä awa'deeto jejaato sejjetaatojo eema'tädö jäkä wäätajäätö'jä, edä töwööje tömmennädö naadö aka töweiye che mmaja neekammajäätö'jödö naadea, mädä jäkä mmaja.*

*A'deu wata'dukwaatojo: Mänseedo'koto che Ye'kwana sejjetaatojo fajeeda ai yeichö*



## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – MAPA – TERRA INDÍGENA YANOMAMI _____	40
IMAGEM 2 – MAPA – TERRA INDÍGENA YANOMAMI NO BRASIL _____	40
IMAGEM 3 – À DIREITA, O ENTÃO PRESIDENTE DA APYB, CASTRO COSTA DA SILVA, AO LADO DE VICENTE CASTRO YE'KWANA. _____	77
IMAGEM 4 – JOVENS YE'KWANA EM BOA VISTA (RR). _____	77
IMAGEM 5 – FALA DURANTE A OFICINA DO PPP YE'KWANA. _____	78
IMAGEM 6 – FALA DURANTE A OFICINA DO PPP YE'KWANA. _____	78
IMAGEM 7 – FALA DURANTE A OFICINA DO PPP YE'KWANA. _____	79
IMAGEM 8 – DA ESQUERDA PARA A DIREITA, OS SÁBIOS: CONTRERA, MAJAANUMA, PABLO, DAVI E PERI. _____	80
IMAGEM 9 – ESTUDOS YE'KWANA. _____	80
IMAGEM 10 – ESTUDOS YE'KWANA. _____	81
IMAGEM 11 – DEBATE SOBRE A HISTÓRIA DA ESCOLARIZAÇÃO. _____	83
IMAGEM 12 – DEBATE SOBRE A HISTÓRIA DA ESCOLARIZAÇÃO, COM JANDYRA, PRIMEIRA PROFESSORA DA ESCOLARIZAÇÃO YE'KWANA. _____	83
IMAGEM 13 – MARCO ANTONIO, PAULO E PERI. _____	84
IMAGEM 14 – DEBATE SOBRE O ENSINO MÉDIO. _____	84
IMAGEM 15 – DEBATE SOBRE O ENSINO MÉDIO. _____	84
IMAGEM 16 – FALA DE MAJAANUMA (JOSÉ ANTÔNIO) SOBRE O ENSINO MÉDIO. _____	85
IMAGEM 17 – FALA DE VICENTE CASTRO SOBRE O ENSINO MÉDIO. _____	85
IMAGEM 18 – NOSSA ESCOLA APOLINÁRIO GIMENES. _____	85

Créditos: Todas as fotografias são de Pablo Albernaz.

## LISTA DE SIGLAS

AIE – agentes indígenas de endemias  
AIPEF – agentes indígenas de pilotos de embarcação fluvial  
AIS – agentes indígenas de saúde  
AISAN – agente indígena de saneamento básico  
APYB – Associação do Povo Ye'kwana no Brasil  
BH – Belo Horizonte  
BNCC – Base Nacional Comum Curricular  
CEE/RR – Conselho Estadual de Educação de Roraima  
DCRR – Documento Curricular do Estado de Roraima  
EEI – Escola Estadual Indígena  
EJA – Educação de Jovens e Adultos  
FAE – Faculdade de Educação  
FUNAI – Fundação Nacional do Índio  
INE – Instituto Nacional de Estatística  
LDB – Lei de Diretrizes e Bases  
MEC – Ministério de Educação  
MEVA – Missão Evangélica da Amazônia  
MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização  
NEI – Núcleo de Educação Indígena  
OPIR – Organização dos Professores Indígenas de Roraima  
PPP – Projeto Político Pedagógico  
PPUY – Projeto Pedagógico Unificado Ye'kwana  
SECD – Secretaria de Educação, Cultura e Desportos  
SEDUC – Secretaria de Educação  
SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena  
TEI – técnicos de enfermagem indígena  
UCDB – Universidade Católica Dom Bosco – conferir  
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais  
UFRR – Universidade Federal de Roraima

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: TRAJETÓRIA E APRENDIZAGEM EM DOIS CAMINHOS DE UM PROFESSOR E DE UM PESQUISADOR	25
1.1 MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA DESDE A INFÂNCIA	25
1.2 INÍCIO DA ESCOLARIZAÇÃO	30
1.3 CONCLUSÃO DE ENSINO FUNDAMENTAL E CARREIRA MAGISTÉRIO PROFISSIONAL	31
1.4 NOVO DESAFIO NO MUNDO ACADÊMICO	34
1.5 PERSPECTIVA DO YE'KWANA SOBRE O CURSO NA FAE-UFMG	35
CAPÍTULO 2: O POVO YE'KWANA, AS TERRAS INDÍGENAS DOS YE'KWANA NO BRASIL E O ENCONTRO DOS YE'KWANA COM OS BRANCOS	37
2.1 COMUNIDADES	38
2.2 AS SITUAÇÕES DAS COMUNIDADES ATUAIS E O ATENDIMENTO À SAÚDE	41
2.3 OS YE'KWANA ACREDITAM NO SEU CRIADOR E NOS PRINCÍPIOS	42
2.4 A HISTÓRIA MILENAR YE'KWANA	43
2.5 PRIMEIRO CONTATO COM OS YADAANAWICHOMO (OS HOMENS BRANCOS ESTRANHOS)	45
CAPÍTULO 3: A ESCOLA ENTRE OS YE'KWANA	47
3.1 A ORIGEM DO PAPEL RELATADA EM WÄTUNNÄ	48
3.2 PRIMEIROS TEMPOS E PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS	52
3.3 A ESCOLA YE'KWANA HOJE: NOVAS OPORTUNIDADES, TEMAS ATUAIS	60
3.4 O QUE QUEREM OS YE'KWANA COM A ESCOLA? NOVAS QUESTÕES E DESAFIOS	67
CAPÍTULO 4: ENSINO MÉDIO YE'KWANA: BUSCANDO O CAMINHO RETO. UNWAADÄDÄ'KOTO CHE YE'KWANA WÄ'SEJE'TÄTOOJO EDANTÄDÖ, ÄWIISHICHAATO ÄÄMA	76
4.1 NOSSO FUTURO: O ENSINO MÉDIO NA COMUNIDADE	76
4.2 OFICINAS PARA DISCUSSÃO DO ENSINO MÉDIO	81
4.3 OS TEMAS DEBATIDOS NAS OFICINAS DE ENSINO MÉDIO	86
4.3.1 ORIENTAÇÃO DOS WÄTUNNÄ EDHAAMO	86
4.3.2 RELATOS DOS PRIMEIROS YE'KWANA ESCOLARIZADOS	88
4.3.3 O CAMINHO DOS CONHECIMENTOS EM PARALELO: NOMEAÇÃO DA ESCOLA	90
4.4 RITUAIS QUE PODEM NOS GUIAR EM NOSSA EDUCAÇÃO	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONSTRUIR UMA DISSERTAÇÃO É COMO CONSTRUIR UMA CASA	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103

## Introdução

Início a apresentação dessa dissertação comentando por que eu optei por fazer o curso de pós-graduação. O meu pensamento foi sempre buscar o caminho para que funcione bem a educação escolar Ye'kwana<sup>1</sup> conforme nossa realidade. Entretanto, depois de ter vivido cinco anos no curso de graduação na Universidade Federal de Roraima (UFRR), e após a passagem de muitos anos, comecei a pensar em dar continuidade aos estudos, por meio de cursos de especialização ou de pós-graduação. O objetivo era o de corresponder às demandas da comunidade, gerenciar e assessorar o processo de andamento de ensino e até suprir e elaborar os documentos fundamentais das escolas e das comunidades. E foi assim que eu me tornei calouro da FAE-UFMG (Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais), em 2018, através da aprovação do meu projeto de pesquisa, elaborado com a ajuda de um conhecido, Eduardo Ferreira, que fez a pesquisa junto ao povo Ye'kwana.

Espero que, como produto final desse curso de pós-graduação, haja boa abertura para mais oportunidades de pensar e refletir sobre as questões pesquisadas, sobretudo para quem quer experimentar a construção de ideias coletivamente. Desde o começo, quando decidi fazer graduação e depois mestrado, sempre conversei com as lideranças e mais velhos sobre como poderia ajudar meu povo. Sempre desejei que minha experiência de estudos fosse um modo de pensar a história da nossa escolarização de forma coletiva. A escrita dessa dissertação, portanto, é para mim um modo de compartilhar com nossas comunidades os conhecimentos que adquiri na universidade. Também espero que esse trabalho possa chegar até os leitores interessados na realidade do povo Ye'kwana, e até aqueles que gostam de conhecer as trajetórias de nossas histórias de vida, sobretudo com relação à educação escolar entre as comunidades tradicionais locais na atualidade.

Essa introdução se baseia nos relatórios das atividades que fiz ao longo desses anos, o primeiro imediatamente após a conclusão do primeiro ano de atividades na Faculdade de Educação, entre março e dezembro de 2019, período em que residi em Belo Horizonte.

O ano de 2020 significou uma suspensão das atividades no *campus* em função da pandemia de covid-19, o que inviabilizou a realização da programação prevista, em que aconteceria a minha participação em uma disciplina específica ofertada para mestrandos indígenas sobre o

---

<sup>1</sup> Para fins de padronização, nessa dissertação, escolhemos a utilização dos termos em Ye'kwana em itálico, à exceção dos substantivos próprios, como nomes de pessoas e de lugares, além do idioma e da própria comunidade.

tema da “Autoria Indígena”. Seria o momento de conhecer mais de perto a experiência dos colegas indígenas de outros povos e das suas escolas.

Os relatos informam o que foi possível ser feito ao longo do mestrado, até chegar no 2º semestre de 2021, quando foi possível retomar as atividades, propor um projeto reformulado e chegar então na construção dessa dissertação.

Primeiramente abordo o contato inicial com as disciplinas – o sentido do estranho para o indígena pesquisador que sai da comunidade e adentra o mundo da pesquisa acadêmica em uma instituição federal. O processo de construir o pertencimento do pesquisador na disciplina: o silêncio nas aulas, atento às intervenções dos colegas; o desafio de acompanhar as aulas e as leituras na segunda língua – português.

Na verdade, desde que cheguei pela primeira vez em Belo Horizonte, em março de 2019, senti muita expectativa em ter novas experiências e novo desafio de estudo em uma Faculdade de Educação. Começou a surgir, em mim, outro ciclo de pensamento, um novo olhar e um novo processo de aprendizado, junto a novos colegas e estudos inéditos, como as leituras de sociologia da educação e outros. Eram novos professores e um lugar bem diferente em relação aos outros momentos que vivi anteriormente. Essa novidade me fez pensar em estudar mais profundamente, com muito esforço, para que eu pudesse conseguir novas experiências e conhecimentos.

Nos primeiros dias de aula, tive um pouco de dificuldade em acompanhar as aulas com jeitos e ritmos das leituras de vários textos. Na verdade, quase todas as aulas foram difíceis nos primeiros dias, o que se estendeu à necessidade de me habituar à convivência nos espaços coletivos. Fui conhecendo lentamente os lugares e também fui construindo um novo pertencimento dentro da faculdade, adaptando-me para me acostumar aos meus estudos nas disciplinas. Tudo era bem diferente: por exemplo, o clima era também bem diferente da Região Norte.

Durante todo o período que estive em Belo Horizonte, construí outra forma de organizar meu pensamento, para que eu pudesse realizar algo importante para o meu modo de proceder: uma nova forma de estudo. Portanto, percebo que o meu pensamento inaugurou um novo olhar sobre o mundo, de forma diferente, e que me serviu para conhecer o funcionamento básico da escola nacional padrão, uma vez que ela é a base para as exigências do Conselho Estadual de Educação de Roraima. As leituras serviram para me despertar e fazer compreender os limites que a escola Ye’kwana deverá enfrentar para existir de acordo com seus princípios e valores,

mas validada pelo modelo tradicional brasileiro. Esse contato foi fundamental para descobrir um ponto intermediário entre a compreensão do modelo do sistema educacional nacional e a garantia da existência do nosso modelo próprio, conforme o desejo e o entendimento das populações locais, de acordo com suas necessidades, de agora e também para as futuras gerações.

Em 2019, além de conhecer o campus e a cidade de Belo Horizonte, cursei várias disciplinas e conheci os colegas que ingressaram no Mestrado e no Doutorado em 2019. Conheci meus dois colegas Pataxoop, Siwê e Saniwê, que são filhos do Seu Kanaty e Dona Liça Pataxoop. Encontrei também pessoas conhecidas e comecei a preparar materiais de estudo para o ano de 2020: especialmente os trabalhos dos parceiros e das parceiras pesquisadores/as que estiveram em nossas comunidades e com quem colaborei em muitos momentos.

### **A continuidade depois dos estudos na FAE**

No final do ano de 2019, cheguei a Boa Vista, depois de frequentar as aulas presenciais do programa de pós-graduação, com muita expectativa de buscar mais conhecimentos e encarar os novos desafios. Quando cheguei em Boa Vista, vindo de Minas Gerais, passei três semanas esperando oportunidade para chegar à minha comunidade, pois não é fácil conseguir carona para lá de aeronave com a SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena), que presta serviço em atenção à nossa saúde. Todas essas dificuldades não são atuais; vivenciamos-las desde que começamos a experimentar uma proximidade maior com a cidade e a educação escolar indígena.

Existem outros meios para chegar à nossa comunidade através dos rios, só que esse trajeto fluvial leva muito mais tempo, devido à existência de muitas cachoeiras e serras nos caminhos e passou a se tornar inviável desde que nossa comunidade passou a se organizar em torno do tempo da escola e do mundo do trabalho não-indígena. Mesmo assim, fiz a viagem pelo Rio Uraricoera até nossa primeira comunidade localizada mais ao sul: a comunidade Ye'kwana de Waikás (Wacchannha), na qual cheguei no dia 22 de dezembro de 2019 e pernoitei por duas noites. Em seguida, continuei viagem pelo mesmo rio até a comunidade de Kudaatannha, onde cheguei no dia 26 de dezembro e permaneci até o dia 11 de janeiro de 2020. A SESAI possui voos de rotina para nossas comunidades nos dias 11 e 26 de cada mês. Então eu pedi a ajuda de uma liderança Ye'kwana para conseguir uma carona e finalmente consegui chegar à comunidade Ye'kwana Fuduwaadunnha, em Auaris.

Eu cheguei a Fuduwaadunnha no dia 11 de janeiro de 2020, depois de ter vivido novas e instigantes experiências frequentando as aulas presenciais em Belo Horizonte. Depois de passada uma semana, chegou o momento de me reapresentar à comunidade e falar para os *inchonkomo* (sábios, lideranças) na reunião da comunidade, que ocorre todas as noites na *annaka* (círculo central da nossa casa tradicional cônica, a *ättä*). Nessa ocasião, fiz um relato detalhado sobre a minha experiência e sobre o que tinha feito na FAE-UFMG.

### **A expectativa não deu certo por causa da pandemia**

Mais tarde, no início do mês de março de 2020, fui a Boa Vista de avião para acompanhar um dos meus filhos, que apresentava problemas de saúde. A minha expectativa era de aproveitar a oportunidade e ficar lendo, escrevendo e trabalhando os meus textos em Boa Vista, com o pensamento no que foi acordado junto à minha orientadora do curso. Mas, infelizmente, a minha expectativa não deu certo, devido ao surgimento da pandemia de covid-19.

Não foi possível, então, fazer esse diálogo com mais atenção com todos os pesquisadores e pesquisadoras parceiros e parceiras que trabalharam com nosso povo em tantos momentos diferentes. Para esse diálogo mais amplo – para conversar mais sobre as pesquisas que eles e elas fizeram – ainda precisamos encontrar um caminho para essa realização.

Nesse período, realizaram-se diversas reuniões com todo mundo: professores, lideranças, jovens, homens, mulheres, sábios tradicionais da comunidade Fuduwaadunnha e com os profissionais da saúde que prestam atendimento em nossa região. O que se tratava era da questão do combate à pandemia de covid-19. O objetivo era alertar o povo Ye'kwana e o povo Sanumá (nossos vizinhos), apresentando várias propostas de controle para que todas as populações da região estivessem protegidas da contaminação por covid-19. Essa pandemia atingiu em cheio nossos modos de convivência e prejudicou o meu planejamento de estudos e de pesquisas.

Como alguns Ye'kwana trabalham como professores, técnicos de enfermagem, agentes indígenas de saúde e alguns idosos recebem benefícios de governo, muitos possuem dinheiro e conseguem pedir ou mandar comprar suas mercadorias de acordo com os seus interesses, na cidade de Boa Vista, e os levam para as comunidades. Com isso, os pais, que queriam que seus filhos continuassem frequentando as aulas, perceberam que a maioria da comunidade não estava se cuidando o suficiente para controlar essa nova doença, fazendo aglomerações de pessoas nos encontros presenciais e em outras situações. Isso acontecia ao mesmo tempo em

que os casos de contágio com a nova doença se alastravam cada vez mais em Boa Vista. Por isso, os conselheiros da comunidade e algumas lideranças tentaram alertar e conscientizar os nossos parentes para evitar a covid-19 na região de Auaris e falavam que não se sabia por quanto tempo iríamos permanecer naquela difícil situação.

Algumas vezes, aconteciam acidentes ofídicos e, então, a comunidade entrava de resguardo durante quatro a seis dias e, nesses dias, as lideranças costumavam se reunir na casa de reunião para relatar os contos e acontecimentos passados e algumas pessoas registrarem nos seus cadernos na língua de origem. Foi no dia 9 de agosto de 2020 que a comunidade recebeu um comunicado muito triste: na Venezuela, em sua comunidade de origem, um dos líderes Ye'kwana, Cacique Cayetano Perez, tinha falecido com suspeita de covid-19, porque a causa da morte teria sido por problema respiratório. Aconteceu também em Fuduwaadunnha – Auaris o falecimento de uma jovem por causa das complicações na hora do parto: ela estava esperando o primeiro filho e acabou falecendo no local. A comunidade decidiu ficar de luto durante seis dias. Meses depois, aconteceram mais mortes devido à pandemia e outras doenças. Eu perdi meus tios Donaldo e Aniceto, meu primo Xavier e meu pai João Rocha. Essas perdas me deixaram muito triste e prejudicaram o andamento de meus estudos.

A Secretaria de Educação do Estado de Roraima, então, deu a informação para todos nós, professores indígenas, de que as escolas indígenas seriam suspensas durante todo o ano de 2020, para que nós pudéssemos evitar os casos de infecção pela covid-19. E, assim, foi feito um acordo entre os professores Ye'kwana e as lideranças das comunidades. Todos os alunos ficariam sob responsabilidade dos pais, fazendo suas atividades conforme as atividades das próprias famílias. Os pais e as mães deveriam ensinar as várias práticas que os adultos dominam, fazendo orientações para seus filhos, filhas, netos e netas, conforme suas vivências cotidianas.

### **Reunião na escola Apolinário Gimenes para leitura e avaliação do Projeto Político Pedagógico Ye'kwana**

Os professores e algumas lideranças de Fuduwaadunnha se reuniram para fazer a leitura e avaliação do Projeto Político Pedagógico Ye'kwana. Esse PPP, que estava ficando fora de validade, tinha a duração de cinco anos. Durante as leituras do PPP, apareciam algumas dúvidas, e, muitas vezes, precisávamos fazer algum melhoramento nos textos que falavam sobre as práticas cotidianas e alguns tipos de rituais, para deixar de acordo com a realidade de



todos os locais da comunidade. Eu participei dessas reuniões e tive a oportunidade de contribuir. Isso aconteceu na Escola Apolinário Gimenes, durante uma semana, no fim de mês de abril de 2020. Na verdade, o objetivo era fazer verificações e análises do contexto geral e dos procedimentos pedagógicos durante a validade do Projeto Político Pedagógico Ye'kwana.

Com passar do tempo, convidei os professores Ye'kwana que se encontravam na comunidade para realizar um encontro para conversar sobre os avanços da educação escolar Ye'kwana. Na ocasião da primeira reunião, eu fiz primeiro a minha fala, sempre dando boas-vindas e falei qual era finalidade e a perspectiva do meu projeto dentro da educação escolar Ye'kwana. Refleti: o que é educação escolar indígena? Do que se trata, de hoje em diante, a escolarização do povo Ye'kwana? O que é o ensino bilíngue? O que os Ye'kwana esperam para as futuras gerações? A intenção era fazer perguntas ao coletivo sobre qual seria a melhor forma de proceder e introduzir as conversações. A primeira aplicação de perguntas e entrevistas com os professores da Escola Estadual Indígena Apolinário Gimenes em Fuduwaadunnha foi no dia 11 de outubro de 2020. A segunda aplicação de perguntas e entrevistas com algumas lideranças, na Escola Estadual Mötaaku Ye'kwana em Kudaatannha, foi no dia 17 de outubro de 2020. Os recursos e ferramentas das conversas foram sempre *ta'deddu ai wa'deujä'nä* (através da nossa língua Ye'kwana). Fiz também gravações em áudio das respostas deles.

### **A experiência em Kudaatannha e a experiência em Wacchannha**

A minha viagem foi realizada de Fuduwaadunnha para Kudaatannha no voo da SESAI, no dia 26 de outubro de 2020. Depois da minha chegada à comunidade Ye'kwana Kudaatannha, foi realizada uma reunião com quase com todos os professores que estavam presentes na *annaka* (casa comunal de reunião). No início, dei as boas-vindas para todos: “*äwiishicha jemma kaato?*”, o que significa: “todos estamos bem?”. Mais tarde, realizamos uma reunião, que eu tinha agendado anteriormente, para realizar as entrevistas com todos os professores de forma coletiva. Fiz as transcrições das entrevistas com professores: Martim, Josemar, Marcos, Alex e Manuel.

Fiz a viagem de Boa Vista para Wacchannha (Waikás) de carona, no dia 20 de dezembro de 2020, no voo da SESAI, e voltei para Boa Vista de carona, no dia 31 de março de 2021. Na minha volta de Wacchannha, fiz o trajeto pelo rio de canoa, junto com pais de família que estavam descendo com destino a Boa Vista, em busca de seus interesses.

O motivo da minha viagem até a Wacchannha foi encontrar com o meu avô, Vicente Castro Rodrigues Yuudawaana (*Kooko Yaama'jä Umö'jödö*), nosso sábio conhecedor, para dialogar pessoalmente com ele, com respeito pela sua vida e pelos seus saberes. Também tinha o objetivo de conversar com os professores da escola sobre os procedimentos de ensino e aprendizagem com as crianças e jovens na comunidade. Então, a minha ideia principal era conversar com nosso sábio Vicente Castro e com os professores Ye'kwana, fazer as entrevistas com eles e tentar entender melhor e mais profundamente os problemas e possíveis soluções para o ensino e aprendizagem dentro da comunidade.

No dia seguinte, apresentei-me a todos na comunidade, em especial ao *Kooko* Vicente Castro, antes de iniciarmos a nossa conversa sobre os tempos passados e sobre os tempos atuais, principalmente os sentimentos e comportamentos dos jovens de hoje em dia, e o que os pais e os mais velhos (*inchonkomo*) pensam a respeito disso. Também pude ouvir mais um pouco sobre os problemas enfrentados na atualidade e como se relacionam os Ye'kwana com povo Sanumá (Yanomami), que habitam as proximidades da parte fronteira entre Brasil e Venezuela e também com os Yanomami que habitam as margens da calha do Rio Uraricoera e seus afluentes. Pude ouvir também relatos sobre as situações vividas pelos Ye'kwana em Wacchannha diante da pandemia dessa nova doença.

Quando eu cheguei a Wacchannha (Waikás), logo percebi que o Rio Fadiime (Uraricoera) estava com uma coloração diferente, parecia muito barrento e estranho, como se tivesse chovido muito nas cabeceiras, ou seja, como se fosse início do inverno, quando a cor do rio fica diferente do que antes era. Mas era verão. A água do rio Fadiime não é mais a mesma de anos atrás. E essa cor do rio Fadiime (Uraricoera) é causada pelos milhares de garimpeiros que invadem constantemente nossa terra em busca de ouro, causando grandes estragos aos rios e à terra, contaminando e destruindo nosso meio ambiente. Esses problemas me deixam incomodado e preocupado com o futuro das vidas das pessoas, dos animais, de peixes e das vegetações, em geral. Eu deixei de ter coragem de tomar banho e escovar os dentes em um rio importante onde construímos uma de nossas comunidades, porque ele agora está muito poluído e sujo. Com essas razões, eu procurava onde era menos poluído para tomar banho. A maioria dos moradores prefere buscar água para consumo nos igarapés, isso se faz quando não funciona o poço artesiano da comunidade construído pela equipe da infraestrutura contratada pela SESAI.

Os invasores não-indígenas, vindos de diversos lugares de Roraima e de outros Estados do Brasil, causam movimentos e barulhos próximos à comunidade. Com isso, os moradores das

comunidades não se sentem sossegados, tranquilos e à vontade para fazerem suas atividades de acordo com seu dia a dia. Os barulhos de motores causam também a poluição sonora no ar e no rio e causam danos ambientais para as futuras gerações. Essas pessoas não param de subir e de descer as embarcações, sempre bem cheias com diversos materiais de carga, como combustíveis, alimentos, passageiros e outros.

Após uma semana na comunidade de Wacchannha, dei início às conversas com Vicente Castro de maneira tranquila, sempre respeitando suas atividades de casa. Essas nossas conversas aconteciam de maneira bem delicada e curta. Vicente Castro ficava com sono e às vezes deixávamos as nossas conversas para outra hora ou até para os próximos dias. Então, retornávamos aos temas e questões debatidos anteriormente, o que se mostrou a melhor forma de entender e de aprofundar mais os assuntos.

A minha proposta era de fazer algumas perguntas fundamentais para o meu avô, focando nas relações de mobilidade e mudanças de locais do povo Ye'kwana. Queria ouvir mais sobre as questões que envolvem as fixações das comunidades locais e saber suas análises e avaliações sobre as instalações e as criações das escolas nas comunidades Ye'kwana hoje em dia. Esse processo acontece em diferentes regiões, seja aqui no lado brasileiro ou no lado da Venezuela, e vem acontecendo e se intensificando cada vez mais por meio do contato com as pessoas envolvidas e a partir da abertura de pistas de pouso na região. Será que esse processo de abertura das comunidades Ye'kwana para a escola está dando as respostas certas para nós? E o que mudou na vida das populações locais?

Uma conversa com os professores foi realizada de forma coletiva. Pude ouvir cada um deles falar sobre as dificuldades percebidas pela comunidade em termos de procedimentos de ensino e aprendizagem na comunidade de Wacchannha. Depois, realizei entrevistas em áudio com eles, que serviram para pensar a escrita desse trabalho.

Passei os três meses de minha estadia em Wacchannha na casa de Vicente Castro. Essa experiência de viver junto com meu avô, no papel de “pesquisador”, foi muito boa para mim, pois Vicente Castro é considerado por todos o maior conhecedor vivo de nossa cultura. Hoje em dia, ele não é mais cheio de energia, como alguns anos atrás quando conseguia fazer alguns tipos de atividades de casa. Hoje em dia, ele se sente cansado e com dificuldades para andar distâncias maiores. Devido à sua idade avançada, ele tem dificuldade para acompanhar sua esposa em busca de alimentos nas roças, ou ir à floresta procurar ervas medicinais. Esta é uma atividade importante para ele, pois muitas pessoas das outras comunidades Ye'kwana

pedem para que Vicente Castro faça remédios caseiros preparados por ele para fazer os tratamentos de diversas doenças.

Durante a fase mais grave da pandemia, Vicente Castro e outras pessoas da comunidade foram infectados pela covid-19. Isso aconteceu com ele bem no final de primeiro semestre de 2020. Ele sofreu por mais de um mês o ataque dessa nova doença, teve vários sintomas, principalmente falta de ar e diarreia. Mesmo assim, ele resistiu com ajuda de balão de oxigênio e está vivendo e transmitindo seus saberes para nós, os mais jovens. Acredito que o ser superior *Yadaicchö/Dhamoodedö*, que vive eternamente no *Kajunnha* (céu), não permitiu que ele fosse embora, deixando seus filhos e netos agora. Enquanto estava doente, Vicente recebeu os cuidados e apoio de muitas pessoas, principalmente sua família, que ficou mais perto, cuidando dele. Hoje em dia o estado de saúde dele piorou, sua energia física ficou mais enfraquecida e fragilizada pelas sequelas da covid-19, assim como as suas memórias também.

Alguns meses antes de ser infectado pelo vírus, Vicente Castro havia orientado a comunidade para buscar proteção para as pessoas. Para os Ye'kwana, quando alguém se sente fraco, sem vontade de fazer suas atividades e com recorrentes sonhos ruins, isso é sinal de que ela se encontra em estado vulnerável de adoecimento. Nessas situações, o sábio é buscado pela família do paciente para que seja realizado um tratamento a partir de alguns tipos de espécies de animais, como a capivara, cobra sucuri, lontra, entre outros. Alguns desses animais são sacrificados para poder retirar seu sangue e um pedaço de sua carne. Com isso, o sábio realiza o *yacchummadö* (ritos específicos com cantos), passando a carne e o sangue no corpo do enfermo, para que o paciente volte ao estado normal, afastando os espíritos maus.

Quando Vicente se sentia bem, conversávamos sobre as notícias vindas através de conversas radiofônicas sobre as comunidades Ye'kwana que ficam tanto do lado da Venezuela quanto no lado brasileiro, entre outros assuntos interessantes. Às vezes, ele me contava as histórias sobre como adquiriu seus conhecimentos viajando pelas diversas comunidades Ye'kwana na Venezuela, ouvindo os mais velhos, seus antecessores que viveram com muita sabedoria as histórias guardadas pelas suas próprias memórias, mantendo-as sempre vivas e sadias. Em alguns momentos, suas narrativas eram agradáveis para aqueles que estavam ao seu redor, escutando-as atentamente; outras vezes, tratava-se de histórias desagradáveis, que lembravam desastres e mortes de pessoas que viveram antigamente.

Conversamos também sobre o problema do enfraquecimento e desvalorização dos saberes tradicionais que os *inchonkomo* (sábios) guardam nas suas memórias. Para Vicente Castro, isso se dá devido às mudanças nos comportamentos das lideranças jovens atuais, que são

diferentes das lideranças mais antigas, que viveram em períodos anteriores. Eu busquei entender de forma mais profunda esse problema, que ocorre, de acordo com Vicente Castro, devido às modificações que vêm ocorrendo de forma acelerada em nosso povo nos últimos quarenta anos, a partir da progressiva aproximação com a sociedade não-indígena, com a qual estabelecemos relações cada vez mais constantes.

Com essas transformações em nosso modo de vida, decorrentes da intensificação do contato com os *yadaanawichomo* (brancos; não-indígenas), começou a ocorrer a desvalorização das nossas riquezas culturais, de nossas medicinas tradicionais, de nossos hábitos de respeitar os outros seres, nossos cantos *acchudi*, nossas histórias de *wätunnä*, nossas pinturas corporais, nossas artes, nossos instrumentos musicais (*shiwookomo*), nossos modos de transmissão da variedade dos nossos conhecimentos. Todos esses saberes são de importância fundamental para as gerações futuras, embora muitas vezes os mais jovens não se apercebam disso, pois a cada ano chegam a nossa comunidade novas tecnologias e aparelhos eletrônicos cada vez mais sofisticados, o que faz com que os conhecimentos da sociedade não-indígena (*yadaanawichomo*) sejam priorizados pelos mais jovens, que acabam deixando de lado os nossos valores.

Essas mudanças nos hábitos de vida das pessoas vêm ocorrendo desde o início do contato com a sociedade dos brancos (*yadaanawichomo*), e se intensificaram com a criação das escolas (a introdução da escrita e do papel) e com a presença cada vez mais constante das tecnologias dos brancos nas nossas comunidades, como as televisões, caixas de som, celulares, dentre outros objetos da modernidade introduzidos em nossa comunidade pelos seus próprios moradores.

Para Vicente Castro, a entrada das novas tecnologias modernas em nossas vidas comunitárias é responsável pelo enfraquecimento e desvalorização dos conhecimentos tradicionais (*Ye'kwana weichö*). Outra questão importante que acarreta muitos problemas para nós, Ye'kwana, é a introdução de gêneros alimentícios das cidades nas comunidades locais levados pelos pais de família empregados. A forma e a caracterização das vestimentas Ye'kwana, nossos adornos e pinturas, bem como os nomes dados às nossas crianças (que não são mais nomes tradicionais), vêm mudando desde antes da escola, sendo um dos problemas mencionados por Vicente Castro como causa para a vulnerabilidade e enfraquecimento das pessoas, de nossas riquezas e epistemologias.

O sábio Vicente ainda me disse que, apesar dessa entrada acelerada dos costumes e dos objetos das cidades, os professores devem refletir sobre essas questões entre eles para assim

destacar os assuntos a serem debatidos juntamente com os pais, as lideranças e os conhecedores locais e tradicionais de forma mais adequada e ampla. Portanto, os assuntos mais críticos devem ser priorizados para que esses problemas não afetem tanto as comunidades e as vidas das novas gerações futuras. Com essas reflexões, Vicente sugere que esses problemas devem ser resolvidos de forma urgente, antes que se agravem cada vez mais. E para isso é importante que os professores convidem os sábios e conhecedores tradicionais para participarem da vivência da escola, baseando as suas práticas pedagógicas sempre de acordo com as realidades locais. A importância dos sábios na escola é notória. Esses conhecedores sabem mais que os professores e as lideranças mais jovens sobre os processos históricos vivenciados pelos Ye'kwana nas comunidades.

Apesar dessas transformações e mudanças decorrentes dos hábitos e das vivências cotidianas em nossas comunidades, muitos dos nossos conhecimentos tradicionais são praticados até os dias de hoje. Abaixo, cito alguns tipos de rituais são realizados praticados dentro das nossas comunidades, tais como: ritos antes de iniciar da construção da casa; ritos após da construção da casa nova; pinturas corporais e faciais da proteção das pessoas; tarefas femininas coletivas, como a primeira colheita de *ädeaja* (mandioca); tarefas masculinas, como pescarias coletivas com timbó para purificação corporal; ritos antes da escolha do local da roça nova e da sua limitação; a importância de *acchudi*, de *ädeemi* e da confecção de instrumentos musicais; a importância da *yacchummadö* (desintoxicação do alimento antes de ser consumido); ritos de recém-nascido, do primeiro contato com a natureza ou o primeiro banho na água (*Tuna yacchummadö shiichu wennuaajä töjöötojo* é o *acchudi* do primeiro banho, cantado depois do nascimento da criança).

Alguns desses tópicos acima foram priorizados nos registros dos conhecimentos do meu avô Vicente Castro, que guarda nas suas memórias tudo de acordo com os procedimentos de ações tradicionais. Esse saber é comum porque sempre é praticado e realizado a cada ano pelos responsáveis familiares por planejar a escolha do local onde vão ser feitas as nossas roças. Nessas situações de abertura de novas roças (*äudwaajä chuujiäätödö*), um dos responsáveis tem que ter uma preparação de no mínimo uma semana antes para unir alguns tipos de *awaana* e *mada* (tipos de plantas de poder que são cuidadas pelas mulheres responsáveis) para proteger os corpos das pessoas e para fazer a *a'jimmadö e etöödädö* (cantos *acchudi* e sopros) e assim pedir permissão para roçar o local, afastando ou mandando para longe os seres perigosos do lugar escolhido.

### **Retomando as atividades através de encontros *online***

No primeiro semestre de 2021, tivemos muitos casos de adoecimento por covid-19, o que levou a grandes perdas de pessoas importantes. Em maio de 2021, meu pai, que era reconhecida liderança tradicional, faleceu, assim como várias outras pessoas mais velhas, sábios e importantes para nossas comunidades do lado do Brasil e da Venezuela. Foi um período com muitos problemas e complicações. Por isso, só foi possível trabalhar na reformulação e reapresentação do projeto entre agosto e outubro de 2021.

Aconteceu também a minha participação no Seminário de Sustentabilidade e Povos Indígenas, em setembro de 2021, na UCDB, onde apresentei meu trabalho de pesquisa. Verificamos que as entrevistas realizadas em 2020 não haviam dado um bom resultado, porque foi um ano de muitos e graves problemas. Então, resolvemos utilizar os registros das Oficinas sobre Ensino Médio, realizadas em 2016, com a parceria dos professores Pablo Albernaz e Daniel Rosar, que permitiram trazer os relatórios das oficinas para a pesquisa do mestrado.

As falas dos professores e de outras pessoas nesses relatórios são muito semelhantes às falas que foram registradas nas entrevistas, mas estavam mais bem organizadas e contextualizadas, todas referidas aos dois momentos de reunião que fizemos em agosto e dezembro de 2016. A opção por usar os relatórios foi motivada por ser um contexto mais tranquilo e continuado de discussão e reflexão, para buscar as conexões entre os pensamentos de todas as pessoas que participaram das discussões.

A construção da dissertação é um processo de trabalhar seu próprio pensamento, do que se pensa diante de outras pessoas – há a construção das ideias, para dar resposta aos colegas de trabalho, aos professores e à comunidade. Não se pensa somente no “aqui e agora”; é preciso alinhar as ideias para mostrar para as outras pessoas. Serve também para apresentar para professores de outros povos, nos encontros da Organização dos Professores Indígenas de Roraima (OPIR), bem como para mostrar e discutir com as pessoas da Secretaria de Educação (para que sejamos reconhecidos pelo Conselho Estadual de Educação de Roraima), e diante de outros povos do Brasil.

É importante também a reflexão, partindo dessa avaliação do passado, para pensar o futuro das novas gerações. Como será esse caminho? Não é como acontece quando temos o nosso conhecimento tradicional e em nossa língua. Essa construção da dissertação é como deixar uma porta aberta para o futuro, para novas discussões e reflexões.

A construção da dissertação foi feita em diálogo com várias pessoas, principalmente nossos sábios. Temos que ter uma ideia em conjunto com os professores e pais dos alunos e alunas da escola, para decidir como continuar. Essa pesquisa ajudou a rever os registros de nossas discussões, para conseguir avançar juntos e não deixar passar tanto tempo sem chegar a uma posição. Não basta somente dialogar, há que documentar nossas conversas para conseguir avançar. Os materiais das oficinas de 2016 que estão sendo trabalhados nessa dissertação são um bom exemplo disso, e ajudaram bastante, inclusive com as imagens que traziam as cenas do que aconteceu. Tudo isso fez nossa memória relembrar as ideias mais importantes e deixar mais claros nossos pensamentos.

Essa dissertação é composta de quatro capítulos. O capítulo 1 traz a minha trajetória de formação desde a minha infância na comunidade até o mestrado na UFMG, pois é importante mostrar como esse percurso não é simples, mas pode abrir caminho para outras pessoas. Busquei também dialogar com colegas pesquisadores indígenas sobre as experiências com as escolas de suas comunidades, pois isso ajudou a pensar a minha pesquisa. O capítulo 2 fala do povo Ye'kwana, com informações fundamentais para situar inicialmente as pessoas que ainda não conhecem nosso povo.

O capítulo 3 trata da história da escola entre os Ye'kwana e fala do ensino fundamental que já existe oficialmente desde 1991; fala também da preparação do PPP que foi aprovado em 2015, e traz os novos desafios. Nesse capítulo, abordamos as experiências que já aconteceram até aqui. Deve ser um documento de trabalho para o diálogo necessário com a Secretaria de Educação do Estado de Roraima. Ele traz também algumas direções para as comunidades rediscutirem seu modo de se relacionar com a escola.

O capítulo 4 foi construído a partir dos relatórios das oficinas de 2016 de discussão sobre nosso ensino médio e sobre a retomada dos rituais junto com a escola. Esse capítulo foi pensado para ser um documento de trabalho na construção das propostas novas com as 3 comunidades. Um diálogo dentro das comunidades, com os professores, professoras, as lideranças, jovens e sábios tradicionais. Foi um grande diagnóstico coletivo e que terminou com um ritual de inauguração da casa nova. Essa ideia de retomada dos rituais junto com as escolas é a proposta que trazemos com essa dissertação. A discussão do ensino médio ainda está acontecendo e estamos colaborando com esse processo.



## Capítulo 1: Trajetória e aprendizagem em dois caminhos de um professor e de um pesquisador

### 1.1 Minha trajetória de vida desde a infância

A minha trajetória remonta à história da minha infância, que ficou marcada, em maior importância, pelos aprendizados de que ainda me lembro. Essas primeiras memórias me levam a quando eu tinha mais ou menos cinco ou seis anos de idade e vivia junto aos meus pais, minha avó, meus irmãos, meus tios e meus primos, que marcaram também a minha infância. Naquele tempo, nossa comunidade era situada bem próximo ao rio Auaris e se chamava Fayaku'jännha. Hoje em dia o local está tomado pela floresta, mas tenho vivas as lembranças dos momentos de minha infância vividos nesse lugar. No centro da comunidade havia uma grande casa comunal retangular, a *Famaakadi*. O telhado dessa casa era de palha e ela foi construída conforme nossos costumes tradicionais.

Nessa época, todos os Ye'kwana que viviam no Brasil moravam nessa comunidade. Éramos por volta de doze famílias, cada uma delas com cerca de seis a dozes pessoas e a maioria vivia na casa comunal. Eu vivia na *Famaakadi*, junto com meus pais, avós e irmãos. A casa era dividida em partes para cada família, que se organizavam ao redor próximas às paredes (*ä'sa*). Na parte interior da casa, ficava o local das reuniões, das refeições e dos rituais (*annaka*). Nós vivíamos todos juntos, fazíamos nossas atividades e aprendíamos tudo no coletivo. Foi nesse local que comecei a desenvolver minhas habilidades na companhia dos meus parentes, ouvindo os mais velhos e respeitando os seus ensinamentos. Foi assim que aprendi a andar, caçar, pescar e nadar no rio.

Pelo lado paterno, meu avô se chamava Luiz Rocha (*Kooko* – Tuduudu'*ijä*, que significa pai de Tuduudu). Esse era o jeito antigo pelo qual as pessoas eram conhecidas, fazendo referência ao seu filho mais velho. Eu não cheguei a conhecê-lo, mas ele era *acchudi edhajä*, dono de cantos, um grande sábio conhecido entre os Ye'kwana. Minha avó era Levina (*Accha* – Mayaawenaadi *dhenö*, que significa a mãe de Mayaawenaadi). E meu pai se chamava João Luiz Rocha (Mayaawanadi). Pelo lado materno, meu avô era Nery Magalhães (*Kooko* – Kadiiyenedu'*ijä*, que significa pai de Kadiiyenedu). Meu avô foi por muitos anos *ädhaajä* (líder) da nossa comunidade. Minha avó se chamava Helena Magalhães (*Accha* – Yaadawaana *dhenö*, que significa a mãe de Yaadawaana). E minha mãe se chamava Lídia Nery da Silva. Meus irmãos são: Ramiro da Silva Rocha, Joana Lídia Rocha, Eu Reinaldo

Wadeyuna Luiz Rocha, Dira Lída Rocha, Jaime Luiz Rocha, Márcia Luiz Rocha e Ermenia Lída Rocha.

As bases fundamentais dos meus conhecimentos e habilidades para a vida cotidiana foram erguidas justamente na minha infância: aprender a obedecer aos modos de ser e de viver em família, que envolvem um certo comportamento e respeito aos alimentos e as interdições alimentares. Quando somos pequenos, ficamos mais em companhia das nossas mães e avós, acompanhando-as nas roças e atividades domésticas. Quando crescemos um pouco, os meninos começam a conviver com os pais e os homens da comunidade, participando das tarefas importantes. Por isso, as primeiras orientações que tive vieram da minha mãe e da minha avó, que me ensinaram como respeitar as pessoas de meu parentesco e outras coisas, como a higiene: lavar as mãos antes das refeições e me banhar no rio ou no igarapé. Eu sempre me recordo dos momentos em que a comunidade fazia os rituais do *äji'choto* (primeira menstruação das moças) e na inauguração das casas (*ättä*), quando todos nós éramos “chicoteados” com a planta *Kudaawa* para nos limpar e impedir que tivéssemos sonhos ruins ou fôssemos tomados por espíritos maus. Eu me lembro de sentir medo da dor dos golpes. Assim como as outras crianças, eu gritava com lágrimas nos olhos enquanto os mais velhos sorriam, pois aquilo não era para machucar e sim para nos proteger, segundo a nossa cultura tradicional.

Para me convencer a fazer as coisas certas, minha avó e minha mãe argumentavam que, um dia, eu seria um pai de família, como acontece naturalmente quando nos tornamos adultos. Mas havia também coisas ruins: por vezes, eu ficava triste e chorava quando meu irmão e minha irmã mais velhos ralhavam comigo – isso acontecia quando eu negava algo em relação a alguma ação demandada ou demonstrava alguma postura desobediente.

Uma das brincadeiras da minha infância, dentre outras diversas, era a imitação de alguns tipos de animais, como os *duukwadi* (bandos de queixadas), os *mado* (onças), *wa'shadi* (anta). Algum de nós fingia ser o animal e os outros fugiam fingindo estar com medo. Certa vez quando éramos crianças, recebemos a visita de um pajé (*föwai*) da Venezuela, e Castro, meu primo, tinha uns cinco anos e eu, oito. Ficamos encantados com os gestos do *föwai* e Castro começou a imitá-lo em nossas brincadeiras. E assim nós íamos aprendendo, brincando e imitando os nossos mais velhos. As pescarias com anzol, flecha e zarabatana também eram as brincadeiras preferidas de quando éramos crianças. Antigamente nossa região possuía muitos peixes e caças, então era fácil para nós, crianças, pescarmos. Quando éramos crianças, nós já tínhamos pista de pouso perto da nossa comunidade, então eu gostava de aprender com as

crianças mais velhas a fazer aviões de madeira ou helicópteros com as folhas de alguma planta.

Mas havia também a convivência em comunidade: por exemplo, a festa pública tradicional com canto (cerimônia das casas – *ättä edeemi' jödö* – e das roças – *äudwaajä edeemi' jödö*) ou a festa com instrumentos musicais (*Tanöökö edeemi' jödö*).

Nessas festas, de repente, surgiam brincadeiras diferentes, como as histórias assustadoras que as crianças mais velhas contavam. Uma delas era sobre a história dos “bichos monstros”, por exemplo, *majaamä* (bicho preto que viveu antigamente), *mado* (onça devoradora da bicharada e do ser humano), *wiyu* (cobra d'água que faz maldade com as pessoas) e outros. Tudo isso acontecia com a minha presença, e me dava ânimo e alegria de viver e interagir com as outras crianças. Esses eventos se passavam em certos lugares, fossem próximos do rio, na roça ou até mesmo em casas familiares.

Em outros momentos de brincadeiras com as crianças, surgiam algumas narrativas interessantes e outras mais delicadas, principalmente quando se tratava das nossas vidas, e questões relacionadas à morte. Assim, tomávamos consciência, com certa preocupação, de que nascemos para viver (bem ou de forma sofrida) por certo período limitado na Terra. Essas são histórias de *Wätunnä*, que são repassadas de geração a geração, e contam os acontecimentos antigos que servem de exemplo para os Ye'kwana nos dias de hoje.

No dia seguinte a essas conversas, a nossa vida voltava ao normal de forma tranquila, e chegava outra vez a hora de brincar ou de fazer algo interessante e especial junto aos pais. Alguns desses momentos se tornaram aprendizados que marcam toda a minha trajetória, como a pescaria e a importância da presença dos pais. Em outros momentos, eu costumava brincar na comunidade e fazer as coisas com muita vontade. Na verdade, naquela época, tudo era livre e possível na comunidade, e assim comecei a conhecer um pouco mais as crianças maiores e até mesmo os adolescentes. Mas ali, naquela época, ainda não havia escola. Nossos aprendizados eram ao ar livre, nas roças, na floresta, no pátio da comunidade e dentro da casa comunal.

Às vezes, eu parava para pensar, ao olhar o céu, que quase todos os sentidos ao meu redor diziam que o nosso mundo era plano. Eu pensava que, se andasse em linha reta, ao final eu chegaria ao céu e tocaria nele com a mão. Com o passar do tempo, comecei a andar e ir à roça com a minha mãe ou com outras pessoas para fazer atividades leves. E eu também ia às *chönge* (pescarias coletivas com timbó). Eu não sabia nadar e tinha muito medo de morrer

afogado. Mas então aprendi vendo os meus amigos um pouco mais velhos nadando, e fiquei muito feliz quando consegui ficar na água sem afundar pela primeira vez. Eu tinha por volta de oito anos nessa época.

Se havia caçada coletiva e outras atividades, todos iam. Quando meu pai e minha mãe saíam para fazer caçada por mais tempo fora da comunidade, pediam à minha avó para que tomasse conta da casa e que escolhesse alguém para lhe fazer companhia. Ela sempre me escolhia. Ela dizia: “*Wadeeyu!*”. *Wadeeyu* era meu apelido, porque meu nome na língua *Ye'kwana* é *Wadeyuna*. Minha avó se chamava *Yaadawaana dhenö*, “a mãe de *Yaadawaana*”. Esse era o jeito antigo pelo qual as pessoas eram conhecidas, fazendo referência ao seu filho mais velho. Quando necessitávamos de algo para comer, saíamos para pescar e caçar algumas coisas, porque não era suficiente comer apenas beiju com pimenta e outros tipos de carboidratos. Como eu não sabia remar, a canoa ia torta. Há técnica para remar bem e nós aprendemos sofrendo, ouvindo as instruções dos mais velhos. Assim, aprendi a fazer a canoa ir reto. Eu ajudava a minha avó a ir à roça buscar mandioca e também buscava lenha para ela. Naquela época, nós não tínhamos cobertor, dormíamos em volta da fogueira, e também não havia telhas, os telhados eram de palha natural.

Havia algo de muito importante, que era a orientação dos grupos de caça, a partir do responsável da comunidade. Quando em caçada coletiva, os pais e responsáveis de todos os participantes deveriam orientar suas famílias para que o ambiente em que estivessem acampados fosse cuidado. Esses acampamentos, que duravam entre cinco e doze dias no lugar escolhido, deveriam respeitar as vidas dos animais, dos vegetais e também os lugares sagrados. Na maioria das vezes, a realização dessas caçadas coletivas se dava no sentido rio acima ou rio abaixo, sempre remando em canoas e as arrastando para poder passar pelas cachoeiras. Naquela época, esse era o meu mundo.

Como já disse, na minha comunidade, havia uma pista de pouso. Eu tinha muito medo dos aviões e também dos não-indígenas que chegavam. Suas características eram bem diferentes do que as dos meus pais e também falavam de forma bem distinta. Naquela época, eles eram missionários americanos ou militares que passavam por lá. Mas eu também tinha medo dos Sanumá (subgrupo Yanomami que há algum tempo se denominava *Shidishana*), pois os meus irmãos contavam que essas pessoas gostavam de bater nas crianças do povo *Ye'kwana*. Talvez eu também tivesse medo pelos contos que ouvia, repassadas pelas gerações anteriores, sobre os primeiros contatos com esse povo Sanumá, quando aconteceram conflitos. Com o passar do tempo, o povo *Ye'kwana* se aproximou do povo Sanumá, de modo a se acostumar

mutuamente com a sua presença, a ponto de famílias dos dois povos passarem temporadas juntas. As nossas crianças de hoje vivem sem medo dos outros povos, em comparação com a minha época.

Quando eu comecei a escolarização, fui me afastando da minha avó. Assim, chegou a vez de o meu irmão mais novo seguir com ela, enquanto eu passava a acompanhar os homens que estavam saindo. Essa é uma verdadeira iniciação: *Awa'deene woowanomanä eema'tädö, Ye'kwana je wecchojo* (primeira trajetória básica de aprendizado da cultura Ye'kwana). Na verdade, a educação sempre se inicia dentro de casa ou em certos lugares com os pais e os avós. A criança aprende por meio de diversas situações, vendo o que se realiza nas ações. O papel dos pais e dos avós das crianças é orientá-las e educá-las, sendo isso uma responsabilidade familiar, portanto. Há também a educação de jovens rapazes e moças, também por parte de suas famílias, pois eles são os futuros pais e mães das crianças, e é fundamental dar seguimento às tradições.

Essa educação familiar acontece em diversos tempos dos dias, das noites e das estações do ano: nos períodos de verão, inverno, primavera e outono. No verão, por exemplo, é ensinada a caçada coletiva de vários tipos de animais, a manutenção dos caminhos e dos pátios comunitários. Alguns certos tipos de plantas devem ser plantados quando estiverem começando os períodos de chuva. No período de inverno, é tempo de caçar *komjakä* (certos tipos de espécies de sapos e rãs), *ködhaukwä* (tanajura/saúva), *kudu* (certa espécie de minhocoçu) e de confeccionar alguns tipos de utensílios fundamentais para as famílias e fazer coberturas das casas com palhas. No período da primavera, é tempo de iniciar as preparações para os roçados das famílias, e também de caçadas coletivas com cachorros, pescaria coletiva com timbó e limpeza e manutenção das roças, realizadas periodicamente. No outono, é tempo de realização de diversas atividades importantes para a vida comunitária. Portanto, por meio dessas ações e realizações, as crianças começam a adquirir conhecimentos para suas vidas no futuro, sempre obedecendo aos pais e aos mais velhos.

Aprendi, sobre a minha cultura, outros conhecimentos básicos importantes: há alimentos que são *amoije* (alguns alimentos perigosos), por isso quando os pais estão em resguardo por causa do recém-nascido ou quando a criança ainda é muito jovem, existem alimentos que são proibidos. Os mais velhos diziam: “Esse aqui você não pode comer ainda!”. Quando se é adolescente e até um adulto jovem, não se pode comer a tripa de anta, entre alguns tipos de animais. Também não se deve comer *wa'shadi* (anta), *fawi* (mutum) e *fä'nä* (inambu galinha) com sal, quando somos jovens e ainda não somos caçadores. Nessa época, aprendi a respeitar

o que os mais velhos diziam e também a usar os termos de parentesco corretos para falar com as pessoas com respeito – eu nunca chamava meus parentes pelo nome. Aprendi a respeitar cada um do jeito que os velhos ensinavam. Então eu era enviado com os homens mais velhos para suas caçadas para carregar beiju e ajudar a trazer as caças de volta à comunidade. Eu nunca me negava a ir com eles. E assim fui percebendo que estava crescendo, amadurecendo na presença dos mais velhos.

Quando eu tinha oito ou nove anos, eu tinha alguns parentes mais velhos que já sabiam fazer as leituras e falar português: Raimundo, Tomé, Eduardo, Davi e meu pai, João. Raimundo aprendeu a escrever na língua materna e matemática. Ele estudou cerca de três anos na Venezuela e por isso foi treinado pelos missionários para ajudar a atender o povo Ye'kwana na saúde. Ele foi escolhido porque falava português e já sabia escrever na nossa língua. Quando Raimundo vinha para Boa Vista treinar com os missionários, Tomé o substituíam atendendo as pessoas ajudando na saúde, pois eles eram os que mais entendiam da comunicação com os *yadaanawichomo* (não-indígenas).

Eles desenhavam aqueles traços, mas, como eu não tinha conhecimento, não entendia nada do que eles estavam fazendo no *fajeeda* (papel). Para mim eram apenas rabiscos, desenhos sem sentido. Eu falava à minha mãe que não conseguia fazer ou compreender nada daquilo e perguntava: “Mãe, quando vou aprender isso também?”. Minha curiosidade era pegar na caneta e no lápis para experimentar escrever e ler ou desenhar algumas coisas.

## **1.2 Início da Escolarização**

No segundo ou terceiro mês do ano de 1981, meu tio Tomé, irmão do meu pai, começou a dar as aulas para que fôssemos alfabetizados, pelo menos ler e escrever na língua materna, e éramos sete meninos adolescentes. Nessa época, eu comecei a perceber outro mundo. Meu tio Tomé falava: "Vocês serão o futuro se seguirem no estudo. Lá na Venezuela, já há professores Ye'kwana assalariados, empregados". Assim, começou a funcionar a primeira alfabetização de forma experimental e em um lugar improvisado. Depois de um ano, eu já estava letrado, já sabia algumas letras em português e sabia um pouco de matemática. Tomé já havia começado a ensinar e com ele aprendi matemática, a ler e a escrever um pouco em língua portuguesa e em língua materna Ye'kwana. Nessa época, não havia divisão por séries. Havia uma única turma e só havia uma distinção: quem era alfabetizado e quem não era.

Um ano e pouco depois do estudo com Tomé, a missionária Jandyra chegou à região de Auaris para trabalhar com os Sanumá. Ela é de nacionalidade brasileira e tinha experiência com educação indígena por ter dado aula durante muitos anos em Santa Catarina, seu estado natal, e em Mato Grosso do Sul, em comunidades Guarani-Kaiowá. Alguns Ye'kwana então a convidaram para avaliar o conhecimento de quem era alfabetizado. Durante uma semana, os Ye'kwana visitaram o alojamento dos missionários na beira da pista em Auaris, para que Jandyra fizesse a avaliação. Primeiro foram os adultos que já haviam estudado na Venezuela e na missão católica Surumu entre os Makushi. Depois, nós jovens também fomos. Eu me lembro disso ainda até hoje.

Mais tarde, a professora-missionária Jandyra se mudou e começou a morar dentro da nossa comunidade, com aceitação dos tuxauas com ela. A professora Jandyra fez um acordo com os missionários da cidade de Boa Vista para que estivéssemos matriculados na Escola Boa Novas, que era uma escola evangélica. No ano de 1986, concluímos a 4ª série.

### **1.3 Conclusão de ensino fundamental e carreira magistério profissional**

Castro e eu fomos uns dos primeiros a ir para cidade tentar estudar. Alguns dos nossos mais velhos trabalharam no garimpo no rio Uraricoera e decidiram que outros de nós iriam tentar estudar na cidade, como já haviam feito Henrique e Marco Antônio, que estudaram no Surumú, anos antes. Para conseguir um pouco de dinheiro, nós trabalhamos em fazendas próximas à Boa Vista, na vila Taiano, no rio Uraricoera. Mas nosso patrão queria apenas que trabalhássemos e nos proibiu de estudar. Por isso voltamos para nossa comunidade. Na segunda tentativa, em 1988, nós já tínhamos uma rede de pessoas conhecidas na cidade que nos auxiliaram durante a nossa estada. O alimento – beiju e farinha – era enviado pelo avião da MEVA para nós na cidade. Nessa época, eu consegui me matricular, com ajuda do meu tio Henrique, na “Escola Estadual Monteiro Lobato”, em Boa Vista.

As aulas aconteciam no período noturno e, nessa escola, eu concluí o ensino fundamental completo regular, em 1991. Depois retornei a Fuduwaadunnha, Auaris, no segundo semestre de 1993. Nesse ano, Henrique já estava contratado como professor na escola Ye'kwana, que foi nomeada “Apolinário Gimenes”, em homenagem ao grande sábio Ye'kwana fundador de nossa primeira comunidade fixa no Brasil, que faleceu em Fuduwaadunnha no início de década de 1960. Jandyra também estava colaborando na escola. Eles me pediram para trabalhar como voluntário.

Assim, trabalhei voluntariamente como alfabetizador durante um ano e meio. Em 1994, fui contratado como professor de sala de aula na tabela especial, como eles chamavam na época. Nesse ano, surgiu o primeiro magistério parcelado indígena do Brasil, no estado de Roraima. Então, Henrique e eu fizemos inscrição. Para mim, assim como para outros povos indígenas de Roraima, foi uma grande conquista. Havia Makuxi, Wapichana, Waiwai, Taurepang, Ingarikó. Só não havia Yanomami. Alguns já haviam ouvido falar do nosso povo, mas eles nos conheciam como Maiongong. Foi ali que começamos a nos apresentar aos outros povos e eles vieram a conhecer nossa realidade. Assim, em 1996, Henrique e eu terminamos o magistério, trabalhando em sala de aula e recebendo salário.

Depois de nós, no ano seguinte, outros professores entraram no curso e rapidamente concluíram o magistério. A Escola Apolinário Gimenes oferecia ensino fundamental completo igual ao da cidade, mesmo sem ter Projeto Político Pedagógico ainda. Fiquei trabalhando na escola e comecei a acompanhar a discussão sobre educação escolar indígena em nível estadual. As lideranças indígenas já chamavam a atenção das autoridades dizendo que o magistério já não era suficiente e que havia necessidade de se criar uma universidade indígena e concurso público para professores indígenas. Eu ficava só escutando. Esperei o governo nos dar essa chance, até que fizeram um concurso e anunciaram que seria aberto o Núcleo – hoje Instituto – Insikiran na Universidade Federal de Roraima. Essa discussão ocorria em 2002. Sem perceber, após muita dificuldade, aprendi a falar português. No mesmo ano fiz vestibular para a primeira turma de Licenciatura Intercultural Indígena no Instituto Insikiran e fui aprovado.

Reproduzo abaixo um trecho do meu TCC no qual relato algumas dos momentos de formação que tive nesse período:

Eu como um dos cursistas da Licenciatura Intercultural adquiri e desenvolvi muitos conhecimentos durante todas as etapas dos cursos e nos outros eventos importantes que venho participando seja nas assembleias da Organização dos Professores de Roraima (OPIRR), Seminários que se trataram da educação escolar indígena, também participei duas vezes nos pré-conferências, onde se tratou sobre biodiversidade e meio ambiente em Boa Vista-RR e no último discutimos sobre os direitos humanos dos povos indígenas do Brasil em Ariáú, no interior de Manaus-AM promovida pela Fundação Nacional do Índio-FUNAI.

Também participei nos outros projetos desenvolvidos pela comunidade, principalmente o Projeto Tanöökö (festejar para conhecer), que foi promovido pelo PDPI (Projeto Demonstrativo dos Povos Indígenas). E que também com todas essas realizações em que participei me motivaram, me incentivaram e me deram condições de formar os meus conhecimentos de forma mais madura e hoje sinto mais preparado. Isso coloca para mim, uma grande responsabilidade para conscientizar as novas gerações que precisam ser conscientizadas e orientadas. Pois, eles futuramente, deverão assumir também, assim como eu busco, batalho e multiplico os raciocínios e os pensamentos, espero que meus alunos também



conseguirão focalizar, ampliar e abrir as suas luzes e as suas visões de futuro. Os novos multiplicadores serão todos aqueles que foram os nossos ex-alunos ou aqueles alunos que estão priorizando e aproveitando dos seus desenvolvimentos e as suas capacidades.

Todos aqueles nossos ex-alunos que frequentaram e de concluíram do seu estudo dentro da nossa escola e da nossa comunidade de origem, hoje são novos professores e multiplicadores com as nossas crianças e com nossos jovens. Eles fazem parte de curso do Projeto Magistério TAMÍ'KAN, que nasceu através das reivindicações das comunidades e das lideranças indígenas do Estado de Roraima.

Em 2002/2003, também passei no concurso para professor indígena e me tornei concursado. O Núcleo Insikiran foi inaugurado no mesmo ano, assim que começou a Formação de Professores Indígenas da Licenciatura Intercultural no Ensino Superior da Universidade Federal de Roraima. Mas não havia estrutura para os estudos; tínhamos aulas na rua, no pátio, e éramos discriminados pelos não-indígenas. Eles diziam que nós, indígenas, estávamos sujando a Universidade Federal de Roraima. Quando as aulas dos cursos dos não-indígenas começavam, mudavam nossa sala de aula para outro canto, dizendo que nós estávamos atrapalhando. Eu sofri ao perceber que a discriminação que vivi nas fazendas também ocorria nas universidades. Aqueles que falavam bem o português compreendiam essa discriminação. Mas como estávamos com outros povos, essa união nos fortalecia para seguir em nossos objetivos.

Eu continuava tendo dificuldade para ler as apostilas grandes de estudo. Era muito difícil fazer resenha de autores como Koch-Grünberg – antropólogo alemão que escreveu sobre nosso povo – e vários outros. Aquilo tudo era coisa para o não-indígena. Eu me esforcei muito. Quando não entendia, buscava outras pessoas. Nossos professores-formadores sempre pediam para não deixarmos nossas dúvidas passarem, caso não estivéssemos entendendo. Nós, Ye'kwana, éramos valorizados pelos professores, por termos uma cultura forte e falarmos a nossa língua, eles diziam. Depois de algum tempo convivendo, os professores perceberam que nós, Ye'kwana, assim como os Wai wai e os Ingarikó, tínhamos mais dificuldade em acompanhar o curso, e estávamos na mesma situação. Eles tentavam nos motivar dizendo que precisávamos ser acompanhados mais de perto e que precisávamos nos esforçar mais e fazer anotações no caderno. Apesar de eles falarem isso, devido à distância das nossas comunidades, os professores não conseguiam fazer o acompanhamento de perto da nossa realidade e prática de estudos e ensino.

Na universidade, nós recebíamos muitas orientações para trabalhar em sala de aula na comunidade. Meu pensamento era melhorar. Eu pensava: "Será que eu vou me tornar professor de verdade quando terminar o curso superior? Será que estarei capacitado para

manter bem organizados todos os papéis que a Secretaria de Educação sempre pede para a gente?". Os professores na universidade perguntavam sobre a organização da nossa escola na comunidade: "Como é a relação com os pais dos alunos?". Eles pediam para anotar no caderno, prometendo que um dia visitariam nossa comunidade. Da minha turma, fui o único estudante que não teve sua comunidade visitada por um dos professores-formadores, porque o acesso a Fuduwaadunha é muito difícil.

Concluí a Licenciatura Intercultural Indígena em 2008, apresentando meu trabalho de conclusão de curso *Atualização da política escolar para o povo Ye'kwana*. Foi a primeira formatura de uma turma de indígenas em licenciatura intercultural no ensino superior no Brasil. Em 2019, anos depois de formado professor, decidi prestar seleção para o mestrado em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

#### **1.4 Novo Desafio no Mundo Acadêmico**

Quando eu cheguei pela primeira vez em Belo Horizonte, sentia muita expectativa em ter novas experiências de estudo em uma Faculdade de Educação, a FAE, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Começou a surgir um novo ciclo de pensamento, de olhar e de meu processo de aprendizagem junto aos novos colegas de estudos, com novos professores e um lugar novo, com estrutura bem diferente. Essa nova expectativa me fez pensar em estudar mais profundamente para que eu pudesse conseguir novas experiências e conhecimentos. Nos primeiros dias, houve um pouco de dificuldade de acompanhar as aulas, com os jeitos e ritmos das leituras de textos. Eu me sentia desorientado sem saber com quem eu ia falar, porque me sentia bem diferente em tudo, pois vim de outra região, diferente, para um lugar desconhecido. Na verdade, quase todas as ações foram difíceis nos primeiros dias, para me habituar às convivências nos espaços, e fui conhecendo lentamente os lugares.

Também fui construindo um novo pertencimento dentro da faculdade, para me acostumar aos meus estudos nas disciplinas: sempre em silêncio nas aulas, atento às intervenções dos colegas para acompanhar as aulas e as leituras na segunda língua – português. Já que estava em BH, comecei outra vivência dentro dessa cidade, como uma nova forma de organizar meu pensamento para que eu pudesse conseguir algo importante, com muita responsabilidade e compromisso com a minha comunidade. Fazer mestrado não foi uma escolha apenas pessoal. O meu povo deposita expectativas em meu trabalho e espero trazer um retorno positivo para todos os Ye'kwana.

Já na comunidade, a educação também segue. Historicamente, desde o início até os dias de atuais, já são três décadas de existência da escolarização do Povo Ye'kwana no Brasil. Isso vem acontecendo sem interromper os dias letivos, porque os professores são os próprios Ye'kwana, que lecionam dentro de suas comunidades. Mesmo existindo vários fatores de dificuldade de apoio da instituição, como a Secretaria da Educação de Estado, eles conseguem fazer funcionar com o esforço dos professores.

### **1.5 Perspectiva do Ye'kwana sobre o curso na FAE-UFMG**

O contexto que foi apresentado nas disciplinas na FAE tinha relação com discussões sobre vários temas, que foram abordados pelos convidados e convidadas que fizeram suas falas de forma clara sobre como foram utilizadas as metodologias durante suas pesquisas nas periferias das cidades da região sudeste do Brasil. Foi importante para introduzir e discutir coletivamente na sala de aula sobre a questão da desigualdade, racismo e dos seus sujeitos.

A maioria das disciplinas que cursei na FAE trouxe temas importantes para o meu aprendizado. Foi uma experiência diferente da que tive no Insikiran, apesar do mestrado ser um tempo curto. Eu já imaginava que seria um período de muitas leituras no qual iria conhecer muitos autores. Eu estudei escritos de pensadores como Pierre Bourdieu, Durkheim, Weber, Marx, dentre outros. Isso foi importante para ajudar a amadurecer a minha cabeça e a introduzir e discutir coletivamente na sala de aula esses temas. Para nós que não conhecemos bem a história dos brancos de perto, foi uma surpresa descobrir que existe também muita desigualdade na sociedade não-indígena. Isso foi uma das coisas que expliquei aos mais velhos, quando retornei à minha comunidade.

Por exemplo, eu não entendia, antes de fazer essas leituras, que existiam diferenças entre os filhos de ricos e de pobres na sociedade não-indígena, e que isso se relacionava com o capital cultural e capital econômico das pessoas. Essas diversas formas de capital que existem na sociedade não-indígena criam muitas desigualdades e dividem o mundo dos brancos em classes ou camadas. Tudo isso me ajuda muito para que eu possa entender melhor o processo das discussões e às vezes reflete muito do que acontece na nossa realidade; também trouxe motivações para pensar e organizar melhor a minha pesquisa. Minha responsabilidade é também de aproximar os colegas Ye'kwana (que fazem parte do corpo docente, pais de famílias, lideranças e de outros pesquisadores futuros no mundo acadêmico) do aprendizado de como contextualizar nossas experiências na forma de registro bilíngue.

De acordo com os temas propostos pelos professores que ofertavam as disciplinas, vivenciamos muitas leituras, reflexões dos textos de mulheres indígenas pesquisadoras, como Gloria Anzaldúa, do México, que fala da sua trajetória de pesquisa sobre a consciência mestiça na história do feminismo, enfocando sua perspectiva. Anzaldúa fez sua pesquisa a partir da sua trajetória de vida pessoal que adentra no mundo acadêmico no sul dos Estados Unidos, que faz fronteira com o México. Conheci também outra grande autora, Silvia Rivera Cusicanqui (2010; 2018), que é socióloga boliviana de origem Aymara, que estudou as práticas e os discursos descolonizadores e é professora emérita da Universidad Mayor de San Andrés, em La Paz, Bolívia. Outra pesquisadora indígena, Linda Smith (2018), é do povo Maori, na Austrália, e fala da necessidade de descolonizar as metodologias. Essas leituras foram de grande motivação durante meu tempo de estudos em Belo Horizonte e serviram de inspiração para minha pesquisa.

Reiniciar a trajetória acadêmica – de forma um pouco diferente do que vivi há doze anos na graduação – me proporcionou várias revelações, motivações e reflexões sobre o que vivo em pleno século atual, em relação ao que se passa no contemporâneo; e o porquê da nossa legítima epistemologia ser considerada como inferior pelos grandes capitalistas. Muitas vezes, a discussão era epistemologicamente eurocêntrica, considerada como dominante da humanidade, o que fez com que conhecimentos ameríndios sempre fossem considerados inferiores. Essa situação acontece até os dias de hoje, o que é muito doloroso para nós, indígenas, e para a Terra, que se encontra cada vez mais adoecida pelo pensamento e ações predatórias do homem branco.

Durante as discussões, também comecei a entender o quanto se fala sobre a questão do racismo, do colonialismo e do pensamento anticolonial. Portanto, pretendo levar a nova perspectiva vivenciada em todas essas aulas para juntos iniciarmos a discussão com as comunidades locais. Conhecer os pensadores não-indígenas e também indígenas me ajudou a compreender a importância de nós preservarmos nossos conhecimentos tradicionais. Como o grande escritor indígena contemporâneo Ailton Krenak (2019) propõe, essas são “ideias para adiar o fim do mundo”. Todas essas leituras foram a inspiração para dar início à minha pesquisa.

## Capítulo 2: O povo Ye'kwana, as terras indígenas dos Ye'kwana no Brasil e o encontro dos Ye'kwana com os brancos

Somos Ye'kwana, falantes da nossa língua materna, mantemos nossos costumes, tradições e o modo de vida na comunidade. A língua Ye'kwana vem do tronco linguístico Karib. Nas nossas comunidades, sempre conversamos em nossa língua materna, assim como na vivência social, no dia-a-dia e também na escola: quando damos aulas, conversamos com os nossos alunos. Até mesmo dando a matéria de língua portuguesa, continuamos a falar a nossa língua materna, com exceção das leituras e exercícios, que são lidos em português. Percebo também que os Ye'kwana que sabem falar em língua nacional sempre dialogam através da sua língua de origem.

Outro ponto da minha percepção da nossa realidade atual diz respeito a alguns valores culturais, que já não são os mesmos de vinte ou quarenta anos atrás. Eu vi muitas dessas mudanças ocorrerem durante minha infância, adolescência e vida adulta. Com o passar do tempo, mudaram muito. Outras tradições se mantêm as mesmas: quando nasce um filho, por exemplo, os pais deixam de comer alguns tipos de alimentos e ficam de resguardo cinco ou seis dias ou até o umbigo da criança cair. Quando o umbigo do filho cai, as mães ou algum parente próximo convidam um sábio ou uma sábia da comunidade para realizar um ritual que se chama *shiichu ija'kadö*; é um ritual em que o recém-nascido que faz o primeiro contato com natureza. Ele é um *acchudi* ou *yacchummadö*, uma reza/canto realizado pelo sábio e que busca proteger o bebê de seres invisíveis ruins. Os *acchudi* /*yacchummadö* são executados em diversas situações das nossas vidas. Eles são fundamentais para nós Ye'kwana; são o que na língua portuguesa os *Yadaanawi* chamam de reza ou de canto, mas ele pode ser também realizado apenas no pensamento. Os nossos conhecedores sabem muitos desses rituais que são feitos em muitas fases das nossas vidas, e são mais privados, não envolvem toda a comunidade como os nossos *ädeemi*, que são as cerimônias coletivas de inauguração das casas (*ättä edemi jödö*), de abertura das novas roças (*äudwaajä edeemi' jödö*), e da chegada dos caçadores (*tanöökö edeemi' jödö*).

O povo Ye'kwana tem como tradição de cultivo há milhares de anos e ainda hoje alimentos sagrados, como *ädeeja* (manivas-mandiocas). O processo é cuidadoso: a primeira conversa começa nas famílias, de um homem com sua esposa ou seu sogro, por exemplo, sobre onde haverá as melhores roças para os próximos anos. Em seguida, as ideias são encaminhadas às autoridades da comunidade, para que se definam os planos dos trabalhos de roçados e de derrubadas de roças. A conversa inclui toda a comunidade. Em seguida, espera-se a secagem

das roças derrubadas – o que demora um período de dois ou três meses – e depois esses produtos secos são queimados. Depois são plantados *ädeaja* na roça, que passam a ser de responsabilidade das mulheres da família. Todas essas atividades são realizadas com a ajuda de rituais. No último capítulo desse trabalho voltarei a esse tema.

Nós, os Ye'kwana, somos excelentes construtores de canoa e também somos ótimos navegadores e, por isso, conhecemos muito bem os rios, igarapés e cachoeiras que existem em nossa região. Desde há muito tempo, nossos ancestrais andavam por diversas regiões e participavam de redes de trocas com outros povos indígenas. Nessas longas viagens, nossos parentes saíam em busca de objetos como panelas de barro e redes de algodão que eram trocados por ralos, zarabatana e outras coisas com os povos que habitavam Fadiimenna, a região do lavrado roraimense e entre outras regiões.

Muitas vezes, iam até Ameenadinnha (onde hoje é Georgetown, capital da Guiana) para obter objetos como a espingarda (*adaakujuusa*) e tecido vermelho para fazer a vestimenta masculina, denominada *wayuuku*. Contam que, nessa época, vivia-se melhor e não se falava em fronteiras nacionais como hoje. As visitas a outras comunidades Ye'kwana eram muito comuns e ainda hoje fazem parte de nosso cotidiano. Costumamos fazer viagens pelos caminhos terrestres e pelos diversos rios que se localizam nos dois lados da fronteira entre Brasil e Venezuela.

## 2.1 Comunidades

As nossas comunidades Ye'kwana estão distribuídas na região localizada entre Dinhakunna, Kununna, Kuntanaamanna, Entawaadenna, Medewaadinnha, Fadaawanna, os estados Amazonas e Bolívar, no sul da Venezuela, e no noroeste do estado de Roraima, na nossa região de Auaris, que chamamos na nossa Yawaadeejuddinna, no Brasil. Segundo o censo realizado em 2011 pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), havia 7997 Ye'kwana vivendo em mais de sessenta comunidades Ye'kwana na Venezuela. No Brasil, somos pouco mais de seiscentas pessoas. Habitamos a Terra Indígena Yanomami, assim como nossos parentes Yanomami, que vivem em diversos lugares distribuídos e que abrangem dois estados, Amazonas e Roraima.

No Brasil, atualmente são seis comunidades Ye'kwana que estão situadas nas calhas dos rios Yawaadeejudi (Auaris) e Fadiime (Uraricoera): Tajääde'datonna, Fuduwaadunna, Kujaashinna, Matucchuwenna, Kudaatanna e Wacchanna.

Tajäädé'datonnha está situada acima do rio Auaris, em um dia de viagem de canoa a motor de popa, mas remando levam mais dias. Fuduwaadunnha está localizada à margem direita do rio, logo abaixo da pista de pouso de Auaris. Kujaashinnha está localizada à margem esquerda do rio, logo abaixo de pista de pouso de Auaris. Matucchuwennha está localizada bem próxima à divisa entre Brasil e Venezuela, no sentido leste de Auaris, e, para chegar, leva um dia de viagem de canoa. Kudaatannha está situada à margem direita do rio, fica abaixo do rio Auaris, três a quatro dias de caminhada e de canoa, na Terra Indígena Yanomami, no município de Amajari. Wacchannha está situada à margem direita do rio Fadiime (Uraricoera), no município de Alto Alegre, Noroeste do Estado de Roraima, no extremo Norte do Brasil.

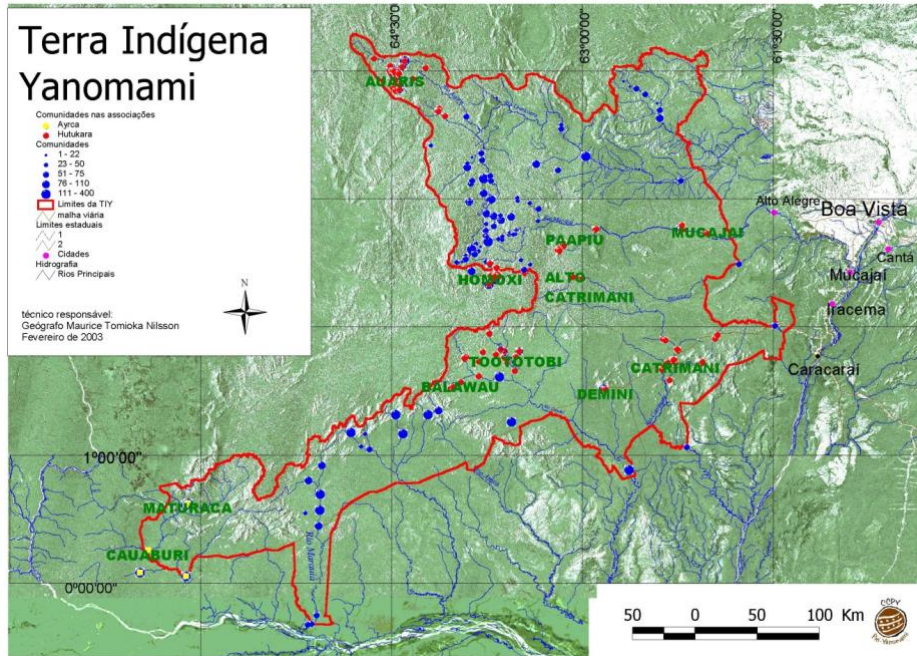
Nós, Ye'kwana, sempre vivemos, desde há muitos anos, nas cabeceiras dos rios que se destacam mais na região: Dinhakunnha (Alto Orenoco) e principalmente os afluentes da margem direita desse rio, que foram nomeados desde o princípio. São assim chamados, na língua materna: Kuntanaamä, Fadhaamu, Kunu, Entawaade, Yemeekuni, e estão localizados na Venezuela. Todos esses rios nascem nas proximidades da região de Auaris, cujo rio principal, Yawaadeejudi (Auaris), deságua no rio Parima e depois esses dois rios formam o que se torna o rio Fadiime (Uraricoera). Em seguida, esse rio se encontra com outro que se chama Tacutu e os dois formam o Rio Branco, que na língua Ye'kwana se denomina Fadiime. Para o povo Ye'kwana, o Fadiime se estende desde a nascente do Rio Parima até desaguar no Rio Negro. Conseqüentemente, para o povo Ye'kwana, o Rio Negro e o Rio Amazonas se tornam apenas um, que se denomina, na língua Ye'kwana, Kashiishiwaade. Este banha os Estados do Amazonas e do Pará. Todos esses rios são muitos importantes para nós, Ye'kwana, que somos um povo viajante e navegador.

Em todos estes lugares, existem histórias de outros povos indígenas, com seus conhecimentos e com vários pontos de referências que se respeitam, preservando e acreditando sempre na história de suas origens. Há lugares sagrados, sítios arqueológicos, igarapés, lagos e serras nomeadas e também locais onde se encontram os vestígios de ancestrais. O nosso lugar é como o centro do nosso mundo, e também o de outras populações de povos originários, de acordo com sua cosmologia e também de seus conhecimentos, e que já habitavam há muitos e muitos anos os arredores e também os espaços mais distantes da nossa região.

A dissertação do pesquisador Ye'kwana Castro Costa da Silva (2017) traz uma importante discussão sobre a atual situação do território e das comunidades Ye'kwana, assim como fala do problema da sedentarização e do aumento no consumo de alimentos industrializados e objetos de tecnologia moderna. Tudo isso gera problemas novos, como o problema do lixo e

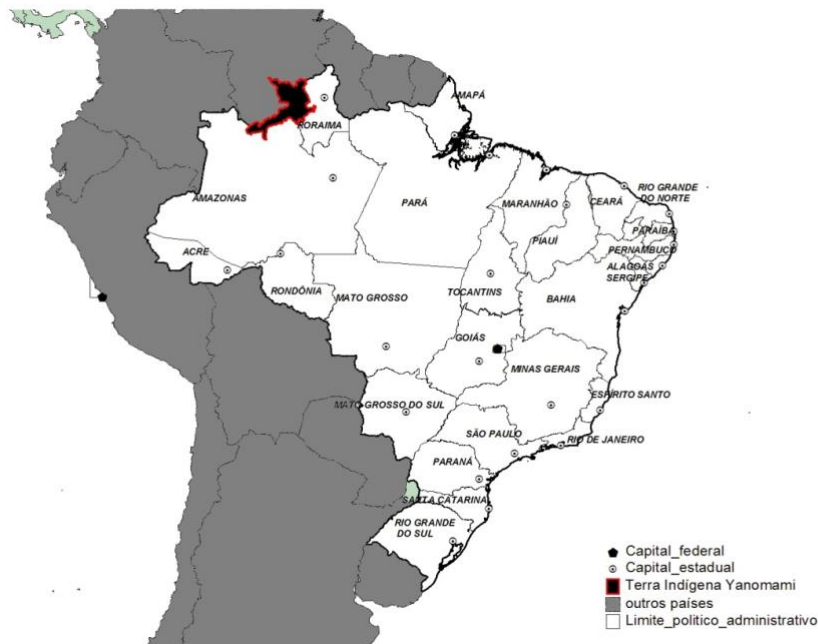
da poluição. Essa situação de sedentarização, assim como o contato próximo com os Sanumá, tem pontos importantes para serem considerados quando temos que discutir e decidir sobre nossas escolas.

Imagem 1 – Mapa – Terra Indígena Yanomami



Fonte: Imagens cedidas pela CCPY utilizadas no TCC

Imagem 2 – Mapa – Terra Indígena Yanomami no Brasil



Fonte: Imagens cedidas pela CCPY utilizadas no TCC



## **2.2 As situações das comunidades atuais e o atendimento à saúde**

No polo-base de Auaris, há atendimento de saúde aos dois povos: Sanumá e Ye'kwana; já nos subpolos de Fuduwaadunnha, de Kudaatannha e de Wacchannha, as equipes de saúde são formadas por profissionais não-indígenas e indígenas que se revezam de trinta em trinta dias. Os Ye'kwana de Fuduwaadunnha são frequentes nos atendimentos de saúde, mas não existem funcionários fixos nesse subpolo, somente os agentes indígenas de saúde (AIS), que ficam no atendimento durante o dia e trabalham conforme a escala de chefia do polo-base de Auaris. Apenas quando há demanda maior, o(a) enfermeiro(a) e o(a) médico(a) fazem atendimentos no subpolo para avaliar os pacientes, sobretudo os idosos, as gestantes e as crianças. A reivindicação que ainda não foi atendida pela SESAI é a de ter as equipes profissionais fixas na comunidade de Fuduwaadunnha, e, nos últimos tempos, os profissionais têm sido insuficientes para atender toda a população da região. Há também a deficiência de medicamentos e material hospitalar básico, tanto no subpolo quanto no polo-base de Auaris, locais onde também há falta de fonte contínua de energia para equipamentos como refrigeradores de vacinas e outros de igual importância. Atualmente, os funcionários Ye'kwana atuantes na saúde de Fuduwaadunnha são quatorze, e há também um funcionário que trabalha na infraestrutura, como operador de motosserra da região. Também trabalham ali: quatro agentes indígenas de saúde (AIS), um agente indígena de saneamento básico (AISAN), dois agentes indígenas de endemias (AIE), dois agentes indígenas de pilotos de embarcação fluvial (AIPEF) e cinco técnicos de enfermagem indígena (TEI).

Para os Ye'kwana da comunidade de Kudaatannha, o atendimento de saúde é feito diretamente no polo-base, e acontece frequentemente. Os agentes indígenas de saúde (AIS) trabalham em equipe, ou seja, sempre juntamente a profissionais não-indígenas. Juntos, fazem visitas domiciliares conforme organizado pela chefia não-indígena no local. São seis funcionários Ye'kwana, sendo três agentes indígenas de saúde (AIS), um agente indígena de endemia (AIE), um agente indígena de saneamento básico (AISAN) e um agente indígena de piloto de embarcação fluvial (AIPEF).

O atendimento de saúde na comunidade de Wacchannha (Waikás) também é direto no polo-base de Waikás. A equipe sempre trabalha junto com profissionais não-indígenas e indígenas fazem as visitas domiciliares, conforme a organização da chefia do polo-base local. São cinco funcionários Ye'kwana, sendo dois agentes indígenas de saúde (AIS), um agente indígena de saneamento básico (AISAN) e dois técnicos de enfermagem indígenas (TEI).

De acordo com os dados da SESAI de 2020, as doenças principais que afetam as comunidades Ye'kwana são: diarreias agudas, diabetes, leishmaniose, pressão alta, doenças do coração, doenças relacionadas às infecções respiratórias agudas (pneumonia, bronquite, asma), sinusite, rinite, artrites, câncer de útero e, mais recentemente, a covid-19. A malária tem relação com a presença constante de garimpeiros, principalmente na região Uraricoera, o que acentuou nos últimos tempos a contaminação e a poluição dos rios e aumentou muito a degradação ambiental em geral, o que alastrou e agravou a doença.

Três comunidades Ye'kwana – Fuduwaadunnha, Kudaatannha e Wacchannha (Waikás) – sentem, percebem e sofrem pela contaminação dos ambientes onde residem e também nos arredores das comunidades. Há o descarte de lixo, como materiais de plásticos, vidros, fraldas descartáveis, absorventes, baterias que são altamente corrosivas, entres outros. Nesses casos, algumas crianças e adultos apresentam dores de barrigas e disenterias por falta de cuidado com o ambiente e os leitos dos igarapés, onde as meninas e as mães costumam buscar água para consumo.

Antigamente, nós, povos Ye'kwana e Sanumá, mudávamos as comunidades de lugares por certos períodos de tempo. Os motivos de mudanças eram conforme o que acontecia em algumas situações. Muitas vezes, quando os recursos ambientais davam sinais de alguma escassez, íamos viver em outro lugar, onde havia áreas mais férteis para o plantio e com maior disponibilidade de caça e de pesca. Com a intensificação do contato com não-indígenas, esse padrão de mobilidade sofreu uma grande transformação. Nós paramos de nos deslocar no território e fixamos nossas comunidades nos arredores das pistas de pouso, de onde partem as aeronaves que vão e vêm de Boa Vista, e onde temos acesso a diferentes coisas vindas da cidade.

### **2.3 Os Ye'kwana acreditam no seu criador e nos princípios**

Nós acreditamos que o nosso Criador existe e que vive no *Kajunnha* (céu). Segundo nossas tradições, Ele criou a terra onde habitamos até hoje e se chama *Wanaadi – Wana Seduume*. Ele criou tudo o que existe em nosso mundo. O *Wanaadi* está sempre vendo tudo como as nossas trajetórias de vidas, os sofrimentos humanos e o sofrimento da nossa Mãe Terra. Os Ye'kwana acreditam também que quando alguém for a óbito por causa natural ou por acidente, seu *chääkato* (seu espírito ou sua alma) vai direto para *Kajunnha* (céu), um lugar para a vida nova e para sempre. E aqueles que cometem os crimes graves com outras pessoas ou suicidam, o *chääkato* (espírito ou alma) vai a um lugar ruim e terá sofrimento para sempre.

Um dia, entraremos em desastre e todas as vidas humanas, junto à Mãe Terra, terminarão. Isso acontecerá se não respeitarmos os outros e não respeitarmos tudo o que existe nesta terra. É isso que o Criador do nosso Mundo deixou como recado único para toda a humanidade. Por isso é necessária a reflexão, sobretudo acerca dos eventos contemporâneos.

#### **2.4 A História milenar Ye'kwana**

Há muito tempo existem os costumes Ye'kwana (*Ye'kwanakomo weichö*), que os antigos levaram adiante, transmitindo os saberes e os valores desse povo, para além de suas trajetórias históricas. O conhecimento de milhares de anos sobre as histórias de *Wätunnä* (histórias dos ancestrais) chega até as nossas convivências atuais, como a crença no nosso Criador e que Ele foi o responsável por criar todos que existem em nossa terra.

Além disso, existem outros personagens importantes, como o da história de *Kuyujaani*. O *Kuyujaani* foi uma personagem importante que limitou e demarcou o nosso território e diversificou tudo o que praticamos hoje em dia. Isso foi orientação do seu superior, que vive em *Kajunnha* e que se chama *Wanaadi*.

Hoje em dia, continuamos esses tipos de práticas e tradições. Foram surgindo diversificações de muitas línguas para todos os povos e houve também a distribuição dos territórios para os seres humanos, os animais e os diferentes tipos de vegetação. A isso chamamos planeta Terra. Esses saberes Ye'kwana e as suas *wätunnä* (histórias) são guardados, contados e repassados para outras pessoas. Isso se dá de acordo com a nossa cosmologia principal e central, que o nosso *Wanaadi* ou *Wana Seduume* fez perfeitamente, através da sua inteligência e do seu poder. As ações de rituais geram as outras categorias de nomes específicos de vegetais, de animais, de lugares e de personagens – tanto os “bons para a vida”, quanto os “contrários às vidas humanas”, que são descendentes de *Odo'sha-Kaajusshawa*, uma personagem inimiga dos seres humanos e do *Wanaadi* e que vai levar a vida até o fim do mundo. Ele é irmão gêmeo de *Wanaadi*, que nasceu da sua placenta apodrecida. Ele é muito inteligente, mas seguiu o caminho errado.

Na realidade, as nossas histórias são utilizadas, lembradas e contadas, bem como as outras categorias de nomes específicos que são citadas no *ädeemi* e *yaicchumadö* (cantos específicos entoados pelos cantores tradicionais), nas realizações de atividades rituais públicas ou nas privadas. São elas as realizações de *ädeemi jäkä wänwanaawä* (tipos de ritos e festas públicas com cantos) e *yacchumadaawä* (tipos de ritos mais privadas com cantos). Essas linguagens

mais específicas são utilizadas durante os processos de atividades nos ritos e nos cantos de curas das pessoas e em outros momentos fundamentais.

A diversidade de outros conhecimentos principais (como os termos de parentescos e os jeitos de nomear as pessoas conforme suas faixas etárias desde quando nascem e são crianças) existe até os dias atuais. Todos esses conhecimentos milenares são vindos de um princípio, de onde surgiu o povo Ye'kwana, que veio originalmente da *Yujuudunha* (onde está a origem da história ou onde nasceu o embrião da nossa história) e esses saberes são considerados principais pelas pessoas que compartilham da crença cosmologicamente central para o povo Ye'kwana. Todas essas sabedorias são praticadas e repassadas de gerações em gerações pelo povo Ye'kwana. Os lugares sagrados se encontram nas suas proximidades e também em locais distantes, como por exemplo, o *Dodoimã* (Monte Roraima), que é um pouco distante da comunidade, mas é nosso lugar sagrado, respeitado para sempre e que vai levar a vida até o fim do mundo.

Tudo isso são formas de manter as nossas riquezas, que os nossos ancestrais valorizaram sempre de acordo com os seus de olhares para o seu mundo, de acordo com onde viveram. Esses são jeitos ricos de cuidar, preservar, manter, valorizar os conhecimentos ancestrais que vêm sobrevivendo desde o princípio – essa diversidade de conhecimentos dos nossos antepassados, que cuidaram memorialmente de seus valores de formas sadias e vivas, praticando constantemente as suas festas tradicionais e os seus ritos. Na realidade, essa é a trajetória que liga os períodos passados e os dias atuais, e que se mantêm unidos hoje em dia através da preservação das nossas linhagens de tempos. Com a ação de transmitir a educação de avós para seus filhos, de pais para seus filhos ou de avós para seus netos, garante-se a continuidade, o seguimento dos conhecimentos tradicionais. A educação Ye'kwana sempre existiu. Há muito tempo e ainda hoje existem, com respeito ao seu período histórico, a sua cultura e a sua prática cotidiana, em que se vive de acordo com seu lugar e com o seu ambiente.

Para nós, Ye'kwana, há infinitudes de donos ou espíritos guardiões em certos lugares, assim como os nomes de personagens que existem no *wätunnä*. Também acreditamos que há os donos de vários animais, nomeados pelos nossos antepassados e memorizados até os dias atuais. Isso é lembrado nos cantos *acchudi* e *ädeemi* que são ditos e citados durante os rituais. Alguns são nomes restritos, só pessoas escolhidas podem participar e praticar nas ações de ritos, como os cantos mais privados e específicos. Há também outros usados nas festas públicas tradicionais, que acontecem em diversas situações: após o término da

construção de uma casa nova, que na língua dizemos *mma* ou *ättä edeemi'jödö* (canto de inauguração da casa); depois do encerramento da preparação das roças novas (derrubadas das roças) que se diz na língua materna *äudwaajä* ou *tooki edeemi'jödö*; e após recebimento dos caçadores, que se diz *tanöökö edeemi'jödö*.

## **2.5 Primeiro contato com os *yadaanawichomo* (os homens brancos estranhos)**

Com passar de tempo, nós, Ye'kwana, experimentamos diversas relações com não-indígenas, como alianças, conflitos e perseguições. Essas relações alteraram em pequena parte o território ocupado por nós antes da chegada de tais homens estranhos, que vieram de outros continentes e atravessaram o mar (Oceano Atlântico). Os nossos ancestrais enfrentaram essas crueldades, como outros povos originários, mas mesmo assim seguimos existindo e resistindo até aqui em nosso mundo, que hoje em dia denominam como continente americano.

Um exemplo da memória que construímos na comunidade é de quando contamos as histórias de sofrimentos causados pelos colonizadores europeus quando chegaram e exterminaram muitos outros povos originários. Às vezes costumamos contar também sobre a invasão do nosso território pelos homens estranhos não-indígenas, o que é polêmico e triste. Nessa época, começaram a chegar as histórias mais desagradáveis ou notícias estranhas que vinham do outro lado do mar ou do continente europeu, que fica no sentido leste do continente das Américas, cujos povos são desconhecidos e estranhos. Como dizemos na nossa língua, os *yadaanawichomo* (os homens brancos) começaram a chegar com seus instrumentos e com seus pensamentos bem diferentes das nossas características e da nossa forma de olhar o mundo. A visão e o pensamento desses homens brancos eram também bem diferentes e com certeza os objetivos deles eram de explorar os que encontravam aqui nas Américas: chegavam e tomavam as terras sem ter a mínima noção de respeito aos nativos que viviam em seus lugares e em seus territórios. Como essa, as narrativas memorizadas são lembradas pelos *inchonkomo* (antigos tradicionais), que continuam lembrando e passando adiante as histórias tristes que aconteceram após a chegada dos *yadaanawichomo* (homens brancos). Com muita memória também guardada antes da chegada dos *yadaanawichomo*, nossa tradição vem mantendo e valorizando as nossas narrativas e contos interessantes e importantes que servem às nossas vidas. Assim, as novas gerações se integram naturalmente às nossas vivências cotidianas.

A nossa história não começou quando começaram a chegar os *yadaanawichomo*. A nossa *wätunnä* surgiu muito tempo atrás. Em outras palavras, há milhares e milhares de anos. Com

os homens estranhos, chegaram seus *fajeeda* (papéis ou livros) para fazer catequização ou evangelização dos nativos das Américas, em que muitos povos foram convertidos e outros não. Ainda trouxeram suas doenças desconhecidas, bem agressivas e fatais.

Esse tipo de acontecimento se repetiu no fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, quando um grupo de seringueiros, comandado por Tomás Funes, invadiu o centro de nosso território originário. Ele estava em busca de escravos para trabalhar na extração do caucho e para outras explorações, como, por exemplo, a procura de pedras preciosas, que atraíam mais naquela época e continuam ainda nesses dias, causando consequências problemáticas, como as destruições ambientais em nossas terras. Essa perseguição foi extremamente violenta, destruiu inúmeras aldeias e provocou milhares de mortes entre nós. Nessa época, algumas famílias Ye'kwana fugiram para o leste e se espalharam por outras regiões. Uma parte do nosso povo se refugiou na região do Rio Yawaadeejuddinha (Auaris), área de ocupação tradicional, que, naquele tempo, era via de acesso para longas viagens para Fadiimennha e serviam como suporte para realizar as caçadas coletivas com mais meios. Essa tristeza de acontecimentos é contada, lembrada e repassada de geração em geração pelos nossos anciãos.

Em seguida, trataremos das novas formas de memorização que surgiram com a produção dos “cadernos de canto”, bem como das novas formas de cuidar e preparar os corpos nas práticas da vida cotidiana, que agora incluem a escola.

### **Capítulo 3: A escola entre os Ye'kwana**

A educação escolar Ye'kwana, hoje em dia, está sob responsabilidade dos professores e das comunidades em torno de onde essas escolas estão. Para que as pessoas tenham confiança na melhoria da nossa realidade, é importante o pensamento de sempre manter e fortalecer o papel da escola, respeitando as normas da comunidade.

A principal função da educação escolar é ser um lugar de alfabetização nos idiomas de origem, ou seja: na língua Ye'kwana e na língua nacional. O processo de ensino e de aprendizagem sempre parte do conhecimento tradicional do nosso povo, realizando as práticas de acordo com a nossa cultura. Posteriormente, aprende-se sobre o mundo e sobre os conhecimentos da sociedade exterior, sem perder o foco nas nossas bases fundamentais. A língua nacional é uma ferramenta importante para defender o nosso território e os nossos direitos. No entanto, a maioria dos professores e dos pais de jovens prefere que os seus filhos, alunos nessas escolas, estudem e aprendam na sua própria comunidade, pois têm a garantia de participarem de seus rituais e ensinamentos, além de consumir os alimentos tradicionais, que não são garantidos nas escolas e nas cidades.

#### **A chegada do papel**

Hoje em dia, nossa realidade Ye'kwana mudou muito. Há novidades, tais como: o uso de dinheiro para adquirir aparelhos eletrônicos e outros produtos e o avanço da escolarização em nossas vidas. Nesse sentido, a modernidade do mundo acaba sendo assimilada na vivência de nosso povo. Essa situação é comprovada quando percebemos que o nosso cotidiano está mudando gradativamente, mas de forma acelerada.

Apesar de ser um processo que ocorre naturalmente, costumamos escutar as indagações das pessoas mais antigas, como alguns pais de família e as lideranças das comunidades (*inchonkomo*). A percepção desses líderes antigos, os anciãos, é de que essas interferências do mundo moderno estão enfraquecendo os aspectos mais profundos da nossa cultura (como as raízes de conhecimentos legítimos e verdadeiros), tornando parte importante das nossas vidas mais vulnerável. Essas indagações são críticas feitas pelos mais antigos em relação aos assuntos mais delicados, como a valorização de saberes e conhecimentos tradicionais. Isso porque, no último século, o nosso modo de viver vem se alterando severamente diante dos apelos do mundo capitalista. Segundo as lideranças, as mudanças nas comunidades Ye'kwana acabam por enfraquecer a prática dos valores e dos conhecimentos tradicionais, assim como

os nossos ritos mais importantes, como os de curar as pessoas e os de respeitar os ambientes, principalmente os lugares que se consideram sagrados.

Essas mudanças são, sem dúvida, motivadas pela chegada do papel (*fajeeda*) e pela instalação das escolas dentro da nossa comunidade, bem como em diversos locais habitados pelos povos indígenas no Brasil e até mesmo em países vizinhos. Isso nos faz pensar em que medida o ensino e a aprendizagem escolar direcionados às crianças e aos jovens vêm para transformar a convivência cotidiana dos povos originários na atualidade.

A geração atual percebe que uma forma de manter os conhecimentos tradicionais é por meio dos registros. Isso é uma boa consequência do desenvolvimento operado a partir da chegada do papel, que abriu novas perspectivas para visões futuras, como a reflexão em relação à própria realidade. Há também a consciência da importância e dos bons resultados de manter e cuidar do território e das famílias. Esses resultados são visíveis e poderão ser vivenciados por meio dos registros realizados no papel.

Para os nossos ancestrais, porém, essas novas práticas de ensino e de aprendizagem ainda não estão bem claras. Para eles, os cânticos são essenciais para a permanência da cultura e da vida dos Ye'kwana. Porém, para aqueles das gerações mais recentes, a aliança da nossa cultura tradicional com a tecnologia é como uma fase experimental, uma transição até se ter melhoria na condição de vida.

É importante, nesse sentido, salientar que as futuras gerações precisarão dominar conhecimentos e tecnologias que favoreçam a compreensão dos nossos direitos como conquistas. Isso acontecerá a partir do entendimento das leis que garantem os direitos de nossos territórios e das particularidades que envolvem as sociedades desse mundo em que vivemos. Por isso, os registros são importantes.

Vamos passar então a descrever e refletir sobre os vários aspectos dessa trajetória da escola entre os Ye'kwana, começando, porém, por ouvir o que nos dizem os sábios sobre a chegada do papel.

### **3.1 A origem do papel relatada em *wätunnä***

Os trechos abaixo são duas narrativas de Vicente Castro em dois momentos diferentes. No primeiro trecho, que faz parte de uma longa *wätunnä*, ele está contando sobre a vinda de *Wanaasedume* para a terra e como *Iyejiyanadi/Odo'sha* teria vindo atrás dele, querendo destruir tudo que ele estava fazendo. Ele decide sair andando pelo mundo para fugir de



*Odo'sha* e, antes de ir embora para o céu, cria o papel para despistá-lo, para que ele não fosse atrás de *Wanaasedume*.

O segundo trecho é parte de sua fala no encontro que reuniu professores e sábios de diferentes povos indígenas na Serra do Cipó, em Minas Gerais em 2012<sup>2</sup>, quando ele fez uma reflexão sobre a educação escolar e o papel<sup>3</sup>.

Nos Estados Unidos, *Wanaasedume* criou o papel, depois inventou o avião, carro, combustível... o papel ele entregou a *Majeewa* (uma grande borboleta), que nele foi escrevendo e dobrou-o. *Majeewa* fez isso nove vezes – foram nove pedaços de papel escrito e dobrado. Ao chegar lá, *Iyejiyanaadi* começou a ler o que *Majeewa* havia escrito. No entanto, ele somente desfez quatro das nove dobraduras. Na quinta dobra, ele leu somente a metade e, a partir dela, não conseguiu ler mais. Havia uma casa com nove quartos, e, em cada quarto, *Majeewa* deixou um pedaço dobrado. *Iyejiyanaadi* leu o que estava em quatro quartos. No quinto quarto, ele leu apenas a metade e depois não conseguiu ler mais. Assim estava escrito: “você precisa ler este livro. É preciso chegar com a consciência limpa e bom pensamento, do contrário você não chegará a *Wanaasedu* e *Attawana*. Você não pode levar os seus problemas; se você levar seus problemas, não conseguirá chegar até eles.”

*Waniyjadö Akudajai* era o lápis. Ele é o dono da tontura/loucura. Essa é a doença que havia no lápis e é por isso que lápis e caderno enlouquecem, fazem as pessoas adoecer.

Ao chegar aos Estados Unidos, ele perguntou ao vigia deixado por *Wanaasedume* como ele havia partido de lá. O vigia explicou que ele havia partido de avião. *Odo'sha* criou o avião também, mas ele deu uma volta e retornou ao mesmo lugar – ele não conseguiu alcançar *Wanaasedume*. Ele ficou aqui mesmo em *Noono*, onde está ainda hoje – este é o reino de *Odo'sha*. *Wanaasedume* partiu para o céu. Até hoje, os dois não se encontraram mais. *Odo'sha* está por aí, procurando por ele...

\*\*\*

*Mawakena* era o dono do ouro. A saúva era o *chokatto* dele, a sua sombra. Tornou-se o seu duplo e roubou-lhe o ouro. A saúva caminha por todos os lados, não há limites para ela, atravessa montanhas, vai em frente. Ela levou o ouro para outros lugares. Os brancos são como a saúva, abrem estradas, são gananciosos no seu desejo por dinheiro. No nariz da saúva há um brilho, é o ouro que ela roubou. Eu ouvi sobre um branco que cavou um túnel, um ladrão que cavou um túnel para roubar milhões de um banco. Ele cavou o túnel e entrou no cofre do banco, roubou muito dinheiro. Ele é como a saúva.

Os nossos antepassados, os sábios, diziam: os fazendeiros não podem chegar aqui, nas nascentes, nas cabeceiras. O rio secará, eles vão desmatar. Além dos fazendeiros, garimpeiros, fábricas, os brancos vão trazer máquinas ainda maiores e com maior poder de destruição, avançando sobre a terra indígena e seus recursos (ouro, petróleo, todas as riquezas naturais).

*Wätunnä* explica que essas máquinas mais potentes irão acabar com o modo de vida *ye'kwana*. Os brancos vão desejar que se façam plantações de arroz, café, cacau, para vocês viverem. Os *Ye'kwana* farão desse modo. Isso será apenas para enganá-los, para depois consumir o que eles plantaram. Eles viverão como os brancos, comendo as coisas dos brancos. Isso é o que a teoria *ye'kwana* ensina, *wätunnä* ensina. Na Venezuela, isso já começou, o pessoal lá está fazendo plantação dos brancos, tem fazendas, eles não veem o futuro dos próprios filhos, já estão como brancos. Os brancos vão inventar uma máquina para roubar *seejedö*, roubar a sabedoria *ye'kwana*, o conhecimento, o poder dos *ye'kwana*. Já aconteceu na

<sup>2</sup> Encontro sobre Educação Tradicional Indígena, realizado em 2012 pelo Grupo de Pesquisa em Educação Indígena da FAE/UFMG, atualmente registrado como Observatório da Educação Intercultural Indígena.

<sup>3</sup> Os dois trechos estão publicados em: Andrade, Karenina. V.; Yuduwana, Vicente Castro. “A origem de tudo: uma teoria *ye'kwana* sobre a criação do mundo”. *Revista UFMG*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1 e 2, p. 160-181, jan./dez. 2015.

Venezuela com fōwai, vai acontecer comigo também. O outro perde conhecimento e já não é mais a mesma pessoa. Os grandes sábios revelaram tudo – quando os brancos chegassem, o que iria acontecer. Não se pode impedir a escola. Não se pode impedir a entrada dos brancos em nosso território. Não há como impedir.

Muito do conhecimento ye'kwana tem-se perdido. Antes, havia os especialistas. Uma mulher quando tinha filhos, por exemplo, levava a criança para que o fōwai pudesse ver quais os talentos e habilidades aquela criança possuía, o que ela iria se tornar, assim como as mulheres brancas levam seus filhos ao médico. Agora as mulheres ye'kwana também vão ao hospital, ao médico. Isso enfraquece, mata o conhecimento ye'kwana. Por isso, nós mais velhos estamos tristes. As histórias ensinavam tudo. Wätunnä é como a universidade.

Antes, não havia nada nesta terra onde estamos. Não havia água, terra, nada. Wanaasedume criou um so'to. Este so'to tinha mau pensamento, não ouvia Wanaasedume. Ele trouxe este primeiro so'to de volta, não queria matá-lo... o seu filho nasce com deficiência, se comporta mal... você não vai matar seu filho, não é mesmo? Wanaasedume não queria matar pessoas, ele manteve so'to vivo. Há vários céus, um deles é Kajunhadewa, e para lá Wanaasedu mandou so'to. So'to não havia pisado a terra. Wanaasedu fez outro so'to, que ouvia suas palavras. O segundo so'to veio aqui e percebeu que a terra não era adequada para viver: não havia água, ar. Ele veio no akai e ficou pendurado, ele respirava através de um algodão. Ele tentou pisar, mas viu que não dava. Ele afundava. O so'to foi novamente ao encontro de Wanaasedu, que disse-lhe: você terá pessoas sob sua responsabilidade, você deverá cuidar delas. O sol levou so'to de volta. Wanaasedu criou outras pessoas que pudessem vir para cá ajudar a criar a terra. O primeiro so'to enfeitiçava tudo o que vinha para cá. O fajadi (tatu-bola) trabalhou muito para consertar essa terra, deixá-la boa. Vieram os animais, vieram as árvores, água, tudo. O feitiço do primeiro so'to veio junto. O tatu trabalhava bastante para consertar isso, por isso eles cavam a terra. Algumas pessoas atravessaram o mar, foram enviadas para a Europa, por isso lá também existe terra. A terra foi dividida entre os vários povos, a Amazônia foi dada aos indígenas, a terra dos brancos foi mais para cá. Eu fico pensando, quando vou para Boa Vista, os não indígenas falam que é preciso comprar a terra. Por que eles falam isso? Aqui, esta terra é nossa! A terra dele é pra lá, esses brancos que estão aí são invasores. Hoje em dia é tudo proibido, eles me impedem de fazer a minha rota de viagem. Eu não posso ultrapassar a fronteira. Antigamente não tinha fronteira. Agora nós temos medo, temos medo de morrer. Ele pode me matar a qualquer momento. Para que vender a terra? Não é para vender.

O dono do vento veio para terra. Eram três irmãos; um foi pra lá, onde eu vivo, o outro está soprando para cá, por isso estamos aqui sentindo frio e outro, mais velho, foi para a Europa. Ele era o mais forte, por isso lá há o gelo de montanhas. Aqui (em Belo Horizonte) é pouco, às vezes tem nevoeiro. Onde eu moro não há tanto frio, porque os fōwai antigos impediram o frio demasiado na região.

Os peixes, as aves, tudo foi criado. Então, veio a segunda pessoa que veio experimentar como estava a terra. Viu que estava tudo bom, havia alimento, ia daaki, pimenta, mandioca, tudo... Não foi fácil, tinha problemas também, tinha que cuidar, quando você não cuida da sua roça, os alimentos não nascem sozinhos! As crianças, é preciso cuidar também. É a mesma coisa com as plantas que você plantou para comer. Naquela época era muito difícil. Por isso eu digo, é preciso cuidar das roças, para que tenhamos alimentos. A mandioca não é uma coisa simples, existem diferentes tipos. Quando ela não está pronta, ou se você comer a raiz, você vai morrer. Eu estou chegando ao ponto de como surgiu, como devemos cuidar.

Sedume veio, o neto de Wanaasedu. Aquele primeiro so'to queria matar Sedume. Morria apenas o seu reflexo, a sua imagem, mas ele continuava andando, era como se jogasse uma camisa, ele não morria, ele continuava andando. Foi aí que surgiu a escrita. Sedume escreveu, para aquele outro não perseguir mais, ele enrolou o papel e estava lá escrito. Ele disse: “se você deixar esse papel aqui, você vai comigo; se você não deixar, você não vai.” Foi assim que começou a escrita, uma outra forma de adquirir conhecimento, que não é mais da cabeça, já deu a vista para enganar a pessoa, surgiu a palavra escrita. Assim que surgiu o papel, nós que estamos morando aqui, chamado Brasil, a gente não conseguiu atravessar o mar, porque Sedume foi e depois marcou reunião (como estamos aqui agora). Ele voltou para ter uma conversa

com as pessoas que tinham ficado, ele tinha deixado aqui, só que nós tentamos, mas não conseguimos ir até lá do outro lado do mundo. Outros não-indígenas foram, carregando esse camelo, ele não fica com sede porque ele carrega água nas costas que ele tem, as duas montanhas nas costas dele, ele não sente nada, ele vai embora, e aconteceu esse momento de reunião lá com as pessoas, então os não-indígenas adquiriram o papel, mas nós não, nós só éramos na cabeça mesmo. Outras pessoas que ficavam nas suas localidades, um perguntava ao outro: “você viu?”, A pessoa lá dizia: “sim, eu vi, tá tudo aqui, eu anotei”, como nós aqui. Agora, vocês estão anotando, vocês estão imitando essa pessoa, para vocês não esquecerem, daí que saiu a palavra, dessa forma você vai enganar as pessoas, você vai produzir um monte de coisas, produzir os livros, essas coisas, através disso você vai enganar as pessoas, e está dando certo! Na minha visão, está dando certo. Vocês estão me vendo aqui. Eu estou anotando alguma coisa aqui? Nada. Então depois que veio a invasão pra cá, veio esse papel de enganar as pessoas, nós acreditamos que a primeira chegada de não indígena era estranho, a gente via barbudo, cheio de pelos, junto com esse papel. Isso de papel, para nós é para enganar as pessoas, assim contavam os mais velhos. Isso que meu parente estava falando aqui, querendo anotar alguma coisa, mas ele não deixa anotar, porque você estava pegando conhecimento, você está colando o que ele está falando naquele papel, isso não tem volta mais para ele, você está pegando a fala daquela pessoa.

Nós aqui, o que estamos tentando construir? Tem vários povos aqui, várias etnias, cada uma com seu conhecimento. Os que mais conhecem da cultura, vamos tentar fazer isso juntos. Nós estamos com medo de quê? Medo de que o governo não entenda nossos costumes, não queira fazer isso ou aquilo. “Não, vocês têm que aprender do jeito que está aqui no papel” – desse jeito que o governo fala. Por isso em todas as escolas indígenas aplicaram esse livro, isso é a coisa da mentira, como eu falei, e foi isso que a gente aplicou dentro das nossas comunidades. Então vamos tentar inverter um pouco isso, o que vai resultar da nossa conversa? Vamos fazer com eles também! Vamos ter que fazer um livro? Mandar lá no setor do governo para que ele entenda o que nós queremos? O governo não quer isso! Se fizermos isso eles vão dizer, ah, vocês têm que fazer dessa forma, desse jeito. Nós queremos as nossas escolas. Então vamos para a frente, meus amigos, vocês professores que estão tendo este conhecimento, diferenciar um pouco a cultura de sociedades indígenas e não-indígenas, pensar um pouco e refletir sobre o que nós temos que fazer, porque eu aprendi de outra forma. O meu pai, a minha mãe, morreram quando eu era criança, eu vivi jogado, quem me adotou foi um tio, que me passou o conhecimento que eu tenho agora. Eu vi as pessoas fazendo xamanismo, os cantos, assim eu aprendi. Os nossos jovens não querem mais aprender o conhecimento que nós temos, de que forma nós vamos fazer isso então? Qual é a forma de ter esse caminho de mantermos a nossa cultura? Como nós vamos buscar isso? Porque a maioria dos nossos jovens foram enganados, por causa do papel. Eles estão nesse caminho. E agora, o que nós vamos fazer? O que eu aprendi é a tratar as pessoas, curar as pessoas, usar os remédios tradicionais, isso eu aprendi. Outra cultura, eu não quero aprender, eu não quero ver isso. Eu não quero ver as pessoas dizendo para mim “ah, você vai ser outra pessoa agora!” Eu não quero isso. Eu sei que esse papel vai trazer muitas coisas ruins, vai atrapalhar meu pensamento e vai atrapalhar o que eu tenho de conhecimento, por isso eu quero viver do jeito que me ensinaram. Vamos encontrar uma solução para nossos jovens, porque não é só na minha aldeia que está acontecendo isso, é geral, foi o que eu ouvi aqui. Isso é a aprendizagem que vocês chamam tradicional, não é anotando num papel. Anotando no papel eu não vou ter conhecimento. Eu não vou ter nada. Aprendendo da forma que o pajé está mandando, fazendo dietas, sem comer nada, só tomar água do cipó, você tem que aguentar. Essa é a educação tradicional indígena, assim que você educa. O professor que se forma aprende química, matemática; o xamã é a mesma coisa, ele conhece tudo. Ele é um professor, ele vai te ensinar isso, vai te aconselhar a não fazer aquilo, porque dentro da nossa cultura existem várias regras a serem seguidas. Foi assim que eu fui ensinado, eu não quis casar tão cedo porque eu quis adquirir o conhecimento; eu sabia que não haveria outras pessoas para chegar nesse nível em que eu estou agora, então vamos tentar construir o que é de nosso interesse, o que

nós vamos fazer aqui! Chänöngena! Mädajena, na'dejemä. [Está bem! Era isso o que eu tinha a dizer a vocês!].  
(ANDRADE et al, 2015, p. 160-181)

### 3.2 Primeiros tempos e primeiras experiências

Historicamente, a alfabetização para o povo Ye'kwana se inicia na década de 1950/1960 com a aproximação de missionários, na Venezuela. Imediatamente, alguns Ye'kwana criaram grande interesse pela escrita, motivados pela possibilidade de registro das narrativas míticas e dos cantos que tornam a vida possível em um mundo habitado por seres perigosos, e criaram escolas para disseminar esse conhecimento.

No final da década de 1960, havia um jovem chamado Tomé Luiz Rocha, morador de Fuduwaadunnha e irmão do meu pai. Ele visitou algumas comunidades na Venezuela com seus pais, tios e outros parentes. Lá havia o ensino-aprendizagem na escola dentro das comunidades indígenas Ye'kwana. Lá, Tomé viu que a maioria das crianças e jovens estava frequentando as escolas. Alguns adultos também aprenderam, na escola ou por iniciativa própria, a ler e a escrever em sua própria língua materna. O objetivo era que pudessem registrar os conhecimentos que seus avós ensinavam ou repassavam, como os nomes de personagens específicos para serem utilizados nas ocasiões nos *yacchummadaawä* (cantos), bem como os nomes de lugares, vegetações e da medicina tradicional. Aquele que se interessasse em aprender a ler e a escrever poderia registrar o que os *inchonkomo* (velhos) ou *towaanojo'na'komo inchonkomo* (sábios) ensinavam e assim poderia avançar, dando continuidade aos ensinamentos para as futuras gerações.

Tomé voltou dessas viagens com algumas cartilhas Ye'kwana com as quais tinha aprendido e sido alfabetizado na língua materna Ye'kwana, na Venezuela. Trazia também o sonho de aprender a ler e a escrever cada vez melhor em sua própria língua. Com o passar do tempo, começou também a ler e a escrever em português com ajuda de missionários que já estavam fixados em Auaris, vivendo próximos aos Sanumá. Depois disso, pensou em iniciar a alfabetização dos jovens Ye'kwana no Brasil, do mesmo modo que ele havia aprendido. Em 1978, consultou as lideranças de Fuduwaadunnha e algumas aceitaram começar a alfabetização na língua materna Ye'kwana. No mesmo ano, essa iniciativa começou a ser posta em prática e seu sonho começava a se transformar em realidade: os jovens Ye'kwana de Fuduwaadunnha aprenderam com facilidade a ler e a escrever em língua materna após um ano de muita dedicação. No ano seguinte, Tomé resolveu voltar novamente à Venezuela e assim a

escola de Fuduwaadunnha ficou sem professor na comunidade durante dois anos. Quando retornou, em 1981, uma nova turma de alfabetização foi criada com sete adolescentes.

O pensamento do professor Tomé era alfabetizar seus alunos para que alguns deles pudessem algum dia assumir a grande responsabilidade de serem professores e para que registrassem os valores e as riquezas do povo Ye'kwana, tais como: os cantos específicos para curar e alegrar as pessoas, os cantos específicos para alegrar e trazer as vidas das manivas (mandiocas), história de origem do seu povo, história das comidas, os nomes e significados de animais com mais específicos e profundos, os nomes de personagens principais que viveram em certos lugares ou ainda estão vivendo em formas de espíritos, os contos principais pelo seu povo, entre muitos outros.

Naquela época, o ensino de português inserido na comunidade pelos missionários se realizava tanto pelo método conhecido como MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) como por outros. Aqueles jovens que fossem os melhores nas leituras de português e também em matemática seriam enviados à cidade de Boa Vista para que conseguissem completar ao menos o primeiro grau. Esse era o desejo do professor Tomé e o pensamento de alguns pais de jovens naquela época. Nesse sentido, os pais dos jovens queriam que seus filhos aprendessem cada vez mais em português, não apenas para se expressarem melhor, mas também para defenderem os nossos direitos. Algumas pessoas da comunidade sonhavam ainda que seus filhos conseguissem avançar mais nos estudos para buscar seus primeiros empregos remunerados, fosse na área de saúde, fosse na área de educação.

Em julho de 1983, a professora Jandyra Dominoni<sup>4</sup>, missionária da Missão Evangélica da Amazônia (MEVA), visitou a comunidade Sanumá, em Auaris. Ela é de nacionalidade brasileira, cheia de experiência, porque dava aulas há muitos anos no seu estado, Santa Catarina, e nas comunidades indígenas do povo Kayuwá, no Estado de Mato Grosso do Sul. Alguns dias depois da sua chegada, os membros da comunidade decidiram convidá-la para ensinar aos jovens e aos adolescentes Ye'kwana um pouco de português e de matemática com aqueles que já estavam bem alfabetizados na sua língua ou com alguns que já dominavam um pouco da língua portuguesa. Porque, naquela época, falar, dialogar e se expressar em português era fundamental, pois a ideia de alguns pais de jovens era de priorizar o aprendizado de seus filhos do português, para que eles pudessem assumir como futuros responsáveis da sua comunidade e do seu povo.

---

<sup>4</sup> As referências ao trabalho da prof<sup>a</sup>. Jandyra estão reproduzidas a partir do TCC (2008).

Há muito tempo, nossos pais e nossos avôs comercializavam e vendiam seus produtos na cidade de Boa Vista e nas outras cidades com os não-indígenas. Havia muita dificuldade com o diálogo em outro idioma com os não-indígenas, tanto no atendimento de saúde nos hospitais, quanto no comércio na cidade. Como entendiam pouco de português, nossos antepassados acabavam perdendo e eram sempre enganados pelos não-indígenas. Nesse sentido, os pais dos jovens queriam que seus filhos aprendessem cada vez mais a língua portuguesa não só para se expressar melhor, mas também para defender as suas diversidades e aspectos culturais de seu povo. Algumas pessoas da comunidade sonhavam ainda que seus filhos conseguissem avançar mais nos seus estudos e buscar seus primeiros trabalhos remunerados, na área da saúde, da educação ou da economia autossustentável.

Então a professora Jandyra passou todo aquele mês de julho de 1983 dando aulas no posto da Missão de Auaris, que fica na comunidade do povo Sanumá, para alguns jovens e adolescentes Ye'kwana. Em novembro de 1983, a professora Jandyra decidiu morar junto à comunidade Fayyaku'jänha. Já no quarto mês do ano de 1984, a escola passou a ser uma escola de primeiro grau e iniciou o seu funcionamento como seriada e regular, na região de Auaris, com o nome de Tancredo Neves. Ela passou a ser vinculada a duas escolas do capital de Boa Vista, a Escola de Primeiro Grau Boas Novas e a Escola de Primeiro Grau Rei Salomão, totalizando aproximadamente quinze alunos de 1ª a 4ª séries.

### **A escola é oficializada**

A partir de 1990, a escola do povo Ye'kwana começou a avançar cada vez mais e o número de alunos dobrava a cada ano. No ano seguinte, o professor Henrique Ye'kwana, que concluíra o curso fundamental em supletivo na cidade de Boa Vista, chegou à comunidade e iniciou de imediato o trabalho em sala de aula como voluntário, com uma turma própria. Logo depois, foi convocado pelo Núcleo de Educação Indígena (NEI) para ser contratado pela então Secretaria de Educação, Cultura e Desportos (SECD). Nessa ocasião, já havíamos escolhido o nome da escola da comunidade: Escola Estadual Indígena de Primeiro Grau Apolinário Gimenes, em homenagem a um dos nossos sábios tradicionais, que falecera na década de 1960, na região de Auaris. O sábio era experiente e conhecia diversos lugares sagrados, próximos e distantes. Além disso, era o verdadeiro dono das nossas histórias (*wätunnä*): conhecia várias palavras com seus significados mais profundos e específicos, palavras usadas e praticadas somente nas ocasiões rituais, como dizemos na língua Ye'kwana: *wätunnä edhaajä* (dono de *wätunnä*) e *acchudi edhaajä* (dono dos cantos *acchudi*). Isso significa que

Gimenes era uma pessoa que tinha conhecimento para realizar vários tipos específicos de rituais com cantos mais profundos, fosse para curar as pessoas doentes, trazer de volta uma pessoa para que ela ficasse com sua família ou entre outros ritos importantes.

Entre a metade da década de 1990 e os anos 2000, iniciou-se um processo que mudou e atualizou a política escolar, tanto em seu funcionamento, quanto na formação do corpo docente. A nossa participação nos encontros e nas reuniões se deu por meio do envolvimento e da interação. Assim adentramos esse período juntamente aos outros povos indígenas de Roraima, como Macuxi, Wapichana, Ingarikó, Yanomami e Wai-Wai. A discussão era relativa à educação escolar específica e diferenciada para nós, povos indígenas, e se dava em forma de seminários, oficinas e conferências. Portanto, avançávamos no desenvolvimento dos nossos conhecimentos para mostrar e contribuir com a comunidade para a mudança de algumas práticas, colocando em discussão o funcionamento dos currículos escolares e a relação entre a escola e a comunidade. Assim, a escola foi se apropriando – de forma fortalecida, estruturada e com mais autonomia – de sua atualização e de sua transformação, imprimindo a marca do povo Ye'kwana tanto em seu funcionamento interno, quanto na relação com a comunidade. Na verdade, a nossa participação adentrou espaços importantes, como os setores públicos na área de educação e saúde.

Em 2002/2003, foi ofertado o primeiro concurso específico indígena, quando nós nos tornamos, pela primeira vez, concursados. Éramos sete professores. Também foi realizado o primeiro vestibular indígena, e assim nós sete nos tornamos os primeiros acadêmicos da Licenciatura Intercultural de Formação Indígena no Ensino Superior Indígena do Núcleo Insikiran da Universidade Federal de Roraima (UFRR), juntos com outros povos indígenas.

Um hábito recentemente adquirido pelos indígenas Ye'kwana é o de registrar suas histórias, suas crenças e seus costumes tradicionais praticados pelos sábios (*inchonkomo*) nos *fajeeda* (cadernos e papéis). A importância desse hábito é o consequente fortalecimento das escritas na língua materna Ye'kwana. Esses conhecimentos adquiridos e experimentados a partir do próprio interesse foi uma tentativa de registrar os valores do conhecimento tradicional, enfim gravados em sua língua de origem. Assim, há a possibilidade de se perpetuarem regras de cantos nos ritos, nomes de personagens importantes que existiam no princípio, nomes de curas vegetais, entre outros. Desse modo, nossos antepassados convivem, cuidando tanto dos processos de herança de seus *wätunnä*, como do modo atual de viver bem a partir da memorização desses ensinamentos, passados de geração em geração há muitos e muitos anos.

Portanto, podemos afirmar que a iniciativa de registrar correspondeu ao sonho do povo Ye'kwana de perpetuar os seus costumes, além de viver para sempre sob essa tradição e ter liberdade em sua convivência: isso porque ainda conseguimos conviver de acordo com nossos hábitos, inclusive de alimentação, mantendo nossos valores, conhecimentos e língua materna. Há um desejo, também, de conhecer e compreender ainda mais os sistemas das sociedades não-indígenas. Através dessas referências, podemos nos conduzir para transformar nossas ideias em registros documentados e afirmados por nós mesmos, para que nossas demandas sejam reconhecidas pelas autoridades competentes que regem as leis capazes de garantir nossos direitos, nossa escolaridade e nossa vida comunitária, de modo geral. Antes mesmo da escolarização de jovens na nossa região, porém, alguns sábios (*inchonkomo*) já dominavam o básico da escrita. Há relatos sobre o desejo de dominar a escrita na língua materna, em prol de escrever e ler no próprio idioma.

Nos anos 1970 e 1980, os encontros geravam temor. Isso porque havia pessoas que já escreviam e liam com muita facilidade e em público, em ocasiões como eventos importantes e encontros evangélicos dentro das comunidades. Ali, falava-se sobre o “fim dos tempos”. A partir dessas experiências, porém, os jovens Ye'kwana começaram a receber cartilhas escritas em sua língua e também cadernos para escrever. Pela primeira vez, podiam experimentar rabiscar com lápis. Em seguida, buscavam parentes ou alguém que tinha o domínio da escrita para receber orientações e seguir aprendendo. Através dessas ajudas, foi possível seguir o processo em um ritmo particular de aprendizagem, em práticas dentro de suas próprias realidades, ainda sem freqüentarem as escolas. Isso aconteceu durante duas décadas, antes da chegada da escolarização em Fuduwaadunnha. Alguns também se esforçaram para aprender a ler e a escrever por meio de cartilhas elaboradas em língua Ye'kwana pelos missionários evangélicos da época.

Com o passar do tempo, em nossa região (Fuduwaadunnha, Auaris), foi introduzido o princípio da alfabetização de adolescentes, por iniciativa do meu tio legítimo, Tomé Luiz Rocha. Assim, começaram a funcionar as escolas de modo experimental e sem vínculo com a Secretaria de Educação, e nem com outras instituições. A intenção era experimentar a possibilidade de ensinar jovens e crianças dentro da sua convivência cotidiana tradicional. Naquela época, o pensamento de algumas lideranças era diferente, como um dos nossos *Kooko Pery* (nosso avô sábio, que se aconselhava com seu irmão Nery, que liderou por mais tempo): para ele, não era o momento certo de introduzir a escolarização entre os Ye'kwana. Ele acreditava que se deveria ensinar somente para um número reduzido de pessoas



selecionadas. Elas estariam, então, aptas a escrever na língua nacional, realizar as quatro operações matemáticas básicas e em seguida seriam enviadas à cidade grande para dar continuidade aos estudos em escolas públicas urbanas, ou mesmo fora das escolas, convivendo com as pessoas não-indígenas e praticando seu idioma. Essa estratégia visava à formação de jovens conscientizados, críticos, entendidos, esclarecidos e com bom domínio para entender o idioma da sociedade não-indígena.

Foi apenas mais tarde que algumas lideranças mais antigas começaram a perceber o lado positivo: aqueles que foram alfabetizados em sua língua de origem eram capazes de registrar os conhecimentos dos sábios (*inchonkomo*), principalmente em relação ao sagrado: os *acchudi*, com cantos privados, os *ädeemi*, com cantos mais abertos ao público e outros rituais importantes. Naturalmente, hoje em dia, nas três comunidades Ye'kwana do lado brasileiro, os moradores convivem com esse tipo de registro em seus cadernos. Os registros acontecem de acordo com o interesse no próprio idioma de origem. Normalmente, os sábios tradicionais mais relevantes são os responsáveis e encarregados dessas linhagens de cantos sagrados, que sobrevivem até os dias de hoje com valor de conhecimento tradicional. Assim como Karenina Andrade (2014) argumenta em seu artigo:

A escola, projeto acalentado para preparar as próximas gerações para o destino inevitável de desaparecer como etnia antes do fim deste mundo, é vista como ferramenta para retardar esse destino. O ensino da língua materna e a introdução gradual do saber tradicional na escola são apontados como os ajustes necessários para se obter sucesso na empreitada. Mais uma vez, os Ye'kwana mostram que são capazes de reverter a seu favor uma situação desvantajosa, através de uma ética que busca sempre aliar o novo ao tradicional. Um dos professores, cada vez mais interessado em introduzir o saber tradicional nas aulas, afirmou que, no início, não se preocupava com isso. A história mostrou-lhe, a duras penas, a necessidade de retomar o saber tradicional para continuarem existindo como gente de verdade e não como fantasmas do que foram um dia. (ANDRADE, 2014, p. 216).

O nosso ingresso como novos acadêmicos no curso de Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Roraima (UFRR) foi marcado pela satisfação e motivação de iniciar novas formas de pensar e afirmar nossa identidade. O objetivo é que um dia tenhamos os nossos sonhos construídos por nós mesmos, juntamente com a comunidade. Essa percepção se deu em 2005, pouco mais de dois anos após o ingresso no ensino superior, e o nosso objetivo (e também da vida escolar comunitária) passou a ser documentar e registrar o contexto das nossas vidas.

Essa experiência nos fez avançar na convivência, praticando e dominando a técnica de escrita em nossa língua materna (nas atividades da escola) e na língua nacional, ferramenta fundamental para a defesa de nosso território e dos nossos valores e saberes primordiais. A

partir dessa nova forma de experiência, alguns jovens Ye'kwana, como Maurício e Júlio, assim como professores, como Josemar, Robélio, Adriana e Viviane, ficaram mais motivados em relação à oportunidade de ampliação da visão. Assim, havia a possibilidade de direcionar os próprios caminhos e ampliar as expectativas de aprendizagem sobre as leis e as formas de estrutura e organização do Estado brasileiro – e também de nossas escolas. Por meio dessa expectativa, os jovens se sentiram mais preparados diante de quaisquer tipos de enfrentamento desagradável. Eles são os futuros defensores das próprias comunidades e das lideranças de seu povo.

Diante das diversas ameaças alastradas cada vez mais nos últimos tempos pela sociedade não-indígena à nossa legítima organização, tornamo-nos cada vez mais vulneráveis, bem como nossas raízes e nossos legítimos saberes tradicionais. Mesmo assim, alguns de nós vimos mostrando, dentro de nossa realidade, os resultados positivos e negativos das situações desagradáveis que vivemos em nossa convivência cotidiana. Nosso sonho, nesse sentido, é fortalecer o ensino e a aprendizagem através das diversas realizações que acontecem em nossa região: as soluções para os problemas na saúde e na educação, bem como oficinas de projetos voltados para a nossa realidade. Por meio dessa experiência que alguns professores vêm amadurecendo, destacando e priorizando, muitos registros têm sido feitos: anotações específicas sobre os valores e conhecimentos primordiais Ye'kwana, ritos privados e ritos públicos – nossa cultura, de modo geral.

Em 2009/2010, começamos a discutir entre nós, professores, a construção dos documentos da escola, tais como o Projeto Político Pedagógico, elaborado conforme as propostas e ideias dos Ye'kwana, pensadas coletivamente. Esse foi um dos trabalhos que foram muito árduos e intensos para os professores e também para as lideranças da comunidade. Em 2008, começamos também a ter professoras Ye'kwana, fato inédito, haja vista que desde a inclusão da escolarização, todos os professores haviam sido homens. E, nesse período, dois jovens Ye'kwana e Sanuma começaram a interagir com os Yanomami de forma experimental e por convite do líder Yanomami Davi Kopenawa, da associação Hutukara Yanomami. O objetivo era que eles participassem do curso de capacitação dos futuros diretores Yanomami, mas não houve o sucesso esperado para ter continuidade. Outro jovem Ye'kwana foi um dos alunos que concluíram, na E.E.I. Apolinário Gimenes, o Ensino Fundamental em Fuduwaadunnha e em seguida o Ensino Médio Normal e Técnico Profissionalizante de Informática, na cidade de Boa Vista. Seu nome é Maurício Tomé Rocha, e em algumas ocasiões importantes, dedicou-se ao trabalho voluntário nesta associação Hutukara Yanomami. Maurício, como jovem

liderança, começou a ir a Brasília e a outros estados com líderes Yanomami importantes. Um pouco mais tarde, houve participações suas na associação Hutukara Yanomami. Maurício solicitou que pudesse trabalhar internamente na associação, e assim foi se esforçando, desenvolvendo e avançando cada vez mais ativamente nos movimentos de luta pelo direito à terra. Nos momentos atuais, em que essa luta ainda acontece nacionalmente e internacionalmente, Maurício dá continuidade ao exercício dessa instituição. Nos últimos anos, surgiram também outros vários projetos, como Saberes Indígenas nas Escolas, junto à comunidade Ye'kwana (2014), o que trouxe a escrita para as escolas e o registro dos conhecimentos tradicionais.

Entendemos a Escola como espaço político, de desenvolvimento intelectual e de fortalecimento da nossa cultura e a segurança desse ideal se dá com a compreensão que temos sobre a importância de conhecer os procedimentos metodológicos e pedagógicos do fazer educacional. Isso se alcança, também, a partir da formação dos professores que compõem essa educação escolar Ye'kwana por meio de conhecimentos paralelos.

Desde o começo das atividades educacionais formais e por muito tempo decorrido, a escola não adotava um modelo de tendência pedagógica, mas buscava, desde o início, valorizar o ambiente, o modo de vida e o cotidiano dos alunos, preocupando-se com a socialização e a instrução dos alunos. Não havia preocupação com o cumprimento do ano letivo aos moldes que a educação regular exigia, mas sim com o cuidado com a execução do conteúdo programado. Assim, o ano letivo poderia durar de um a dois anos, dependendo apenas do desenvolvimento e aproveitamento dos alunos.

Nesse período, alguns jovens fizeram curso técnico de enfermagem e retornaram para trabalhar nas suas comunidades (AIS e AISAN). Essa parte de formação na área da saúde é muito presente e importante para os Ye'kwana, assim como a educação.

Outras áreas, como Direitos dos Povos Indígenas, ainda necessitam de maiores avanços. No curso de Gestão Territorial Indígena, alguns jovens se formaram, mas não têm emprego, mesmo com o diploma garantido. Hoje temos dois representantes, que são diretores, e que se formaram no curso Gestão Territorial Indígena. Eles estão em exercício dentro da nossa própria associação Wanasseduume Ye'kwana, assumindo a grande responsabilidade de representar do seu povo Ye'kwana nas diversas regiões na terra indígena Yanomami. Falam por nós e reclamam políticas públicas perante as instituições governamentais e não-governamentais, mostrando o que acontece e os problemas dentro da nossa realidade (tanto do povo Ye'kwana, quanto do povo Yanomami).

É importante também ressaltar que, a partir de 2010, a nossa preocupação com a educação ficou mais visível com os deslocamentos dos jovens Ye'kwana de sua comunidade de origem para a cidade de Boa Vista. Esses jovens vêm partindo em busca de continuidade de seus estudos, e são, em sua maioria, homens. Algumas mulheres começaram a frequentar as aulas nas escolas públicas, na tentativa de ter garantido o ensino médio regular ou o EJA (Educação de Jovens e Adultos), pensando em seu futuro. Cerca de cinquenta por cento desses jovens conseguem concluir seus estudos.

### **A Estrutura da Escola e seus recursos<sup>5</sup>**

A Escola Estadual Indígena Apolinário Gimenes tem dois pavilhões retangulares de cobertura de alumínio e de taipa. Ambos foram construídos pelos professores e pela comunidade; um com vinte metros de comprimentos e onze metros de largura com uma porta principal, um corredor interno, quatro salas de aulas, uma biblioteca, uma secretaria e uma direção. E a outro com vinte metros de comprimentos e oito metros de largura, com duas portas, duas salas de aulas, um depósito para gêneros alimentícios, um depósito para almoxarifado, um depósito para ferramenta e um refeitório com espaço suficiente para todos, com pequeno balcão onde se atendem os alunos, e duas mesas grandes para refeição ou para fazer as atividades. A parte da cozinha fica externamente, bem atrás desse segundo pavilhão. E o banheiro também fica fora da escola, a aproximadamente oito metros de distância. O pátio da escola é espaçoso e todo gramado, onde as crianças se sentem melhor e à vontade na hora do recreio. Além de dois pavilhões, existe outra estrutura pequena, com dois quartos e que fica a cerca de quarenta metros de distância da escola. Essa pequena estrutura é a casa de apoio e fica disponível para visitantes da escola.

### **3.3 A escola Ye'kwana hoje: novas oportunidades, temas atuais**

Atualmente, nós, os povos originários, estamos tentando nos afirmar por meio do registro dos nossos saberes, sempre baseados nas referências e nos conhecimentos dos sábios antigos tradicionais. Esse é o esforço para legitimar e afirmar os nossos saberes principais, porque nós somos habitantes, desde os primórdios, desta terra. Hoje temos mais oportunidade de registrar os valores de conhecimentos originários nas línguas maternas e depois em português, para sermos entendidos de forma mais detalhada e clara. Portanto, alguns de nossos acadêmicos

---

<sup>5</sup> No TCC é apresentada a estrutura da escola nos anos 2000.

narram de acordo com os conhecimentos de suas ancestralidades, de acordo com os relatos antigos, que são, na medida do possível, idênticos à realidade de hoje em dia.

Essa situação também já foi estudada entre o povo Kaingang:

Com passar dos tempos os Kaingang foram sofrendo mudanças no seu modo de viver, assim como outros seres humanos que vão perdendo a consciência daquilo que os definem e os mantém unidos. Diante disso, buscam no passado a reconstrução de valores que vão dar sentido novamente à sua existência. Assim, recorrem a suas memórias ancestrais para significar seus processos de construção de conhecimento diante das mudanças ocorridas.

Os Kaingang, ao longo dos tempos, assim como outros povos indígenas, foram criando formas de educação baseadas na sua tradição, articulando e dando significado às suas percepções culturais junto às crianças de suas comunidades. Com base nisso, os ensinamentos dos Kaingang para as crianças foram sempre para garantir sua autonomia, ser sujeitos de suas ações, tomar decisões, mesmo sendo relativo às suas idades ou etapas de suas vidas. Para isso, a liberdade de ação da criança é muito importante, onde a palavra “não” está excluída de seus ensinamentos. Isso também é trazido na fala de Nunes:

As crianças sempre estão envolvidas nas atividades do cotidiano, percebe-se que não existe claramente uma separação de serviços entre adultos e crianças: todos são capazes de realizar o mesmo trabalho<sup>3</sup>. Assim como os adultos, as crianças também vão criando, através da brincadeira, seus pontos de referências que são muito importantes na cultura, como as formas de conceber e vivenciar o espaço e o tempo. Dessa forma, as crianças, ao incorporarem seu cotidiano, construindo e transmitindo saberes, vão tomando consciência de sua importância e não são apenas crianças, mas sim parte efetiva de uma construção dentro de sua cultura (FERREIRA, 11(1) jan./jun. 2019, p.83-100).

### **Projeto Pedagógico Unificado Ye'kwana**

Hoje em dia, os professores Ye'kwana estão reformulando o Projeto Pedagógico Unificado Ye'kwana (PPUY) a partir do Projeto Político Pedagógico (PPP) que foi elaborado durante cinco anos, até 2015. O documento foi preparado com a ajuda de duas pesquisadoras parceiras, Majoi Gongora e Elaine Moreira, com o acompanhamento de Helena Fioretti pela SEED.

Esse PPP de 2015 ainda respondia muito à necessidade de corresponder à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mais do que aos interesses dos Ye'kwana. Atualmente, temos mais um documento, o Documento Curricular do Estado de Roraima (DCRR) que também tem que ser considerado. Paralelamente a esses documentos do Estado, nosso foco é ter um documento construído e aprovado do registro das escolas, legitimado de forma documental diante do nosso próprio povo Ye'kwana. Damos destaque para a reafirmação das novas realidades de educação familiar e na vida cotidiana da educação escolar. As três escolas Ye'kwana, que se situam em três diferentes comunidades, vêm funcionando regularmente, sem interrupções, desde o início da escolarização. Somente no ano passado, as aulas em

nossas escolas quase foram interrompidas por causa da pandemia de covid-19. Mesmo assim, resistimos trabalhando com firmeza e conforme as atividades familiares. Ensinamos e orientamos os nossos filhos conforme as convivências em suas comunidades.

A partir do mês de setembro de 2021 até o presente momento, estamos em atividades, como uma força-tarefa. Estamos ativamente tentando trabalhar da forma mais detalhada possível sobre a importância dos conteúdos da nossa língua materna e as práticas de projetos. O Documento Curricular de Roraima (DCRR) não define muito as nossas práticas. Em outras palavras, direciona mais no sentido dos conhecimentos padronizados do que dos nossos saberes locais. Em contrapartida, o nosso modo de viver é valorizado por nós dentro das nossas realidades e isso se dá, no âmbito escolar e de forma experimental, há vinte anos, com as crianças Ye'kwana. A definição das ideias para a escola é considerada sempre conforme a nossa convivência cotidiana. Por exemplo, 50% das práticas são pensadas nas salas de aulas e 50% de acordo com o planejamento da comunidade. A carga-horária deve ser suficiente, sempre baseada do DCRR.

Um de nós, professor, levantou a questão, oportunizando a atualização do nosso Projeto Político Pedagógico (PPP), que estava já inválido. Por essa razão, fomos buscar algumas pessoas que poderiam nos orientar e receber direcionamentos pelos profissionais não-indígenas da Secretaria de Educação do Estado. Eles nos orientaram, pois o PPP deve ser renovado a cada cinco anos. Desde o ano passado (2021), estávamos realizando e batalhando por essa solução, sempre nos referendando na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e nas leis fundamentais que garantem nossos direitos, como a Constituição de 1988, que, por exemplo, trata da Educação Escolar Indígena, Diferenciada, Específica, Intercultural e Bilíngue. E assim nós começamos a proceder e avançar na construção das nossas ideias de forma coletiva, trazendo boas opiniões para que consigamos chegar ao consenso e que possamos ter mais oportunidades e condições para o exercício de nossa autonomia.

Hoje, chamamos esse documento de Projeto Pedagógico Unificado Ye'kwana (PPUY). Ele está sendo reformulado e atualizado conforme as ideias locais e os conhecimentos tradicionais do povo. E nesses últimos tempos estivemos trabalhando com todos os professores Ye'kwana que se encontravam na cidade, esforçando-nos e aproveitando o momento, no sentido de fazer a revisão e a atualização do nosso PPUY. Isso foi realizado com mais intensidade desde o mês de setembro de 2021. Essa batalha foi acontecendo na sede da associação Wanaaseduume Ye'kwana, em Boa Vista, porque nos sentimos fragilizados e inseguros por falta de ter o documento das escolas atualizado e regularizado. Isso nos impediria de ter o documento

reconhecido no Conselho Estadual de Educação de Roraima (CEE/RR) e de dar um parecer diante das comunidades. Porque esse é um instrumento importante para a escola dar garantia aos alunos que precisam do seu histórico escolar e da sua certificação.

Percebo, assim como algumas lideranças da minha comunidade também percebem, que muitas ações e práticas de projetos quase não se adequam aos processos de ensino e aprendizagem nas nossas escolas. É necessário mais adequação para conseguir uma educação de qualidade, vitalidade e ânimo, desde a escola até o processo estendido com os familiares. Essa situação de diferença das realidades é tão complexa de reorganizar como é regularizar os documentos. Portanto, por essas razões, as ideias e as propostas têm que compor os planos semestrais e anuais de forma continuada dentro das nossas realidades, sempre juntamente à comunidade. Posteriormente, é necessário fazer avaliações de acordo com o que foi feito nos planos anteriores. Devem ser levadas em conta as argumentações das pessoas locais importantes, assim como as ideias devem ser valorizadas e praticadas pelos professores de acordo com as rotinas locais.

Portanto, através dessas ações se começa a caminhar e avançar com os processos de aprendizagem em diferentes níveis: com melhoria diante das crianças e das comunidades; assim como a formação continuada com os professores Ye'kwana, que se dedicaram e se dedicam até hoje de forma contínua; além da formação indígena no ensino superior e até mesmo em cursos mais elevados, como na pós-graduação nas instituições públicas.

Atualmente, temos os objetivos da educação diferenciada do povo Ye'kwana apresentados dessa forma no PPP registrado e aprovado em Agosto de 2015:

#### Objetivos da Educação Diferenciada do Povo Ye'kwana

Como falamos anteriormente, o povo já possui três escolas: Apolinário Gimenes, na comunidade *Fuduwaadunnha*; Waikás (Kadinhawa), na comunidade *Waichannha*; e *Mötaaku*, na comunidade *Kudaatannha*.

Para nós, professores, lideranças, alunos e pais das comunidades Ye'kwana no Brasil, a escola tem o objetivo de trazer à nossa comunidade uma formação e ensino de qualidade para as futuras gerações, sempre pensando em valorizar os conhecimentos tradicionais dos nossos ancestrais. Buscamos assim, defender e fortalecer a nossa cultura, nossa autonomia política e a nossa territorialidade, que foram mantidas com muita firmeza desde muitos e muitos anos atrás pelos nossos antepassados.

Nós, povo Ye'kwana, queremos uma escola de ensino bilíngue que permita o diálogo entre os nossos conhecimentos e conhecimentos não indígenas que são importantes para a conquista de nossa autonomia. Estes conhecimentos tão diferentes entre si e são necessários para pensarmos no futuro, nos caminhos que queremos traçar entre a valorização dos conhecimentos tradicionais e os novos conhecimentos que podem nos ajudar a melhorar nosso modo de viver. Por isso, a escola tem como objetivos centrais:

Fortalecer a língua materna nas escolas, promovendo sua expressão oral realizando a alfabetização nesta língua de acordo com alfabeto próprio;

Ensinar a fala e a escrita da Língua Portuguesa (intensificando as atividades a partir do 3º ano), como uma segunda língua, para auxiliar os alunos, nossas lideranças no futuro, na defesa de nossos direitos e facilitar o diálogo com outras culturas indígenas e não indígenas, uma vez que nos dois primeiros anos de escolaridade os alunos são alfabetizados na língua materna, condição da manutenção da cultura Ye'kwana;

Valorizar, fortalecer e fazer circular entre os jovens e crianças os conhecimentos e práticas tradicionais do nosso povo e, para isso, contamos com a participação dos nossos inchonkomo, sábios como os wätunnä edhaajä e aichudi edhaajä, na escola;

Ensinar aos jovens e crianças os direitos diferenciados dos povos indígenas, garantidos pela Constituição Brasileira;

Conhecer e propor soluções às ameaças sobre nosso território e nossos modos de vida;

Conhecer as tecnologias e saberes dos não indígenas que são importantes para nós no sentido de valorizar a nossa cultura e de ajudar na defesa de nossos direitos;

Contribuir para a união do povo, seja realizando atividades conjuntas que envolvam todas as comunidades, seja por meio do fortalecimento da nossa história, nossos valores e modos de vida que são compartilhados por nós;

Contribuir para o fortalecimento da Associação do Povo Ye'kwana do Brasil (APYB). (PPP, p. 53-54)

Na verdade, esses objetivos já trazem uma boa proposta, mas as três escolas não tiveram oportunidade de discutir, analisar e referendar o PPP de 2015. Talvez falte que alguém seja responsável por encabeçar o movimento de discussão, para sentar em reunião, dar esclarecimentos a todos os professores e aos pais das crianças sobre o que está escrito e dito no documento do PPP.

Na relação com a secretaria de educação, desde quando foi introduzida, a prática de ensino e aprendizagem dentro em nossa realidade vem enfrentando diversas dificuldades até nos dias atuais, tais como acompanhamento pedagógico, transporte aéreo de materiais escolares e materiais permanentes principais e formação continuada de gestores das escolas.

Na visão dos Ye'kwana, devemos ter uma pessoa ou mais pessoas para exercerem atividades juntamente com outros povos indígenas dentro da secretaria de educação, para representar as comunidades Ye'kwana e garantir uma melhor comunicação. Para além disso, não se trata somente de representar, mas de somar, unir e ampliar as ideias coletivamente diante das nossas lideranças tradicionais, que esperam ter melhoria nas condições de vidas locais, tanto em nível regional, municipal, estadual e até mesmo nacional.

Nesse último período, desde setembro de 2021, após as discussões que vinham acontecendo nas escolas, tem sido mais intensa a discussão em Boa Vista. Aproveitamos o período porque um grande número de professores esteve na cidade para fazer prova para ser contratado e para discutir outros problemas. Dessa vez, estamos discutindo com intensidade para que seja valorizado nosso modo de viver e que isso seja colocado nas ações do PPP. Temos que registrar mais sobre o que foi reconstruído e revisado coletivamente. Outros pontos que não



tiverem sentido de acordo as realidades de nossas escolas são propostas anteriores que não serão consideradas. Outras propostas devem ser mantidas e melhoradas de acordo com o DCRR, documento que chegou somente neste ano para nosso conhecimento.

### **Comentário e reflexão sobre o PPUY**

Faço um pequeno breve comentário: entendo sobre as leis que fundamentam e referendam a área da educação, partindo das considerações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) como um todo, desde o ensino infantil até o ensino básico. Nesses documentos, existem várias recomendações importantes que norteiam e direcionam a educação através de normatizações e de orientações e que nem sempre são muito respeitadas ou que não estão em vigor nas leis brasileiras desde quando foi promulgada a Constituição Federal de 1988. No entanto, essas leis geram e motivam as oportunidades de buscar e procurar contextualizar e organizar as ideias para melhoria das condições da vida escolar. Essas melhorias, em teoria, estão garantidas e fundamentadas pelas leis de diretrizes para o desenvolvimento dos processos de várias modalidades de ensinos. Assim também estão a construção e a organização pedagógica, no sentido de seguir as normatizações que são exigidas pela própria instituição do Ministério de Educação (MEC) para elaboração e sistematização de documentos.

A minha reflexão – a partir dessas BNCC e LDB, que trazem e mostram os diferentes direcionamentos para construir propostas e ideias – é que muitas vezes são várias e complexas as explicações e que se tornam ainda mais confusas pela falta de informações importantes, que não chegam diretamente nas nossas realidades. Portanto, as minhas considerações dizem respeito ao fato de que os responsáveis da equipe ou representantes da Secretaria de Educação Escolar Indígena deveriam organizar melhor e promover as ações com recursos próprios para fazer atendimentos e acompanhamentos de forma presencial. Assim também veriam as realidades de mais perto e saberiam especificamente sobre o processo de andamento da parte pedagógica. Partindo do meu ponto de vista sobre o processo de andamento de ensino e aprendizagem, há que se ter uma equipe que focalize as situações pedagógicas em nossas comunidades que estão instaladas pelo estado, as escolas Ye'kwana ou de outras escolas que necessitam de apoio e que fazem parte da nossa região. As ações de atendimentos e acompanhamentos e visitas das escolas devem ser feitas no mínimo todos os semestres. De tal modo, com certeza se começará a dar nova luz de renovação para que o processo de desenvolvimento de ensino avance com muito mais ânimo.

Tendo as ações em todas as escolas, com certeza surgirão oportunidades de refletir se têm-se cumprido as demandas mais prioritárias nas realidades de comunidades, ou seja: como estão dos processos de ensino e aprendizagem das crianças? Como acontece a rotina em relação às escolas e às comunidades? E as práticas de projetos, como são realizadas? E a valorização dos conhecimentos de suas ancestralidades nas salas de aulas em nossas escolas, realiza-se ou não? E como acontecem os processos de planejamentos para os próximos anos letivos?

Por vezes, os nossos pensamentos ficam bem cheios e sobrecarregados diante desses questionamentos. Por exemplo: por onde começar, como começar e quem é que estamos esperando solucionar tudo isso? Esses pensamentos acabam fazendo com que não se valorizem e não se levem adiante as ideias, principalmente devido ao fato de que não há alguém que assuma a responsabilidade de construir e organizar os nossos objetivos de forma clara e estruturada. Por essa razão, muitas escolas não conseguem elencar os seus objetivos de forma coesa diante das populações locais e não falam sobre os processos de ensino com dignidade. Isso acontece principalmente com as crianças indígenas Ye'kwana e outras crianças que fazem parte do estado de Roraima, mas isso se espelha em outras situações de educação escolar indígena em todo o Brasil.

Historicamente, desde o ano de 2010 que o nosso pensamento cada vez mais é direcionado para ter o nosso próprio Projeto Político Pedagógico, construído para a nossa escola. Assim começou a nossa batalha para organizar as nossas ideias próprias na tentativa de construir o documento da nossa escola de forma organizada, digitalizada, para posteriormente ser aprovado pela Secretaria de Educação, Cultura e Desportos (SECD) e pelo Conselho Estadual da Educação (CEE/RR). O nosso primeiro Projeto Político Pedagógico era construído primeiro de acordo com o nosso pensamento e mais próximo à cara da nossa convivência cotidiana. Esse primeiro PPP, aprovado por nós professores juntamente com as lideranças da comunidade, não foi aceito pelas instituições, que alegaram que deveria ser feito de acordo com as normatizações e as instruções e sempre obedecendo às exigências das regras padronizadas. Nesse sentido é que foram novamente retomadas as atividades para adequar algumas propostas, as que tínhamos feito de acordo do nosso pensamento. E muitas propostas foram tiradas, substituídas e acrescentadas com mais complementos, conforme exigências das leis. Muito mais tarde, o nosso Projeto Político Pedagógico ficou pronto, com ajuda de algumas pessoas que se dedicaram a contribuir muito na ocasião, até ser reconhecido e aprovado. E finalmente o nosso Projeto Político Pedagógico foi aceito e aprovado no primeiro

semestre de 2015 pelo Conselho Estadual de Educação de Roraima (CEE/RR) e pela Secretaria de Educação, Cultura e Desportos (SECD), com validade de cinco anos.

Desde que ficou fora de validade, estamos em ação na tentativa de reformular e finalizar o nosso projeto, com o principal objetivo de ter o documento aprovado diante dos pais de crianças da comunidade. No ano passado (2021), nós acabamos conhecendo outro documento, que é o Documento Curricular de Roraima (DCRR), que também generaliza, orienta e fundamenta o currículo educacional para todo o estado de Roraima – tanto para as escolas da capital quanto para o interior. Assim como também garante a construção do projeto pedagógico para as escolas indígenas. Esse novo DCRR possui mais itens e os títulos e subtítulos dos temas que não tinham recomendações anteriormente, como, por exemplo, a visão da sociedade, a visão do homem, marco filosófico e entre outros que foram traduzidos, discutidos e esclarecidos com muita paciência. Fizemos, então, algumas propostas principais que foram incluídas e alguns itens para ter a garantia dos nossos processos de ensinamentos e aprendizagem em nossas comunidades.

Atualmente, alguns professores Ye'kwana, responsáveis e destacados, continuam se esforçando e fazendo alguns ajustes dos textos do Projeto Pedagógico Unificado das Escolas Ye'kwana (PPUY), que está em fase de finalização da reformulação e logo em seguida será protocolado na Secretaria de Educação do Estado e no Conselho Estadual de Educação. Na verdade, desde 2020, estivemos fazendo algumas alterações e ampliações das propostas conformes com as resoluções que são criadas pelas instituições e com os outros documentos mais recentes que baseiam a área de educação e que orientam e norteiam as reformulações pedagógicas para serem regulamentadas, renovadas e aprovadas para todas as escolas estaduais. Essa é a minha perspectiva acerca do tema, das reais situações que atualmente enfrentamos em relação às nossas escolas, tão precarizadas e desassistidas pelas autoridades.

### **3.4 O que querem os Ye'kwana com a escola? Novas questões e desafios**

Durante o primeiro semestre de 2019, tivemos aulas com um professor de sociologia da educação, com muitos textos, fazendo várias abordagens e discutindo sobre grandes autores que falam do desenvolvimento do pensamento dos homens nos séculos XIX e XX, tais como Durkheim, Weber, Bourdieu, Bernard Lahire, Franz Fanon e outros. Também discutimos e debatemos muito sobre a construção dos modelos das escolas como forma de ensino das sociedades que vivem no mundo atual, das estruturas de maneira bem diferente de classes umas das outras: baixa, média e alta; e as diferenciações entre o capital cultural e o

econômico. O texto de Young (2007), intitulado “Para que servem as escolas?” me provocou como pesquisador Ye’kwana ao exercício de questionar: “Para que serve a escola Ye’kwana?”.

Toda essa discussão me ajudou como educador, mesmo compreendendo ainda pouco o português, e consegui entender o que os autores colocam e escrevem sobre a sociedade que existe desde o período colonial até o tempo contemporâneo, ou seja, a atualidade. Todas as discussões, tratando de vários temas escolhidos ou planejados pelo professor, como por exemplo, o colonialismo, funcionalismo, positivismo entre outros temas, foram muito proveitosos para que entendêssemos algo que passa por todos nós, que atravessamos esse período.

### **Diferenciações no entendimento do contexto da educação escolar indígena**

A escola Ye’kwana tem uma dinâmica própria, inserida no contexto das comunidades: tradições, práticas, rituais e modo de respeitar seus lugares sagrados. As escolas Ye’kwana são reconhecidas formalmente pelo Estado nacional, portanto, estão submetidas à sua política educacional: legislação que tem por objeto a organização e gestão das escolas em geral e passa pelo sistema de acompanhamento e fiscalização pelos órgãos competentes.

O Projeto Político Pedagógico foi elaborado coletivamente, num esforço de colocar, no formato exigido pelo órgão competente, as aspirações do povo em relação às escolas Ye’kwana. Mas, depois de construído o Projeto Político Pedagógico, a proposta ainda não ficou bem transparente para o povo Ye’kwana.

As escolas Ye’kwana e suas estruturas se desenvolveram durante as três últimas décadas e atualmente os professores são os próprios Ye’kwana, que lecionam dentro de suas próprias comunidades. Tudo isso aconteceu graças aos esforços de alguns professores, ainda que houvesse dificuldades no apoio pela Secretaria de Educação de Estado. Mesmo com todas essas realizações, ainda existem fragilidades e dificuldades, e as explicações sobre a importância da escola não são claras. Parece que as escolas Ye’kwana estão caminhando rumo ao sistema nacional tradicional, com uma forma padronizada.

As escolas Ye’kwana devem ser pensadas de acordo com os princípios e valores dos sábios locais, que têm conhecimentos profundos, porque eles são legítimos donos de seus saberes e de suas trajetórias históricas, graças às memórias que foram repassadas de geração em geração. Essa perpetuação acontece há muitos e muitos anos. Portanto, esses sábios querem

continuar falando e mantendo seus conhecimentos, seus valores culturais e sua forma de cuidar das terras onde vivem. Considerando essas razões, é necessário mais diálogo com as bases para achar as brechas e soluções para as dificuldades que encontramos.

A sociedade nacional, por meio de órgão competente, parece querer manter um controle sobre a escola indígena através da política educacional, no sentido de integrar o povo na sociedade nacional com sua lógica capitalista. A Constituição Federal e a LDB garantem o direito conquistado na luta – a escola indígena, intercultural, diferenciada, específica e bilíngue – mas na efetivação da escola, os mecanismos de funcionamento derrubam o direito. Ou seja, a escola indígena sendo específica e diferenciada deveria ter leis também específicas e diferenciadas.

Há direções divergentes: o Conselho quer sempre garantir o funcionamento da escola partindo do modelo dos brancos; já os agentes envolvidos na escola Ye'kwana querem uma escola que ajude a comunidade, sempre partindo do princípio de pensamentos tradicionais locais. A escola do branco está dentro do contexto da sociedade capitalista. Quem determina o funcionamento das escolas do branco são as elites: uma importante constatação com a contribuição do olhar sociológico para alguém como eu, pesquisador Ye'kwana: na sociedade nacional, as classes subalternas também sofrem submissão. A resistência na luta pela escola indígena como um direito necessita enxergar possíveis brechas: significa descobrir como encaixar as escolas Ye'kwana, que são comprometidas com as tradições e cultura do seu povo, na política educacional que segue a lógica capitalista. É necessário, reafirma-se, encontrar brechas na política educacional para o funcionamento da escola Ye'kwana.

De que forma o PPP pode colaborar? Quais são as melhores soluções para afirmar a plena consecução, na prática, do ensino diferenciado nas escolas Ye'kwana? Como inserir conhecimentos tradicionais no contexto escolar transformando-os em itens curriculares? Quais seriam as consequências para a transmissão do conhecimento tradicional e quais seriam os procedimentos para conduzir a dinâmica escolar?

### **O processo de mudança**

A minha percepção e as comparações que faço são construídas de acordo com o que vivenciei desde criança e no início da inclusão da escolarização para os Ye'kwana. Algumas dessas questões, no princípio, muitas vezes não eram percebidas. Hoje em dia, percebo que muitas das características da nossa realidade são mudadas por causa dos contatos constantes com

não-indígenas e do acesso ao mundo moderno, em que a tecnologia cada vez mais se expande. Assim, o comportamento dos jovens (que se acostumaram, conviveram, assimilaram e adquiriram hábitos diferentes) naturalmente muda em relação às décadas anteriores. A convivência fora da comunidade começou a enfraquecer gradativamente os modos de viver e alguns pais perceberam, em sua família, esses processos de mudanças. Isso se deve também ao domínio das tecnologias, que, cada vez mais, evoluem de forma a diferenciar o presente dos tempos em que os procedimentos eram outros.

Habitualmente, costumo conversar com alguns colegas de trabalho sobre os longos períodos das trajetórias de escolarização e, juntos, analisamos os processos de aprendizagem na nossa realidade nos últimos tempos. Também juntamente a alguns pais de famílias e aos *inchonkomo* (lideranças tradicionais das comunidades), realizamos reuniões para tratar desses assuntos importantes: a comparação dos dias atuais em relação à tradição, as percepções e as concepções de mudanças da convivência atual em relação aos tempos anteriores.

O comportamento e as visões de mundo dos nossos filhos e das nossas filhas são diferentes hoje em dia. Parte deles se acostumou com as novidades e convive mais tempo com seus amigos. Assim, criam-se outras situações de vivência e há um relacionamento mais próximo com seus colegas de estudos. Essa prática fora da comunidade gera distanciamento e, muitas vezes, faz com que os jovens se tornem desobedientes e sem vontade de conviver com suas famílias, sobretudo em práticas de atividades cotidianas juntamente com seus pais e com seus avôs. Por essa razão, parece se enfraquecer o vínculo dos jovens com suas origens e com suas trajetórias de infância e de adolescência. Em razão desses acontecimentos, a escolarização e o próprio tempo nas escolas transformam as vidas da comunidade.

A convivência cotidiana está mudando e sendo expandida de forma cada vez mais acelerada. Isso porque os jovens vão à cidade em busca de continuar seus estudos no ensino médio e, quando concluem ou desistem, voltam para suas comunidades de origem com algumas características e comportamentos mudados. Eles mostram a novidade desse estilo de vida aos ainda mais jovens, que ainda não conheceram a vida na cidade.

Mas esse movimento é também importante. Há jovens que, com o próprio esforço de concluir os estudos na cidade, alcançam bons resultados e, com isso, empregos. Há, por exemplo, os técnicos de enfermagem e os técnicos de laboratório e também os que cuidam das endemias. Em geral, eles exercem suas profissões nas suas comunidades de origem ou em uma região abrangida por sua terra.

Portanto, apesar de suas contradições, a educação escolar Ye'kwana tem se mostrado positiva e avançado muito. Essa tem sido nossa luta e nossa responsabilidade, e essa trajetória acontece graças aos professores Ye'kwana que permanecem nas suas próprias comunidades de origem e lecionam em suas escolas. Para que as comunidades tenham confiança e também esperança de melhorias nas condições de operação escolar, o pensamento deve sempre se manter em fortalecer o papel da escola, respeitando sua dignidade e suas normas.

O meu objetivo é me aproximar e me envolver mais com os colegas de trabalho, fazendo avaliações sobre os processos de ensino e aprendizagem e procurando soluções para a melhoria do ensino nas nossas escolas. Em seguida, pretendemos pontuar e estabelecer prioridades nas próximas atividades, para depois realizar – de forma mais abrangente, com os pais e as lideranças das comunidades – planos de ação para os seguintes dias, meses e anos letivos. Isso deve acontecer partindo sempre dos nossos conhecimentos da realidade local e de nossas tradições.

A escolarização do povo Ye'kwana tem progredido muito e, como alguns de seus frutos, já temos vários jovens formados que trabalham como assalariados. Continuamos a formar vários jovens em nível fundamental e atualmente (2022) quase 40% dos jovens conseguem concluir seus estudos em nível médio na cidade. Os alunos que cursam o ensino fundamental II iniciam uma aprendizagem de mundo que contempla o conceito de nação e a língua portuguesa, sempre mantendo o foco nas leis que asseguram e garantem nossas vidas. A língua nacional é uma ferramenta importante para defender o nosso território e para a defesa, também, dos nossos direitos, das nossas dignidades. É importante compreender o que está assegurado na Constituição de 1988.

Entre os anos de 2014 e 2018 pela primeira vez foram desenvolvidos materiais específicos em língua Ye'wana em pesquisas e oficinas que contaram com o apoio de um programa da Secadi/MEC, o Saberes Indígenas na Escola. Os materiais são de autoria de um grupo de professores ye'kwana que trabalharam em diálogo com os sábios, especialmente com Seu Vicente Castro. Foram produzidos livros e vídeos todos de autoria dos próprios Ye'kwana. Nesse programa, contamos com a parceria das pesquisadoras Karenina Andrade, Isabela Coutinho e José Guilherme Cury. Esse é um caminho importante que foi aberto para uma primeira produção, mas que agora está parado e precisa ser novamente desenvolvido.

### Os livros e vídeos Ye'kwana

As escolas Ye'kwana possuem alguns livros didáticos produzidos por nós, Ye'kwana, que se chamam *Sejje woowanoomatoojo*. Esse material é usado para alfabetizar as crianças e adolescentes de 1º a 3º anos no ensino fundamental através da sua própria língua de origem. Os livros *Nhe'kudu* são para ensinar a matemática Ye'kwana e são muito importantes para o ensino fundamental completo. Esses livros foram elaborados e sistematizados conforme as ideias das lideranças, professores e dos sábios, para fortalecer e valorizar os conhecimentos ancestrais, lembrando que todos os livros são de autoria de um grupo de professores Ye'kwana que trabalharam em diálogo com os sábios. Essas ideias foram decididas e legitimadas pelos professores orientados pelos sábios, especialmente Seu Vicente Castro. Durante a realização dos encontros do programa Saberes Indígenas na escola nas comunidades Ye'kwana, foi escolhido e firmado o nome do projeto, que passa a se chamar *Yadewwanaadi*. Foi por meio desse projeto que os livros didáticos e alguns filmes foram produzidos, todos os materiais na nossa língua materna. A motivação da construção de ideias se deu a partir das carências e das necessidades de materiais didáticos que não estavam disponíveis anteriormente nas escolas Ye'kwana. Essas iniciativas contaram com a parceria das pesquisadoras Karenina Andrade, Isabela Coutinho e José Guilherme Cury Pansanato, que também realizou junto a nós sua pesquisa para elaboração de sua dissertação de mestrado no programa de pós-graduação em Comunicação da UFMG sobre o tema da produção e circulação de imagens entre nós, Ye'kwana.

Além dos livros didáticos produzidos, também alguns vídeos muito interessantes foram editados pelos próprios jovens Ye'kwana com ajuda do formador não-indígena José Cury, que orientou os jovens sobre usos das tecnologias, tais como o que pode ser mantido como registro e o que pode ser cortado, sempre conforme as autorizações pelos professores junto ao sábio Vicente Castro. No trecho do relatório final do programa *Yadewwanaadi*, pode-se perceber a preocupação dos sábios:

Há uma grande preocupação dos sábios e lideranças na circulação das imagens e o cuidado que se deve ter sobre o que pode e o que não pode ser filmado. O desejo deles é que os filmes realizados através do programa devem permanecer na comunidade para uso didático na escola, prioritariamente. Não desejam que estes circulem livremente e corram o risco de perder o controle sobre esta circulação, pois a imagem é poderosa e pode enfraquecer as pessoas filmadas e colocar em risco o saber que elas detêm. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DE SABERES INDÍGENAS YE'KWANA, p.15).

De acordo com o pensamento do sábio *Kooko* Vicente Castro, principalmente na realização de rituais existem regras que os sábios tradicionais (*inchonkomo*) consideram e cuidam desde o



princípio. Nos últimos tempos, as regras vêm sendo enfraquecidas por diversas situações ou por motivos de agravamento de contato com as sociedades envolventes. Os *inchonkomo* ensinam que, de acordo com nosso saber tradicional, não pode ser considerado, de nenhuma forma, gravar, fotografar e filmar as ações durante os ritos (exemplos: ritual de inauguração de uma casa nova, ritual da roça nova, ritual de iniciação das mulheres, dentre tantos outros que celebramos, além das situações em que o sábio está curando uma pessoa adoecida, que não pode ser filmada ou gravada), se não as pessoas, principalmente os sábios, tornam-se incapacitadas, enfraquecidas e ficam adoecidas, correndo risco de perder o conhecimento que possuem. Isso se dá como no trecho destacado da dissertação de José Cury Pansanato:

Durante aquela oficina, a expressão que os Ye'kwana empregavam ao falar dos efeitos da gravação, tanto do som quanto da imagem de uma pessoa, sugeria que estas tecnologias “agarravam” sua inteligência. Enquanto elaborávamos juntos os nomes para as funções cinematográficas, ouvi diversas vezes os *inchonkomo* nomearem a filmadora de *äkatto ajoichojo* (“aquilo que agarra o duplo”). Nesse sentido, o interdito inicial sob a gravação audiovisual por parte dos ‘donos de canto’ deve-se à possibilidade de tais tecnologias agarrarem *äkatto*, os duplos da pessoa, que além de serem elementos constitutivos da vitalidade de um Ye'kwana, são também extensão de sua inteligência/sabedoria (*se'je*).

Quando os *inchonkomo* (sábios) e as *no'sankomo* (sábias) fazem *acchudi* (cantos/rezas) ou narram *wätunnä* (narrativas mitológicas), estão partilhando sua sabedoria/inteligência: por esse motivo, o momento de gravação pode provocar o esquecimento dos cantos e narrativas e conseqüentemente o enfraquecimento da pessoa, pois ela e seus duplos, tornam-se expostos e vulneráveis. (...)

Como os *äkatto* são componentes destacáveis da pessoa (*so'to*), as gravações podem conduzi-los para longe, e quando esses duplos se encontram em mundos desconhecidos, fora do domínio dos “donos de canto”, a pessoa filmada corre sérios riscos de ser capturada pelos *Odo'shankoomo* (gente de *Odo'sha*). (PANSANATO, 2019, p. 26).

Hoje em dia, existem os vídeos que foram feitos por nós tais como: o *Wanaadi Kaaju* (narrativa que direciona as origens dos caminhos de *wätunnä* ou quem primeiro fez surgir tudo que existe na Terra e assim como Seu inimigo), Ye'kwana *weichö* (jeito de viver Ye'kwana), *Kudiiyada tödödö* (construção de canoa) e alguns outros com os registros de depoimentos sobre acontecimentos passados e as situações que enfrentam hoje em dia. Essa é uma forma de registro do saber Ye'kwana, que foi aberto e experimentado para que os professores se encarreguem e exerçam com muita responsabilidade esse saber. Isso se refere principalmente aos professores que alfabetizam as crianças e os adolescentes dentro das suas escolas. Os sábios permitiram as filmagens de narrativas e depoimentos, mas a circulação dessas imagens e gravações deve ser restrita apenas às nossas escolas nas comunidades. Os professores são responsáveis por guardar e cuidar dessas imagens, para que elas não sejam exibidas sem controle e coloquem em risco nossos sábios.

### **A ideia de ter um ritual antes do início do ano letivo: retomando nossas práticas em diálogo com a escola**

A construção da proposta pedagógica do povo Ye'kwana deve se realizar a partir das bases e concepções dos conhecimentos tradicionais locais da comunidade e as práticas devem sempre estar de acordo com a realidade vivida pelo povo. Apesar disso, desde o início da inclusão da escolarização para o povo Ye'kwana, nunca os sábios principais foram consultados ou solicitados a realizar um ritual antes de ser iniciado um encontro de professores. Também nunca aconteceu esse ritual quando se inicia um ano letivo (que dizemos na nossa língua *awa'deene woowanomanä waajäntäaje a'dukwaadö*) e assim como no encerramento (*woowanomanä ummicha' jeje – wätuumanä*), em que deveria também ser realizado tal rito. Para convidar e consultar um sábio, é necessário contabilizar uma semana ou um mês de antecedência, para haver tempo suficiente para preparo e organização do ritual. O ritual cerimonial de abertura da reunião tem que ser primeiro conforme decisão do convidado sábio tradicional. Haverá alguma apresentação de *ädeemi* (cântico público tradicional) para todos os presentes, ou simplesmente alguma fala importante ou mesmo um *acchudi* (cântico mais privado), a depender da ocasião e da decisão do sábio. Esses conhecimentos e valores ajudarão a manter as nossas práticas e as nossas tradições.

A minha sugestão dessa prática parte da constatação de que as crianças são futuros líderes e devem conhecer os rituais tradicionais, que eram realizados, muito comumente, antes de se morar em uma nova casa comunal ou mesmo nas casas familiares novas. Essa projeção desses ritos para a escola inclui as crianças nesses momentos tradicionais e reafirma a importância da escola em si. Dessa maneira, haverá maior valorização dos conhecimentos tradicionais, superimportantes para a vida da futura geração de Ye'kwana. Esse movimento inclui também, no mesmo esforço, professores e pais de jovens, o que serve como demonstração experimental da união que se espera de uma escola Ye'kwana.

Vou colocar aqui as citações de Siwê sobre as relações entre comunidade e escola que ele discute na dissertação de mestrado e que são interessantes. Eles vivem realidades muito diferentes em seu território, mas seus pensamentos podem ajudar a pensar as experiências em nossas comunidades também.

A escola sempre está presente nos acontecimentos como Rituais, eventos sociais, trabalhos coletivos, isso é importante pois nenhum separa do outro e a comunidade sempre está presente no dia a dia da escola, os espaços da escola são espaços de interação das crianças e da nossa comunidade, os mais velhos sempre estão presentes nos espaços da escola fazendo parte da vida da escola, eles vão contar histórias de vida e contos ancestrais para as crianças, vão fazer momentos culturais,

fazer plantios com as crianças, isso tudo são eventos que estão ligados à vida do povo e é muito importante esse momento dentro da escola com a comunidade, o espaço da escola é coletivo para todos (PATAXOOP, 2021, p. 34).

Esse ritual é idêntico aos acontecimentos nas aldeias Ye'kwana. A integração da escola com as atividades, em especial com a preparação da roça, acontece com a participação dos professores e estudantes junto com os anciões e sábios.

Assim como os rituais se assemelham, também são parecidas nossas reivindicações:

Queremos que a nossa educação nos assegure o fortalecimento e a valorização da nossa Cultura, Língua, Artes, Ciências e Tradições. Uma educação que defenda os interesses e projetos individuais e coletivos das nossas crianças e jovens para que eles permaneçam com a sua vida na aldeia. Desejamos que a nossa educação desenvolva e apoie projetos de vida e de sobrevivência na terra, de recuperação da saúde da terra, com o plantio de árvores frutíferas e sementes de artesanato. Uma educação que melhore a vida do nosso povo e faça da nossa terra um lugar onde as gerações futuras possam viver com mais força, saúde e alegria (PATAXOOP, 2021a, p. 14).

## Capítulo 4: Ensino médio Ye'kwana: buscando o caminho reto. *Unwaadüdü'koto che Ye'kwana wä'seije'tütojo edantädö, äwiishichaato ääma*<sup>6</sup>

### 4.1 Nosso futuro: o ensino médio na comunidade

Para falar sobre o nosso desejo de criação de uma escola de ensino médio em nossa comunidade, é preciso voltar ao ano de 2011, quando conheci Vicente Albernaz Coelho, indigenista do Instituto Socioambiental, que estava trabalhando com nossos vizinhos Sanumá, e o convidei para visitar nossa comunidade de Fuduwaadunnha e debater conosco sobre nossa escolarização. Vicente nos ajudou a organizar nossa primeira oficina para debater o ensino fundamental e, a partir de sua primeira visita, começamos a refletir sobre os problemas de nossa escola de ensino fundamental e sobre o futuro do ensino médio.

Em junho de 2011, realizamos a II Assembleia Geral do Povo Ye'kwana no Brasil, com o tema: “Política para a juventude Ye'kwana: como vai ser o futuro dos jovens na cidade?”. A reunião contou com a presença de nossos vizinhos Sanumá, de parentes Ye'kwana vindos da Venezuela e de Davi Kopenawa, presidente da Hutukara Associação Yanomami. Os *inchonkomo* e professores chegaram à conclusão de que a criação do ensino médio em Auaris seria uma saída para diminuir a ida dos jovens para a cidade de Boa Vista e reforçaram a importância de criar mecanismos de inclusão dos saberes tradicionais em nossas escolas. As lideranças e os professores fizeram uma avaliação da história da escolarização Ye'kwana. A avaliação foi de que nos últimos anos os Ye'kwana se formaram professores, agentes de saúde, criaram suas escolas, mas todo esse processo teve como consequência a ida dos jovens para a cidade, o que compromete a transmissão dos saberes tradicionais. Nessa reunião, também ficou decidida a reativação de nossa associação, antes chamada APYB (Associação do Povo Ye'kwana no Brasil), hoje Wanasseduume.

Em maio de 2011, organizamos o “Primeiro Encontro de Jovens Ye'kwana na cidade”, que ocorreu no Instituto Indígena Insikiran, e teve como objetivo pensar formas de apoio à escolarização a partir de ações afirmativas junto aos jovens na cidade. Como Vicente Castro estava em Boa Vista após retornar do II Encontro de Xamãs Yanomami, a APYB organizou um momento de conversa e aconselhamento aos jovens que fazem ensino fundamental e médio na cidade. Nesse encontro, Castro Costa da Silva, presidente da APYB, falou que os

---

<sup>6</sup> O capítulo 4 foi desenvolvido sob co-orientação do prof. Pablo Albernaz, além das contribuições nos demais capítulos. As oficinas aconteceram como parte das atividades do projeto de extensão da UFRR: “Gestão Territorial e Ambiental Ye'kwana: estratégias de manejo e produção integradas em processos de formação” (2016).

jovens que vivem em Boa Vista encontram diversos problemas, como falta de dinheiro, dificuldades com o português, além de falta de espaços para viverem a cultura Ye'kwana.

Imagem 3 – À direita, o então presidente da APYB, Castro Costa da Silva, ao lado de Vicente Castro Ye'kwana.



Imagem 4 – Jovens Ye'kwana em Boa Vista (RR).



Na época dessa reunião, ainda era diretor da Escola Indígena Apolinário Gimenes. Durante a minha fala, eu relembrei as dificuldades que nós, os primeiros a estudar na cidade, passamos para nos formarmos no Instituto Insikiran, antes de retornarmos para as nossas comunidades como professores. Falei também sobre o Projeto Político Pedagógico das nossas escolas, e da sua reestruturação, com um currículo diferenciado que valorizasse os nossos conhecimentos tradicionais e as autopesquisas. Vicente Castro aconselhou os jovens e os alertou sobre os perigos da cidade, do papel e das tecnologias dos brancos. De acordo com *wätunnä*, o papel e

as tecnologias dos brancos foram criados por *deekemä* para confundir os homens e deixar a sua memória preguiçosa. Por isso, Vicente Castro aprovou nosso objetivo de ensinar os nossos conhecimentos e se disponibilizou a ensinar nossas histórias e saberes tradicionais na escola.

Em 2012, realizamos uma segunda oficina em nossa comunidade de Fuduwaadunnha para debater o PPP de nossas escolas, com a mediação de Vicente Albernaz, do ISA, e do antropólogo Pablo Albernaz. Como podemos ver nas fotos abaixo, nossa reunião contou com a presença de muitas pessoas da nossa comunidade.

Imagem 5 – Fala durante a Oficina do PPP Ye'kwana.



Imagem 6 – Fala durante a Oficina do PPP Ye'kwana.



Imagem 7 – Fala durante a Oficina do PPP Ye'kwana.



Em 2012, realizamos a “III Assembleia do Povo Ye’kwana”, na comunidade de Wacchannha. Essa assembleia foi um momento importante de reflexão sobre nossos saberes tradicionais, e contou com a presença de diversos sábios: Vicente Castro, Luiz Manuel Contrera, Makeeju (Pablo Maldonado) e Majaanuma (José Antônio), os dois últimos recém-chegados das suas comunidades na Venezuela. A abertura e o encerramento da assembleia tiveram cantos e danças do *tanöökö*. Durante a reunião, debatemos sobre nossos saberes tradicionais e como eles poderiam ser ensinados na escola, no ensino fundamental e em nosso futuro ensino médio na comunidade. Após a reunião, devido às chuvas intensas, permanecemos por quase duas semanas em Wacchannha, esperando que o tempo melhorasse, período que se tornou muito importante para debatermos nossos saberes tradicionais. Majaanuma ensinou aos professores cantos *acchudi*<sup>7</sup> que ele possuía em seus cadernos, bem como os passos de nossas danças tradicionais.

---

<sup>7</sup> É importante dizer que alguns de nossos *acchudi* são conhecimentos restritos apenas aos especialistas donos de cantos, e por isso, não devem ser ensinados a todos os alunos.

Imagem 8 – Da esquerda para a direita, os sábios: Contrera, Majaanuma, Pablo, Davi e Peri.



Imagem 9 – Estudos Ye'kwana.





Imagem 10 – Estudos Ye'kwana.



Cinco anos depois desses primeiros encontros que germinaram em nosso pensamento a ideia de criação do ensino médio na terra Ye'kwana, retomamos essa discussão em duas oficinas realizadas num projeto de extensão da UFRR, que contaram com a assessoria do professor Daniel Bampir Rosar, que leciona no curso superior em bacharelado no Insikiran com a turma de graduação da Gestão Territorial Indígena, e o professor Pablo Albernaz, que dá aulas no Instituto de Antropologia da UFRR.

#### **4.2 Oficinas para discussão do ensino médio**

Essa apresentação será um comentário sobre as duas oficinas que ocorreram em nossas comunidades e um relato de forma resumida sobre a importância das falas dos sábios tradicionais (*inchonkomo*), das lideranças e dos professores nessas atividades, tratando-se da construção das ideias para o ensino médio que funcione conforme as nossas vivências.

As oficinas foram realizadas em nossa língua materna com tradução simultânea feita pelos professores e cursistas de Gestão Territorial Ye'kwana. O relatório é resultado dessas traduções, que foram transcritas principalmente por Pablo Albernaz e com ajudas eventuais de Daniel Bampi Rosar. Dessas oficinas, participaram: professores Ye'kwana, professores não-indígenas, alunos, alunas, pais, mães, lideranças, além dos sábios e das sábias tradicionais. Eu e Castro Ye'kwana ficamos como mediadores durante todas as oficinas.

Como disse antes, há cerca de onze ou doze anos, durante as reuniões com pais de alunos, lideranças e professores, surgiram as primeiras conversas sobre a possibilidade de termos um ensino médio em nossas próprias comunidades. Desde aquela época, alguns pais e lideranças começaram essa cobrança, que se estende até hoje em dia, para prolongarmos nossa escolarização na comunidade até que os nossos jovens completem a educação básica. Os pais, as mães, lideranças e conhecedores veem com preocupação o fato dos nossos jovens irem muito cedo para a cidade, ficando afastados por anos da nossa realidade cultural, até chegarem à idade adulta. Essa situação deixa os nossos jovens cada vez mais vulneráveis. Muitos dos jovens pedem aos seus pais para estudar na cidade após concluírem o ensino fundamental. Por isso é tão importante para nós a criação de um ensino médio em nossa comunidade.

Passados quatro ou cinco anos desde as primeiras discussões sobre o ensino médio, as nossas preocupações devido ao deslocamento de nossos filhos para a cidade de Boa Vista só aumentavam. Por isso, tomamos a iniciativa de organizar novos encontros para discutir o tema, com ajuda dos professores não-indígenas da UFRR. A contribuição desses professores foi muito importante. Eles buscaram recursos para realização das oficinas e nos auxiliaram com levantamentos, propostas, soluções e questionamentos para construir e registrar as nossas ideias de forma coletiva e organizada. O objetivo desses encontros e das oficinas era de buscar e coletar as informações das situações e soluções consideradas prioritárias pelos próprios conhecedores tradicionais locais.

A primeira oficina aconteceu entre os dias 28 e 31 de agosto de 2016 na comunidade de Kudaatannha, região de Auaris. Logo em nosso primeiro dia no local, ocorreu um ritual de *äji'choto ija'kadö*, da menina moça, que foi acompanhado por todos, como um ponto importante da nossa cultura, que deve ser mantido e repassado de geração a geração. Nesse encontro, discutimos por vários dias a história da nossa escolarização e os efeitos que ela causou em nossos costumes tradicionais. Debates com interesse as histórias de sofrimento dos primeiros contatos com os *yadaanawichomo* (homens brancos), quando se deu início ao enfraquecimento dos nossos valores primordiais, o que vem acontecendo gradativamente desde então. Falamos sobre as histórias dos brancos que invadiram nosso território atrás de pedras preciosas; dos religiosos, missionários e seus papéis escritos, como a bíblia, que chegaram a nossa região no território venezuelano. Debates sobre a história do avanço da escolarização do povo Ye'kwana no Brasil, entre outros casos. Na segunda grande oficina, que aconteceu entre os dias 24 e 27 de dezembro de 2016, debatemos sobre os caminhos de

nossa escolarização. Em todas as reuniões, começamos e encerramos nossas atividades com cantos, danças e instrumentos musicais tradicionais Ye'kwana. A partir da discussão sobre as experiências que tivemos com a escola, surgiu a seguinte indagação: será que estamos repetindo os erros de experiências passadas e tendo o mesmo resultado nos dias de hoje?

Ao fim dessas oficinas, realizamos diversos rituais tradicionais importantes, que não eram realizados há tempos em nossa comunidade: a festa de inauguração da casa nova (*ättä edemi'jödö*), a festa de inauguração da roça nova (*äudwaajä edemi'jödö*), e parte da festa de chegada dos caçadores (*tanöökö edemi'jödö*). A seguir, irei relatar as reflexões que tive sobre as oficinas após ler os relatórios com minha orientadora Ana Gomes e com Pablo Albernaz, que também participou das oficinas.

Imagem 11 – Debate sobre a história da escolarização.



Imagem 12 – Debate sobre a história da escolarização, com Jandyra, primeira professora da escolarização Ye'kwana.



Imagem 13 – Marco Antonio, Paulo e Peri.



Imagem 14 – Debate sobre o Ensino Médio.



Imagem 15 – Debate sobre o Ensino Médio.



Imagem 16 – Fala de Majaanuma (José Antônio) sobre o Ensino Médio.



Imagem 17 – Fala de Vicente Castro sobre o Ensino Médio.



Imagem 18 – Nossa escola Apolinário Gimenes.



### 4.3 Os temas debatidos nas oficinas de ensino médio

#### 4.3.1 Orientação dos *wätunnä edhaamo*

A fala inicial de Vicente Castro em Kudaatannha foi muito importante para a abertura de nossas discussões:

Nós estamos todos bem, ninguém está deitado na rede, estamos todos bem. Fico feliz com o nosso encontro. Eu não me neguei de vir aqui, eu fiquei feliz, quando as pessoas me convidam, isso me alegra. Isso é o meu trabalho (...) vai ter um encontro no lago Caracaranã e eu irei falar lá também. Mas antes, vamos ter esse encontro nessa comunidade. Isso é muito importante. Eu estou dando os meus “ovos” que irão nascer. Vamos citar o que nós vamos discutir, podem escutar. Meus parentes, meus netos, estão aqui, nessa comunidade. Fiquem atentos ao que eles estão falando. Vamos falar, os velhos e os responsáveis pelo ensino. Vamos falar cada um sobre nosso pensamento e dar ideias. Eu vou dizer assim, nós temos que falar tudo, mesmo as mulheres, todos devem dar ideias. Não fiquem com medo. Nós temos que falar, não para contrariar as falas dos demais. Se discutirmos não resolve nada. Nós vamos unificar a nossa palavra, esse é o meu pensamento. Essa é a minha fala.

No entendimento dos Ye'kwana, em nossas histórias de *wätunnä*, existe um sentido simbólico para o ovo, como exemplo de multiplicação dos seres vivos, como referência a todas as formas de vida nesta terra e aos conhecimentos humanos que são por nós guardados na memória. Seria, para nós, o equivalente ao que a sociedade dominante chama de semear, ou frutificar, crescer ou aumentar conhecimentos.

Outra fala importante que me chamou atenção foi a de Majaanuma, que pediu a palavra logo depois de Vicente Castro:

Eu vou falar como Vicente falou. Nós temos que falar no mesmo sentido, entrar em acordo. Nós começamos e eu fico feliz. Vamos falar sobre nosso futuro, nós estamos discutindo, não para nós, mas para as novas gerações, o futuro. Nós estamos querendo continuar os *acchudi*, como ocorreu hoje de manhã (no ritual da *aji'choto*, a menina moça). Eu também tenho um pouco de experiência, eu me chamo Majaanuma. Eu escolhi esse nome para ir atrás do conhecimento dele, que é um personagem considerado principal, que demarcou a nossa Terra. Nós os mais velhos temos de ensinar vocês. Nós estamos disponíveis. Como Vicente falou, estamos seguindo as palavras de Apolinário que viveu em Auaris. Nós não inventamos, estamos seguindo as palavras dos ancestrais, ele está certo. Apolinário viveu bem, curava bem as pessoas, ele não fazia coisas erradas. Eu estou aqui percebendo. É só isso, essa é a abertura.

Majaanuma, que infelizmente faleceu no início de 2021, falou de nosso objetivo de manter nossos *acchudi*, nossos saberes tradicionais, e se colocou à disposição para, junto com os outros sábios, ensinar nas nossas escolas. Lembrou ainda que Apolinário Gimenes, fundador da nossa comunidade que dá nome a nossa escola, foi um grande curador, *föwai* (pajé), e esse caminho da cura e das palavras dos ancestrais deve ser o da nossa escola.

Em outra fala durante as oficinas, disse Vicente Castro:

Esse é o conhecimento do povo Ye'kwana. Isso que nós temos de ensinar os nossos filhos, netos. Não devemos ensinar apenas em língua portuguesa, temos de ensinar em paralelo. Eu sei um pouco, eu escutei a fala dos ancestrais. Eu sou o único agora que conta essas histórias. Os meus amigos não contam como eu. Era assim que os nossos ancestrais viviam, quando eles encontravam os historiadores, eles trocavam ideias. Fiquem atentos, vocês devem pensar isso. Pensem, nós temos *akuuwena* (lago sagrado, no centro do cosmos) nós sabemos, nomeamos. *Akuuwena* nos deixa saudável. Ela serve para curar tudo. A palavra, ela própria, cura. Nossas plantas também curam. É assim que os mais velhos contavam, que no futuro iria surgir o papel. Temos de ficar atentos. Vocês, mulheres, donas das plantas, dos alimentos, devem perguntar para os donos de *acchudi*, para memorizar, registrar, para não deixarmos nossos saberes se perderem. Nós temos de buscar nossa saúde nas plantas. Se nós perdermos nossos cantos, para chamar a saúde, então nós vamos nos perder. Isso que falo é para vocês, mulheres. O mesmo eu digo para os homens (...) se você registrar no papel, deve ter cuidado. O melhor é memorizar. Se você escrever, pode molhar, perder, o cupim come. Então o melhor mesmo é guardar na cabeça. O mesmo esse gravador, que está na minha frente. Ele pode se danificar, perder, estragar. Então isso também não adianta. (...). Vocês não podem dizer que não irão conseguir, senão vocês não irão conseguir. Nosso planeta está estragado, nossa terra está ruim. As matas nasceram e foram estragadas. Depois, os peixes que vivem no rio, no mar, também se estragaram. Se não tivesse estragado, essa terra seria boa de se viver. Nossa terra está estragada, ruim, imperfeita. Por isso que nós estamos assim, pensando que irá dar errado, não sairá certo (...) se a terra não tivesse sido estragada, os rios estavam retos, seriam paralelos e em sentidos contrários uns aos outros. Depois disso que eu falei, as florestas foram estragadas. Existem pedras boas, em meio à floresta, elas servem para curar aqueles que estão estragados. As pedras perguntaram para as árvores, se elas iriam morrer mesmo. Mas elas responderam que quando morrerem elas irão se multiplicar. Vemos isso hoje, quando derrubamos a mata, queimamos as roças, e a floresta nasce de novo. Quando fazemos roça, vemos o mato nascer e capinamos (*chuu nadö*). Assim as mulheres fazem o trabalho de capinar, capinar as roças e assim nós homens, derrubamos a roça, e a mulher limpa. E a árvore perguntou para as pedras. “tu vais morrer?”. Ela respondeu, “não, eu vou permanecer, não vou morrer, mesmo caindo n'água, não apodreço, não queimo”. Já nós humanos somos frágeis e morreremos fácil. É por aí que a gente se perde, estamos pegando *o caminho errado* (*ääma chäänöngemjönö*), perdendo o pensamento, a inteligência. É assim que gera a confusão (*wätäkkwäjä'nä*). (...) Quando a floresta foi estragada, *wataaki*, uma árvore aguentou, ela não morreu e virou como um remédio. Nós estamos usando-a hoje em dia. Ela é nosso remédio. Quando nós fazemos *acchudi*, nós a nomeamos para cura. *Akuuwena* tem um dono, chamado *Weeyuweeyuimä*. Nós o chamamos para curar. É só isso que eu queria comentar. (Aplausos).

A fala de meu avô Vicente explica a escola a partir de nossas histórias de *wätunnä*. São elas que nos orientam a encontrar o caminho reto. Por isso é importante que as nossas escolas não deixem de ensinar nossa língua tradicional. Vicente Castro aprendeu ouvindo os mais velhos. Como ele me disse certa vez, nós precisamos andar para ter conhecimento. Se ficarmos parados, não conseguimos. Ficando num só lugar, nós não evoluímos nosso pensamento. Por isso, Vicente Castro viajava, quando jovem, para as comunidades Ye'kwana na Venezuela, onde aprendia sobre nossas histórias e cantos com os mais velhos. Ele também aprendeu a desenhar as letras no papel e escrever em nossa própria língua. Assim ele foi viajando, aprendendo e anotando nos cadernos. E com os cadernos ele relia seus rabiscos e memorizava

o aprendido, que ficava guardado em sua memória, não mais no papel. Foi assim que ele aprendeu seus saberes e hoje é considerado o nosso maior conhecedor ainda vivo.

Como explicam os sábios, quando a terra foi criada, nem tudo foi estragado. Permaneceram bons os nossos cantos e rezas *acchudi*, algumas plantas e pedras especiais que encontramos na floresta, e que a tornam saudável. Como expliquei à minha orientadora, antes da chegada do papel, nós estávamos seguindo o caminho reto, bom. Mas com a escola e o papel nós nos perdemos um pouco. Nós não estávamos preparados para a escola, e por isso precisamos ir nos adaptando, errando e aprendendo.

#### **4.3.2 Relatos dos primeiros Ye'kwana escolarizados**

Durante as oficinas, foi importante ouvirmos os relatos dos primeiros Ye'kwana que estudaram em nossas escolas. Uma fala marcante que ocorreu nas oficinas foi a de Castro Ye'kwana. Eu gostaria de contar um pouco da história dele, antes de citar seu pensamento. Castro é neto de Peri, nosso ancião mais velho. Desde pequeno, Castro sempre foi muito esperto e aprendeu a ler e a escrever bem jovem, no início da nossa escolarização. Ele começou a estudar na infância em nossa região, na companhia de seus pais. Anos mais tarde, ele decidiu se dedicar aos estudos indo para Boa Vista, onde completou sua formação básica, cursou graduação no Insikiran e pós-graduação em geografia na UFRR, sendo o primeiro Ye'kwana a obter o título de mestre, o que foi inclusive noticiado na página da universidade<sup>8</sup> e no site do MEC<sup>9</sup>.

Após concluir seus estudos, Castro retornou para a nossa comunidade para ficar ao lado do seu povo, ajudando e praticando as atividades comunitárias. Ao longo de sua formação, ele trabalhou na área da saúde como microscopista e na área da educação como professor e secretário de escola, trabalhando atualmente na Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI). Além disso, Castro foi o presidente da Associação Povo Ye'kwana do Brasil – APYB (Associação Wanasseduume Ye'kwana-Seduume), na época de sua reativação, em 2011.

Com sua vivência, Castro aprendeu como funcionam as instituições brasileiras, suas leis e princípios fundamentais. Como falei anteriormente, os debates sobre o ensino médio

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://ufr.br/ultimas-noticias/3361-indigena-da-etnia-ye-kuana-defende-dissertacao-de-mestrado-na-ufr>.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/50291-bolsista-indigena-e-o-primeiro-da-etnia-iecuana-a-obter-titulo>.



coincideram com a reativação de nossa associação. Nessa época, Castro começou a contribuir com os professores, pensando ideias para a criação de um ensino médio específico, para as vidas futuras dos jovens Ye'kwana. Foi assim que nos motivamos a dar à luz os nossos pensamentos sobre nossa escolarização e o ensino médio, com a ajuda dos professores da UFRR, para realizarmos oficinas nas nossas comunidades Ye'kwana.

Castro falou um pouco sobre a história da escola entre os Ye'kwana.

Eu vou falar um pouco do histórico da chegada dos brancos e do papel. Nós não temos esse histórico profundamente. Eu não consultei meu avô, meu pai, eu estudei através do papel. Como Reinaldo falou, a colonização do nosso território começou na Venezuela. Os brancos queriam ser donos da terra e diziam a ter descoberto. Eles se apropriaram e comeram a terra, mas existiam povos nesses lugares da América, como os Ye'kwana. Mesmo assim, os brancos agiam como se a terra fosse deles. Com eles, vieram os colonizadores, enviados pelo governo. E tempos depois a escola foi implantada através deles. Nós sofremos através dos atos dos colonizadores, eles tentaram nos escravizar e nos domesticar. Eles não nos imaginavam como seres humanos. O tempo deles foi muito tempo, praticamente toda a história do contato, desde o tempo da integração, do SPI, das missões até a demarcação das terras indígenas. Hoje falamos em escola diferenciada. Foi a partir da Constituição Federal que os brancos começaram a pensar em nós como seres humanos, com cultura diferenciada. Isso não foi fácil. Isso foi resultado da luta dos nossos parentes que vivem próximos às cidades grandes, como Ailton Krenak e Álvaro Tukano, e dos antropólogos.

A escola está no caminho certo ou errado? Vamos pensar a escola e depois o ensino médio. A comunidade e a escola têm de entrar em acordo. Nosso pensamento é assim, se a gente plantar o ensino médio noutro lugar, aí isso vai fazer com que os jovens continuem a ir para a cidade. Nosso povo está acabando através da escola. Isso é o pensamento dos brancos para acabar com o nosso povo? Devagar? Antigamente não era assim. (CASTRO)

Em sua fala durante a oficina em Kudaatannha, Castro narrou a todos da comunidade sobre a história da invasão das Américas e os sofrimentos impostos pelos homens brancos aos povos originários. E lembrou que hoje em dia temos os nossos direitos garantidos na constituição de 1988, algo diferente da época da colonização. Falou também que nos dias de hoje estamos acostumados com a escola em nossas vidas. Portanto, temos de refletir muito em busca de solução para nosso novo caminho, mesmo que o governo crie dificuldades e impedimentos para os povos originários.

Outra fala marcante foi a do professor Raul Ye'kwana que, junto comigo, Castro e Camilo, foi um dos primeiros alunos da nossa escola:

Agora eu vou falar a minha visão. Nós fomos os primeiros alunos, eu, Castro, Reinaldo, Camilo, Xavier, Elias, Inácio, Marcos... nosso pai, nossos mais velhos, não estudaram. Eu pensava em estudar e conhecer. Os professores não sabiam explicar sobre os problemas do estudo. Tomé começou a ensinar na escola. Tomé iniciou as aulas e logo depois saiu (...) depois a professora Jandyra chegou. Ela vinha visitar a comunidade. Os meus avós decidiram que ela iria morar e ensinar. Jandyra fez um teste para saber nosso conhecimento de escrita e matemática. As lideranças pediram para Jandyra ficar aqui e ensinar os jovens. Ela selecionou os

alunos mais inteligentes, isso foi em 1983. Ela visitou a comunidade em 1981 e em 1983 se fixou na comunidade. Assim começou a nossa relação com o papel. (...) foi assim que começou a ida dos jovens para a cidade, e as dificuldades de moradia e recursos. Na época não tinham muitos assalariados. Hoje em dia, temos cada vez mais assalariados. Hoje tem muitas pessoas Ye'kwana morando e estudando na cidade. Agora nesse momento estou pensando, como vamos fazer? Estamos incentivando os alunos a irem estudar na cidade, e as comunidades estão esvaziando. Antes só iam os homens, mas agora as meninas também estão indo para a cidade. Como eu, professor, não faço nada de minha cultura? Eu não tenho costume de ensinar danças, *a'chudi*, etc. Fico pensando, quem sou eu? Como vamos fazer nossa escola, nosso estudo? Então agora minha visão ficou mais ampla. Às vezes eu penso em deixar a escola de lado e ficar apenas ouvindo os velhos. O que vamos nos interessar, pelos *acchudi* ou apenas pelos conhecimentos dos brancos? Então eu acho que tem artes e *a'chudi*, que deve ser ensinado na escola. Agora é a hora de unir a nossa ideia. Se você está trançando alguma coisa, e surge um papel para escrever, nós deixamos nossa arte para fazer as tarefas do papel. Nós temos de decidir o que nós vamos escolher. Nós concluímos a licenciatura e não vemos um bom resultado para a comunidade como um todo, não vemos reforçar a cultura. Nós que concluímos nossos estudos superiores, ficamos nos escondendo, não mostramos o que estudamos para a comunidade. Isso é muito difícil para nós, não realizamos reuniões, debates, sobre esses estudos. É por isso que na próxima geração vamos ficar quase sem *A'chudi*. Por isso nós queremos refletir um pouco para barrar a perda da cultura. Nós estamos vendo o que está acontecendo. Os professores estão fazendo isso. Os filhos de professores têm esses vídeos, celulares, isso é o caminho errado. Os jovens trazem coisas da cidade que prejudicam a comunidade. Eu às vezes aconselho meus alunos. Essa é a minha fala, nós mesmos estamos trazendo as coisas erradas para nossa comunidade. É assim que eu penso, nós mesmos, professores estamos ensinando errado, incentivando os jovens a ir para a cidade. Esse é meu pensamento. (RAUL YE'KWANA)

O professor Raul em sua fala reflete sobre os nossos costumes passados e nossa realidade atual. Sua fala nos ajuda a pensar a direção que queremos dar a nossa escola, em busca de soluções para o viver bem do povo Ye'kwana. As reflexões de Raul sobre a necessidade que temos de repassar o que aprendemos dos conhecimentos da escola para todos da comunidade me fizeram pensar que nossa educação deve ser voltada à nossa realidade. Se continuarmos apenas voltados às tecnologias, vamos ficar fracos com o passar do tempo. Por isso devemos pensar no futuro das próximas gerações e fortalecer os nossos saberes. Precisamos priorizar nossos conhecimentos e refletir muito mais que antes, quando iniciamos nossa escolarização, para impedir e barrar a perda da nossa cultura e os nossos costumes.

#### 4.3.3 O caminho dos conhecimentos em paralelo: nomeação da escola

Por fim, cito a fala de Majaanuma, que deu a orientação para definirmos um nome para a nossa escola de ensino médio. Majaanuma continuou sua fala nas oficinas reforçando a importância de *wätunnä* para nosso povo:

*Wätunnä*, é assim que os nossos ancestrais viveram, esse é o nosso poder, a nossa história. Essa é a nossa conversa, agora, nós temos *Wanadi*, nosso deus, temos *Wätunnä*, nossas histórias. *Wätunnä* fala que quando o mundo acabar, irá acontecer alguma coisa, o dia irá ficar bem curto, só uma hora. Nós ainda estamos normais,

tranquilos, as plantas ainda estão vivas. É isso o que meu avô me ensinou, me contou. Nós estamos longe ainda do fim do mundo. Nós estamos vivendo. Nós sofremos no tempo do Funes, os brancos matavam mesmo. Agora nós estamos sofrendo através do papel, um ataque manso, devagar. Na época de Funes, os brancos eram muito violentos. No tempo do Funes nós deixamos nossos remédios tradicionais, abandonamos nossas plantas, e os brancos trouxeram remédios (...) hoje nossos filhos não sabem quase nada, não sabem achar remédios na floresta. Antigamente nós ensinávamos nossos filhos e netos sobre os medicamentos. Nós precisamos saber o que temos nos matos, na floresta. Cada cipó tem história, tem *acchudi*, para saber como ele surgiu. Tem remédios específicos na floresta, precisamos saber para ajudar nossos filhos, nossos netos, para prolongar nossa vida, nossa sobrevivência. (...) *Kahushawa (Odo'sha)* está de olho em nós, mas vamos organizar nossa palavra, pensamento, e vamos ver por onde vamos começar. É isso. Então vamos unificar o nosso pensamento com alegria e inteligência, com *widiiki*, através da luz do sol, onde está claro, através de *Wanasseduume*. Mas nós temos aqui nossos amigos, que estamos vendo, estamos juntos, pensando, mesma ideia, o pensamento deles é a mesma coisa. *Wanadi* é só um, a mesma coisa a luz do sol. Em qual lugar tem outra luz? É a mesma. A mesma coisa a nossa terra (*nono*), a mesma coisa o rio, a água que bebemos. Essa vem de lá do céu, não é daqui. Então vamos virar agora, procurar nosso caminho, porque nossa inteligência foi prejudicada pelo *Kahushawa*, mesmo assim vamos procurar qual é o nosso caminho reto.

Essa que é a nossa história, nossa palavra. A mesma coisa os *fūwai* (xamãs) que viveram aqui nessa terra. A mesma coisa *ademi*, aquele que tem *acchudi* para curar a pessoa doente. Porque o criador do mundo está olhando para cá. Ele está dentro de nós, acompanhando-nos. Ele está olhando para cá, está ouvindo, porque ele fez a nossa palavra, foram eles (duplos de *Wanaadi*) que colocaram nossos olhos que estamos vendo, isso é *widiiki* (*äkaato widiiki*), não é pedra, é *widiiki* mesmo. Nossos ouvidos, foi ele quem fez. Por isso ele está ouvindo nossa inteligência (*sejje*). É isso que eu queria colocar para vocês, crianças, jovens, vocês também Daniel, Pablo, estou falando na frente de vocês, com alegria, não com tristeza. Isso é coisa boa, é isso que eu queria colocar para vocês. Então. Vamos falar agora o que a gente vai começar. Por onde? Então nós vamos criar as linhas para nos conectar: *shii wadeekwe wadhe* (linha do sol). Por aí que os *fūwai* traziam coisas boas, para curar as pessoas, era por esse caminho que vinha o *a'chudi*, e foi por aí que *Wanadi* trouxe e ressuscitou a sua mãe.

O que disse *Majaanuma*, sobre o ataque lento que sofremos com o papel, me fez refletir sobre meu trabalho como professor e sobre as diferentes formas que os invasores nos atacam, seja na lógica do genocídio, ou do etnocídio, acabando lentamente com os nossos saberes tradicionais. Mas, por outro lado, *Majaanuma* também mostrou o caminho que nossa escola deve ter: baseada nas nossas histórias, através da luz do sol, de *Wanasedume*, do *widiiki* da inteligência. Assim poderemos manter nossos saberes no *äämä äwiishichaato* (caminho certo), fortalecer nossos conhecimentos, caminhando em paralelo, nossos saberes e os dos brancos, sendo ensinados em nossas escolas.

No fim de nossa reunião em *Fuduwaadunnha*, os sábios debateram sobre o nome que teria a nossa escola. Após o debate, os *inchonkomo* escolheram alguns nomes para que todos pudessem escolher o nome mais adequado:

- *Edaademaaku sedujjedö ai kä'sejje'tätäiye*: vamos estudar através da inteligência da linha do *Wadhe*.

- *Edaademaaku widiikiyö ai kä'sejje'tätäiye*: Vamos estudar através da linha do *Wadhe* até a inteligência do *widiiki*.
- *Sinnhakuwaweeyu sedujjedö ai kä'sejje'tätäiye*: Vamos estudar através da inteligência da linha do sol.
- *Shinnhakuwaweeyu widiikiyö ai kä'sejje'tätäiye*: Vamos estudar através da inteligência da pedra de *widiiki* e da linha do sol.

Escolhemos o último nome por se adequar ao tipo de escola que queremos, não restrita apenas ao espaço físico, mas ao território e à cosmologia Ye'kwana. O nome escolhido expressa a importância em criar (*wadeeku*) linhas, caminhos, conexões com nossos saberes ancestrais, a partir da inteligência do *widiiki*, presente na pessoa. Nós somos filhos do *widiiki*, somos filhos de *Wanaadi*, somos feitos por eles, somos seus verdadeiros descendentes, por isso precisamos ter essa ligação, porque a única luz que está boa no planeta terra é essa. Nós não iremos viver para sempre, cada um de nós vai nascer, envelhecer e morrer. Mas as gerações continuam e nossos saberes devem ser repassados, de geração a geração, através dessas ligações com essa luz boa, através do *widiiki*.

#### **4.4 Rituais que podem nos guiar em nossa educação**

Quando nós começamos a nossa escola, não planejamos bem como iríamos erguê-la. Não consultamos os sábios, não discutimos fortemente a questão. Não pensamos no local que iríamos construir, nem em fazer ritual para limpeza do terreno. Hoje em dia, estamos pensando nisso: quando construirmos nossa escola de ensino médio, acho que iremos fazer parte do ritual do *ättä edemi'jödö*, para pedir permissão aos moradores invisíveis daquele local, para construir a nossa escola. Nós decidimos coletivamente que iremos continuar nossa escolarização, e que precisamos achar um lugar certo para construir nossa escola, encontrar uma estratégia para lidar com o papel e a ciência dos brancos, mantendo nossos saberes e nossa ciência Ye'kwana. Para ficar clara a importância de refletirmos sobre a nossa escola e seu espaço físico e metafísico, irei relatar como construímos nossas casas tradicionais durante o ritual chamado *ättä edemi'jödö*. Esse ritual não era realizado há anos em nossa comunidade, até a inauguração de nossa casa redonda em Fuduwaadunnha, ocorrida logo após a finalização de nossas oficinas de discussão sobre o ensino médio.

Depois que debatemos o futuro da nossa escola de ensino médio, realizamos diversos rituais tradicionais. Nossa reunião acabou no dia 26 de dezembro. Logo depois dessa atividade,

iniciamos o ritual de inauguração da nova casa redonda (*ättä*). Há muitos anos, pelo menos desde 2011, o tuxaua Davi e os mais velhos falavam que deveríamos construir uma casa redonda, tradicional, em nossa comunidade, que pudesse ser um local para a reunião dos homens, à noite, e para as atividades tradicionais de nossa cultura. Mas a ausência de jovens na comunidade, devido à falta do nosso ensino médio, criava muitas dificuldades para a construção da casa. Finalmente, no ano de 2016, alguns jovens retornaram da cidade e decidimos dar início à construção da *ättä*, aos poucos, até realizarmos a cerimônia de inauguração nos últimos dias do ano.

As nossas casas possuem relação com nossas histórias de *wätunnä*, elas não são apenas casas no sentido concreto, como as casas dos *Yadaanawi*, mas são também parte da nossa cosmologia. Antigamente, todas as pessoas da comunidade moravam em uma única casa redonda. Atualmente vivemos em várias casas, muitas delas não são mais feitas com as palhas tradicionais, mas com telhas vindas da cidade. O modo como nós construímos nossas casas é um tema de reflexão dos mais velhos. Com isso, também fiquei pensando em como construímos as nossas escolas em nossa comunidade, e como devemos pensar as nossas escolas no futuro, e os rituais que podem nos ajudar a fortalecer as nossas casas e o nosso ensino.

Conversei sobre esse tema com Vicente Castro e com Joaquim, ambos conhecedores dos nossos cantos e rituais. Eles alertaram para o fato de que nos últimos tempos, durante a construção de nossas casas retangulares, o cantor é chamado apenas depois da casa pronta. Joaquim me disse que é preciso ter o rito com *yacchummadö* (tipos de rezas/cantos curtos) alguns momentos durante a construção da casa. O pensamento de Joaquim é o de que as casas devem ser construídas com mais cuidados rituais, não apenas no fim da construção. As mulheres devem preparar as plantas *mada* e *woi* (tipos de plantas sagradas), e o cantor deve fazer *yacchummadö* para colocar as plantas dentro do buraco onde vai ser ficando o poste central. Isso também deverá ocorrer na construção da nossa escola, assim como nas futuras construções das casas retangulares e redondas. A estrutura física das nossas casas e escolas deve estar de acordo com o nosso pensamento, para receber nossos filhos e as futuras gerações.

Quando estive com Vicente Castro em Wacchannha, ele listou alguns rituais que ainda são praticados nos dias de hoje, e devem ser preservados, com destaque àqueles mencionados na introdução deste trabalho. Entre os itens citados na introdução, priorizei registrar com Vicente Castro os rituais da delimitação do terreno antes da escolha da roça nova. Os responsáveis

devem ter uma preparação de no mínimo uma semana antes, juntando plantas que são cuidadas pelas mulheres (*awaana* e *mada*), para proteger os corpos das pessoas e para fazer *a'jimmadö e etöödädö* (sopro com a oração tipos de *acchudi* oral) como pedido de permissão para afastar ou mandar para longe os seres perigosos que vivem nos lugares escolhidos. O nome desse ritual em nossa língua é *Takoojo'emö edantätojo*. Eu fiz uma pesquisa e transcrição em nossa língua Ye'kwana desse canto, para aprender e pensar em como ele pode ser realizado antes de construirmos nossas escolas. A seguir, irei descrever as principais partes desse ritual, transcritas por mim entre 10 e 17 de fevereiro de 2021, em Wacchannha.

- *Takoojo'emö edantätojo*: é o ritual de escolha do local da roça nova, onde iremos roçar a terra fértil para produzir nossas plantas de poder e nossos alimentos. Esse ritual deve ocorrer de manhã cedo, no período do nascer do sol, ou preferencialmente antes do meio-dia.
- *Äwääma'täaje ädhe'sawänno äwä'döjo'tojo*: são falas rituais ou rezas que realizamos para conectar (criar *wadeekui*) com os ancestrais. As fases desse ritual são feitas junto com a dona da futura roça. O rezador finaliza essa parte, como todas as demais, sempre com um sopro forte (*A'jimmakä! Etöödäkä! Ottotojo wadäädä*), feito junto com uma cabaça (chamada *etöödotoojo*) que contém em seu interior plantas que são nossas “armas” para que os corpos das pessoas tenham bem protegidos e proteger guardar o local escolhido;
- *Innha äwä'döa'jäkä tödöötojo*: quando você chegar próximo ao local da nova roça, é preciso fazer novamente uma fala ritual, citando alguns personagens principais de nossas histórias de *wätunnä*;
- *Emmenka'jeje annnawääne mada nhaatö'tädö*: depois que você demarcou, limpou o local, você planta *mada* (plantas de poder), bem no meio da roça. São as mulheres e os sábios quem cuidam dessas plantas;
- *Chu'nä'täaje tödööjo'tojo*: nessa parte, citamos os nomes de quatro tipos principais de *mada* e dos seus espíritos donos. A reza cita personagens que vivem para sempre, não morrem, são sadios e nunca adoecem. Você nomeia esses personagens para se transformar e ficar sadio como eles. Também citamos *Kawaadatu*, que são cobras ancestrais boas que ficam do lado ou interior da *äudwaajä* (roça). Quando roçamos, traçamos uma espécie de círculo (diferente das roças dos brancos, que são quadradas), mas não o completamos: deixamos uma porta aberta (ou seja, uma parte do círculo sem ser roçado), no sentido Oeste, para que as cobras nocivas invisíveis e cobras ancestrais boas (*Kawaadatu*) possam sair dela.

- *Chu'nä'taajä ijaata'tätojo*: depois que você delimitou a roça de forma circular, você deixa o local uns dias descansando. Antes de ir embora para casa, você faz oração pedindo para *kajuuyu* (tipos de personagens poderosos, aranhas venenosas) vigiarem a roça em sua ausência;
- *Fanä*: armadilhas naturais. Onde você delimitou o local da roça, existem galhos secos que podem cair sobre as pessoas causando acidentes fatais. Então depois que você delimitou o terreno e saiu do local, você pede para que esses galhos caiam e deixem o local seguro para ser roçado. A oração cita diversos animais e espíritos ancestrais, como macacos, que andam nos galhos, pedindo para que eles derrubem os galhos perigosos antes das pessoas irem derrubar as árvores do local. Nomeia personagens ancestrais humanas que foram mortos durante o primeiro roçado realizado no tempo de *wätunnä*, quando não foram feitas essas regras que hoje realizamos para que não ocorram acidentes, como à época da primeira roça;
- *Födeekashi*: armadilhas que estão dentro do mato. Existem diversos cipós, galhos, que podem atrapalhar na hora de você andar ou correr. Para que essas armadilhas não atrapalhem os Ye'kwana durante a limpeza das roças, esse trecho da oração pede para que sejam retiradas essas armadilhas naturais do caminho, para que o local possa ser roçado em segurança. Dentro desse trecho, o ritual cita novamente vários nomes de personagens ancestrais que acabaram morrendo durante a primeira roça, por não obedecerem a essas regras;
- *Kadankwani*: nome das armadilhas. Reza cita os nomes dos cipós perigosos, para mandar tirar eles do nosso caminho. Nome dos personagens que também morreram por não respeitarem os rituais. Chama os personagens (espíritos fortes, de ancestrais animais) para retirar também esses cipós do caminho;
- *Anaudwä'jödö ejoodhe töweiyemö Änhamoomä ijaata'tädö*: nesse trecho, citamos um tipo de gavião que é um personagem em nossas histórias de *Wätunnä*. Ele fica no alto cuidando das roças e ataca as cobras perigosas, protegendo o local. Você lhe pede para ficar guardando o local. Nós nunca podemos matar essa espécie de gavião quando eles aparecem na roça, por que fomos nós quem os chamamos através da oração. Esse trecho cita ainda os nomes de várias roças primevas;
- *Anääkä*: espécies de formigas que possuem um ferrão forte e são muito numerosas. Você as convida para entrar no local através da porta que você deixou aberta, para mandar embora os espíritos e animais ruins que estão na roça, como os escorpiões, aranhas, cobras venenosas;

- *Wanhau*: outro tipo de formiga. Pedimos a elas o mesmo;
- *Mado taköödö*: uma espécie de formiga que incomoda a boca da onça;
- *Kushiikushi'jä*: outro tipo de formiga, que incomoda algumas espécies de aranhas e cobras. É muito importante fazer esses rituais, para proteger os Ye'kwana nesses locais, mandando sair os espíritos maus. Para os Ye'kwana, nossa *ädeaja*, as *maniwas*, são como nossos filhos, frutos, sementes. Você vai plantar, e, se você cuidar, vai crescer saudável. Para isso é preciso tirar os espíritos maus, para que eles cresçam bem saudáveis. Quando quiser escolher o local da escola, lugar onde serão recebidas crianças para ficarem protegidas e seguras, é preciso fazer ritual para proteger esse local. Não podemos mais fazer nossas escolas em locais sem esses cuidados.

Meses depois, no período de finalização dessa escrita e pesquisa, conversei também com Joaquim, que é um conhecedor tradicional de nossos cantos, e fiz com ele uma lista com comentários sobre os principais atos e rituais realizados durante a construção das nossas casas:

- *Awa'deene edantätooyo weichojo'kä*: escolha o local da casa;
- *Akoodö/yaakadö*: roçado/derrubada. Quando escolhemos o local para construir as nossas casas e roças, a primeira coisa que fazemos é limpar o local. Então é escolhida uma pessoa, um sábio, para decidir o local mais apropriado. O dono de cantos faz *yacchummadö* (reza/canto) para pedir permissão para os ancestrais do lugar e mandar os espíritos ruins embora. Esse ritual é rápido. O dono de ritos coordena os demais no trabalho da limpeza do local e organiza nossas tarefas. O sábio nos orienta nas pausas e nos encaminhamentos da derrubada do local, de acordo com a nossa cultura. Durante esse momento, existem muitos perigos, por isso é preciso cumprir corretamente as regras e interdições. Nós não podemos trabalhar sem pausas. Em meio aos trabalhos de derrubada dos matos locais, é preciso realizar caçadas coletivas (principalmente quando construímos nossa casa redonda, *ättä*). Fazemos um reconhecimento do local, extraíndo certos recursos da terra, mexendo nela, então precisamos caçar e retornar com caça, carne de veado, de anta, com minhocas, ou peixes. É preciso ter *washe'jä* (tipos de caças ou pescas seguros nas mãos juntos com pedaços de galhos que as mulheres com força buscam tomá-las dos homens). Ao chegarmos com essas caças, nos alimentamos no terreiro, não em nossas casas, mas no local onde estamos derrubando, como fizemos durante a construção da nossa casa em Fuduwaadunnha em setembro de 2016, dias após chegarmos da primeira oficina do ensino médio em Kudaatannha. Joaquim disse que se



trabalharmos direto, é perigoso, pois não fomos ao mato. Essas instruções são dadas pelo chefe maior encarregado do trabalho coletivo. Castro Ye'kwana irá construir em breve uma casa nova, e Joaquim será o encarregado das realizações de ritos desde o início até o término de sua construção;

- *Chuudädö/nhoono'chädö*: ajeitar e nivelar o terreiro do local da casa. O chefe do trabalho decide se é preciso nivelar o terreiro, com esteio do mato, ele escolhe o lugar, as madeiras. Os materiais que usamos para construir nossas habitações, as madeiras, cipós, palhas, são todos sagrados, por isso possuem espíritos donos. Por isso, antes de derrubar algumas árvores, também pedimos permissão para os ancestrais para derrubarmos seus filhos. Fazemos *Yacchummadö* (tipo de cantos específicos e privados) e usamos plantas *mada* e *etöödotoojo* (é um tipo de cabacinha que contém no interno as plantas *mada* sagradas);
- *Yecchojo oneejajäätödö*: medir e marcar conforme do tamanho da casa. O chefe do trabalho mede a casa e determina os marcos da nossa construção;
- *Iye tödöemökomo emmenkadö*: escolha das madeiras boas. Quando vamos construir as nossas casas, o sábio que está coordenando os trabalhos vai com os trabalhadores escolher as madeiras no mato. Quando escolhemos as madeiras, antes de retirá-las pedimos autorização. Ele sabe os nomes específicos das árvores, e nos orienta a retirá-las de acordo com a nossa tradição. *Adanne*, *amöinha* e *fadaatudi* são as principais madeiras que usamos;
- *Mukuududulshiichädö*: pilar principal e os oito pares de postes forte, feitos com essas três árvores principais;
- *Nhu'dudui*: poste central da casa. Seu nome específico é *Mukuududu* na língua ritual. Nome dos postes menores: *shiichädö*. Dependendo do tamanho da casa, não é preciso muitos desses postes, nas casas maiores pode ter 12 ou até mesmo 24 deles;
- *Mukuududu annäjöödö*: levantar o *nhu'dudui*. Na hora de levantar o poste central, é preciso fazer um ritual que leva cerca de meia hora a uma hora. Depois que acabamos o canto, o sábio autoriza os demais a levantarem o poste. Isso tem que ser feito antes do meio-dia, enquanto o sol ainda está bom, no leste (e não ruim, no oeste, como é durante as tardes). Eu nunca assisti essa parte do ritual (estava na oficina de ensino médio em Kudaatannha quando fizeram isso na *ättä*), mas conheço de ouvir os mais velhos contarem como são feitas as casas redondas. A ponta mais fina do poste – enquanto ele ainda está deitado, e o buraco está pronto, com *maada* e plantas –, deve sempre ficar voltado para o leste (onde também será aberta a porta principal da casa);

- *Fa 'dätääma 'komo*: quatro madeiras que ficarão de formas colaterais. São as madeiras que ficam cruzadas, na horizontal, segurando a estrutura do teto das casas. Não é uma madeira específica, escolhemo-las apenas pela sua resistência e durabilidade. Mesmo assim, sempre passamos *maada* e pedimos autorização para retirar qualquer madeira da floresta;
- *Ijoononoi*: quatro madeiras forte que ficarão de formas verticais e colaterais. Eles são importantes também, não precisam ser *ada nne*, *amöinha* e *fadaatudi*, mas devem ser resistentes. Elas são importantes porque elas seguram o teto das casas para não balançar. As principais ficam nos sentidos norte e sul; as de leste e oeste são menores. Norte e sul são mais importantes porque abaixo deles vão ficar as portas ao leste e oeste;
- *Innhejuudu*: madeiras para subir e sentar que são em forma de grandes escadas. Espécies de andaime;
- *Makooko*: as madeiras que circundam o teto. São madeiras circulares em espiral, bem flexíveis. São quatro nas casas (*ättä*) normais. Na ponta final, também é um cipó especial que se chama em Ye'kwana *födööwoi*, para não quebrar. Embaixo pode ser madeira;
- *Munnhatä / shinhatä imöjjo 'tojo*: cipós comuns e cipó titica para amarrar;
- *Chuu adö amootojo*: palhas para a cobertura da casa;
- *Manassa (ubi), kujeedi adö, waju adö, duwe adö*: tipos de palhas que ficam em *Yujuudunnhano*, nas cabeceiras dos rios;
- *Tajääwiyaamä, maijadö, kujeedi adö, waju adö*: tipos de palhas que ficam nas regiões mais abaixo das cabeceiras, em *Kudaatannha* e *Wacchannha*, por exemplo;
- *Chuudichaamötö munnhatä dhadö a 'tai*: cipós para segurar as palhas;
- *Tu'de u'kwamöödawäato*: ritual realizado durante fechamento do teto. Quando estamos fechando o último pedaço do teto, devemos fazer *tu'de*. O dono da casa não pode escutar. Ele tem que sair para longe. Esse ritual leva pelo menos uma hora;
- *Mönaatata/se 'kadi tödööjätöödö*: fazer as portas e as janelas;
- *Fääjudu a 'tai akäätädö*: buscar as madeiras para parede. Antes de fazer o barro, temos de achar as madeiras para segurar e os cipós para amarrar, antes de fazer a massa do barro. A madeira deve ser boa, senão o cupim logo acaba com a estrutura da casa;
- *Iye äwiishichaato*: madeiras certas e boas; são madeiras comuns, menores;

- *Yuduuwa*: uma espécie de palmeira para fazer a parede, a estrutura para segurar o barro;
- *Munnhatä yuduuwa mötoojo*: cipó titica para traçar e amarrar parede;
- *Nono tökaadö fääjudu shooko 'notoojo*: abrir o chão para fazer parede da casa. Nesse momento também fazemos cantos e orações (*yacchummadö*) e passamos plantas *maada* um dia antes. Uma pessoa preparada, um sábio ou uma sábia, prepara *mada* e coloca para espantar e mandar sair os *nono aköödö* (espíritos ruins) num local escolhido. Por isso tem que ter um dia antes esse ritual, para não se capinar e machucar as espécies locais. As pessoas têm que pisar fora da casa, carregar barro para dentro da casa. Fazendo lama, ao toque do nosso tambor chamado *samjuda*;
- *Odo 'shankomo enno 'jadö*: irem embora os espíritos maléficos. Antes, só realizávamos esse canto de forma resumida e rápida, apenas com o sábio, sem público, que cantava por cerca de dez a vinte minutos, ou dependendo que o sábio tradicional leva o tempo suficiente. Depois das conversas que tivemos com os sábios, decidimos que a partir de agora temos que fazer esse canto desde o princípio (a escolha do local);
- *Ättä edeemi 'jödö*: festa tradicional com cantos específicos para a casa nova. Esse ritual completo dura até três dias;
- *Tu 'de, kudaawa kee wataiju 'nä*: chicotear as pessoas com *kudaawa* para deixar irem embora os espíritos ruins;
- *Wekoukwanä (chöömödö)*: pescaria coletiva com timbó para limpeza corporal das pessoas;
- *Nataamei eduuwa*: por fim terminaram os processos de conhecimentos principais sobre a casa nova.

Para a construção da nossa escola, os rituais descritos de limpeza de terreno serão mais curtos; quando forem as casas, serão mais longos. Mas o que aprendi com essa experiência no mundo acadêmico da educação é que devemos seguir com a nossa escola buscando o caminho reto, de nossos saberes tradicionais, e para isso é preciso também pensar a nossa escola para além do seu espaço físico, e em acordo com o nosso pensamento tradicional, construindo a nossa casa com cuidado, pois ela representa um modo profundo de nossos saberes ancestrais.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS: Construir uma dissertação é como construir uma casa**

Construir uma dissertação é como construir uma casa. É preciso amarrar as palavras, as ideias, como ligamos e amarramos as madeiras, as vigas e os cipós das nossas casas redondas (*ättä*). No processo de escrita desse trabalho percebi que para se fazer entender no papel e na linguagem escrita é preciso conectar os assuntos, criar ligações (*wadeeku*) com os nossos saberes ancestrais, como fazemos quando construímos nossas casas tradicionais repetindo o que o nosso pai e criador *Wanaadi* nos ensinou no começo dos tempos. Por isso, o modelo que usei para pensar e construir essa dissertação é o mesmo que tomamos por referência para construir nossas casas. E é esse modo de fazer e seus rituais que serve, nesse texto, de orientação para pensarmos o futuro da nossa escolarização Ye'kwana.

Como falei anteriormente, esses anos em que estive estudando na UFMG foram muito atribulados. Como no começo do nosso contato com os brancos, fomos acometidos por uma nova pandemia, que afetou não apenas os povos indígenas, mas também o mundo todo. Nesse período, perdi parentes e amigos, como meu pai João Luiz Rocha (conhecido como João Koch), que foi o meu primeiro professor na vida, de acordo com a nossa vivência familiar. Foram anos muito difíceis e doloridos com muitas atribulações que me prejudicaram o pensamento. Mesmo assim eu consegui continuar meu curso, e estou vencendo essa batalha que foi ir morar e estudar em outro estado, longe dos meus parentes, para servir com meus aprendizados às próximas gerações dos Ye'kwana, como transmissor de conhecimentos. Desde o começo, minha intenção com esse mestrado foi de aprimorar meus conhecimentos das instituições dos brancos e seus processos de escolarização, para ajudar meu povo a encontrar o caminho certo para as nossas escolas, e não para adquirir um título acadêmico. Isso é secundário, comparado aos problemas que meu povo enfrenta, e minha vontade de ajudar a superá-los.

Antes de iniciar o mestrado, eu passei quase dez anos lecionando nas nossas escolas e ajudando como diretor de escola por nove anos e diretor da Associação Ye'kwana por dois anos. Com o tempo e com conversas que tive com alguns não-indígenas, como Daniel, passei a amadurecer a ideia de fazer mestrado em educação. Daniel estava fazendo doutorado sobre os Ye'kwana e a escolarização no Insikiran, então, quando fui aprovado e me mudei para Belo Horizonte, passamos a morar juntos, o que foi importante para a minha adaptação em viver numa cidade grande, longe de minha comunidade e de meus parentes. Durante o processo de escrita, foi muito importante o diálogo que tive com a minha orientadora, prof<sup>a</sup>. Ana Gomes, que possui experiência na área da educação e, ao longo do processo de escrita, com o prof.

Pablo, da UFRR, que conhece nossas comunidades e acompanhou parte das histórias aqui descritas. Também contei com a participação da prof<sup>a</sup>. Karenina Andrade, que é minha coorientadora.

Apesar de ter vivido apenas um ano em Belo Horizonte, foi importante conhecer alguns alunos quilombolas e indígenas. Isso ampliou meus horizontes, alterou minha mentalidade, pois pude compartilhar de outras realidades e aprender mais sobre questões como o racismo estrutural que existe na sociedade brasileira. Conviver com pessoas de realidades diferentes, mas também próximas a minha (como os outros povos indígenas, povos quilombolas, cotistas), me ajudou a socializar e a me sentir bem nessa instituição que é a universidade. Aprendi também sobre didática com os professores do curso, que valorizavam as falas dos povos indígenas e quilombolas. Todas essas experiências (bem como a de escrita do texto) me ajudaram a fortalecer meu pensamento e imaginar novas maneiras de melhorar o nosso ensino, entendendo que a escolarização é um problema não apenas para os Ye'kwana, mas também para os outros povos e para a sociedade não-indígena.

No capítulo 1, eu busquei resgatar a minha trajetória pessoal alinhada com a história da escolarização em nossas comunidades. A escolarização exigiu mudanças muito grandes em nossas vidas, pois nos levou a trilhar dois caminhos, o dos saberes Ye'kwana e o dos saberes dos brancos. Quando tinha por volta de treze anos de idade, fui um dos primeiros jovens a estudar na escola da comunidade. Tempos depois, fui um dos primeiros Ye'kwana a se formar na UFRR e ser professor concursado pela Secretaria Estadual de Educação, lotado nas escolas de nossas comunidades. Por isso a minha trajetória de vida anda em paralelo com a história e os desafios das nossas escolas e esse processo de pensar a escolarização Ye'kwana, durante o mestrado, foi tão importante para mim. A partir dele, eu pude retomar a nossa história e trazer contribuições para projetar um futuro para nossa escola e nosso povo.

No capítulo 2, descrevi como são e onde estão localizadas as nossas comunidades no Brasil e como se dá o atendimento à nossa saúde Ye'kwana. Abordei resumidamente a história ancestral do povo Ye'kwana sobre nosso criador *Wanaadi (Wana Seduume)* que vive em *Kajunnha* (céu) e aspectos de nossa cosmologia e costumes Ye'kwana (*ye'kwanakomo weichö*). Além disso, relatei como foram os primeiros contatos com os *yadaanawichomo* (os homens brancos estranhos) e as violências por eles impostas.

O capítulo 3 conta a história da nossa alfabetização e escolarização, desde os anos 1950 e 1960, quando na Venezuela os primeiros Ye'kwana tiveram contato com a escrita, até a criação de nossas primeiras escolas nas comunidades. A estrutura das escolas, como elas são

construídas, os recursos usados na sua edificação, bem como os temas, projetos atuais e o Projeto Político Pedagógico Unificado dos Ye'kwana, também foram abordados nessa parte do texto. Nesse capítulo, busquei também produzir um material que pudesse ser uma forma de comunicação com os profissionais do campo da educação, em especial os da Secretaria de Educação de Roraima, ampliando esse recado também aos profissionais de saúde.

O capítulo 4 traz a principal contribuição desse trabalho. Nele eu retomo o histórico de debates sobre o futuro da nossa escolarização e o ensino médio, nos últimos 10 anos. Descrevo em linhas gerais como ocorreram as oficinas de discussão sobre a criação de uma escola de ensino médio em nossa comunidade e como deveria ser a nossa escolarização, seguindo os dois caminhos: o dos saberes dos brancos e o dos nossos conhecimentos. Ao longo do processo de estudo no mestrado e de escrita da dissertação, percebi, em minhas pesquisas com os nossos sábios e anciãos, a necessidade de adequar as construções de nossas escolas às nossas formas de criação de espaços para novas roças e construção de casas redondas. Por isso, finalizei essa dissertação descrevendo em linhas gerais como funcionam esses rituais que podem nos ajudar na melhoria do nosso ensino, respeitando nossos modos de fazer, nossos saberes ancestrais, para criarmos escolas fortalecidas e em acordo com os nossos entendimentos tradicionais. Com isso, pretendo colaborar com esse trabalho para a educação dos povos Ye'kwana não apenas no lado brasileiro, mas também na Venezuela, a partir das histórias de nossa experiência com as escolas, contadas a partir da minha experiência pessoal.

Penso nos desafios dos jovens de hoje, com o grande problema do garimpo, com a entrada de marginais e com as violências desencadeadas. Além de pensar nas escolas que queremos construir em nossas comunidades, creio que é importante que os jovens tenham diferentes experiências, que possam conhecer outros povos, como eu conheci os Pataxó, além de saber da história de tudo que enfrentaram junto aos seus pais e continuam a luta, sem enfraquecer as ideias e as suas epistemologias.

Seu Vicente Castro também viajou muito quando jovem, aprendeu muito em diversos lugares que viveu e conheceu. Por isso penso que é importante que os jovens Ye'kwana ampliem seus conhecimentos em viagens para outros locais, conhecendo a luta de outros povos contra a mineração, a experiência de outras escolas indígenas que enfrentam processos de destruição. Não se trata só de visitar, mas de ter interações mais profundas que geram conhecimento, como nosso sábio fez. Pretendo continuar construindo esse caminho de encontros e ampliação de conhecimentos para os jovens de nossas comunidades.

## Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Karenina. “Acumulando saberes: o processo de escolarização no contexto Ye’kwana”. **Revista Teoria&Sociedade**. Número Especial: Antropologias e Arqueologias, hoje. P. 202-218, 2014.
- ANDRADE, Karenina; YUDUWANA, Vicente Castro. “A origem de tudo: uma teoria ye’kwana sobre a criação do mundo”. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1 e 2, p. 160-181, jan./dez. 2015.
- ANZALDÚA, Gloria. “La consciência de la mestiza / Rumo a uma nova consciência”. Florianópolis: **Estudos Feministas**, 13(3): p. 704-719, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. “A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura”. In: BOURDIEU Pierre, **Escritos de educação**, Petrópolis: Vozes, 1998, p. 39-64.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1973 (Cap. I, A educação – sua natureza e função.)
- ENCONTRO sobre Educação Tradicional Indígena**, realizado em 2012 pelo Grupo de Pesquisa em Educação Indígena da FAE/UFMG, atualmente registrado como Observatório da Educação Intercultural Indígena.
- FERREIRA KAINGANG, Bruno. “As crianças Kaingang: educação escolar e os processos próprios de aprendizagem”. **R@U. Revista de Antropologia da UFSCar**, 11(1) jan./jun. 2019, p.83-100.
- LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares – as razões do improvável**. São Paulo: Ática 1997.
- PANSANATO, José Guilherme Cury. **Comunidade das imagens: notas sobre a política do cinema Ye’kwana**. Dissertação de Mestrado, PPGCOM/UFMG, 2019.
- PATAXOOP, Saniwê. **A criança afina o olhar: vida e infância em Muã Mimatxi**. Dissertação de Mestrado em Educação (FAE/UFMG), 2021.
- PATAXOOP, Siwê. **As matrizes formadoras do currículo na Escola Indígena Pataxoop Muã Mimatxi**. Dissertação de Mestrado em Educação (FAE/UFMG), 2021 a.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

ROCHA, Reinaldo Wadeyuna Luiz. **Atualização da Política Escolar para o Povo Ye'kwana**. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura Intercultural. Núcleo Insikiran de Formação Superior Indígena/UFRR, 2008.

SILVA, Castro Costa da. **Transformações socioespaciais das comunidades indígenas ye'kwana e Sanumá na Região de Auaris – Roraima**. Dissertação de Mestrado em Geografia. UFRR, 2017.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias. Pesquisa e Povos Indígenas**. Tradução: Roberto G Barbosa. Curitiba: Ed. UFPR, 239 pp., 2018/1999.

*YADEWWANAADI*. **Saberes Indígenas na Escola Ye'kwana**. Relatório de Atividades (2014 – 2018). Coordenação: Isabella Coutinho Costa (UERR) e Karenina Vieira Andrade (UFMG), 2014-2018.

YOUNG, Michael. **Para que servem as escolas?**. Educação & Sociedade, Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007.